



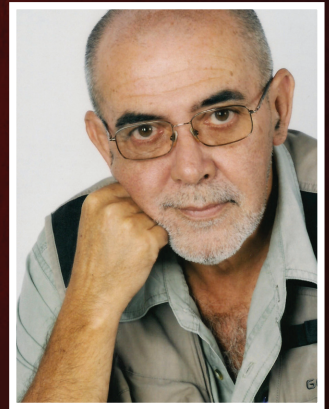
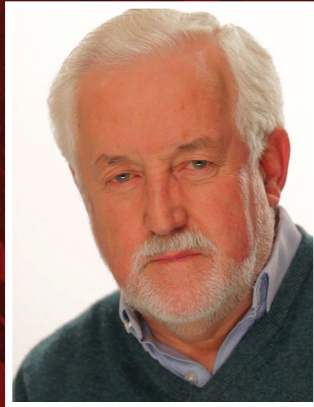


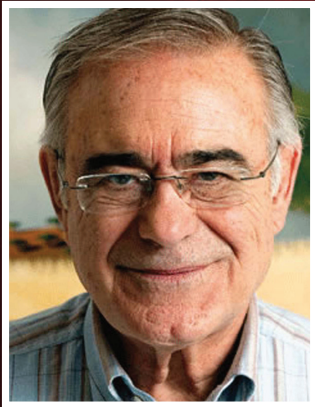
ANAIS DO IV ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

LITERATURA E LUSOFONIA

2013







Ficha Técnica

Título

LITERATURA E LUSOFONIA
ANAIIS DO IV ENCONTRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA 2013

Edição

UCCLA

Coordenação

Rui D'Ávila Lourido

Editora

Maria do Rosário Rosinha

Fotografia

Anabela Carvalho | UCCLA

Ilustrações

Vários autores e fontes

Design e paginação

Catarina Amaro da Costa | Departamento de Marca e Comunicação | SG | CML

ISBN

978-989-20-5539-8

Impressão

Imprensa Municipal

Tiragem

750 exemplares

Apoio



Outubro 2015

Os textos incluídos nesta obra, *Literatura e Lusofonia 2013*, são da responsabilidade exclusiva dos seus autores. A presente edição segue a grafia do Acordo Ortográfico.

ANAIS DO IV ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

**LITERATURA
E LUSOFONIA**
2013




NATAL



📍 *Na Rua*, Kiki Lima (Cabo Verde), 2011

Língua



Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há-de negar que esta lhe é superior
E deixa os Portugais morrerem à míngua
“Minha pátria é minha língua”
Fala Mangureira
Fala!

Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
o que pode
Esta língua?

Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas! Cadê? Sejamos imperialistas!
Vamos na velô da dicção *choo choo*
de Carmem Miranda

E que o Chico Buarque de Hollanda nos resgate
E – xeque-mate – explique-nos Luanda
Ouçamos com atenção os deles e os delas
da TV Globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
Sejamos o lobo do lobo do lobo do homem
Adoro nomes
Nomes em ã
De coisas como rá e ímã
ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã
Nomes de nomes
como Scarlet Moon e Chevalier
Glauco Mattoso Arrigo Barnabé
e Maria da Fé

Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
o que pode
Esta língua?

Se você tem uma idéia incrível
É melhor fazer uma canção
Está provado que só é possível
Filosofar em alemão
Blitz quer dizer corisco
Hollywood quer dizer Azevedo
E o recôncavo, e o recôncavo, e o recôncavo
Meu medo!

A língua é minha Pátria
eu não tenho Pátria: tenho mátria
Eu quero frátria

Poesia concreta e prosa caótica
Ótica futura
Samba-rap, chic-left com banana
Será que ela está no Pão de Açúcar
*Tá craude brô,
você e tu
lhe amo
Qué qu'eu te faço, nego?
Bote ligeiro
Ma 'de branquinho, Ricardo! Teu tio vai ficar desesperado
Ó Tavinho, põe camisola pra dentro, assim mais parece um espantalho!
I like to spend some time in Mozambique
Arigatô, arigatô!
Nós canto-falamos
Como quem inveja negros
Que sofrem horrores no gueto de Harlem
Livros, discos, vídeos à mancha
E deixe que digam, que pensem, que falem.*

Caetano Veloso

ÍNDICE

<i>Poema “Língua” de Caetano Veloso</i>	9
§ Texto de Apresentação	
UCCLA (União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa)	17
§ Introdução	19
§ <i>Tema Geral</i> OS PRAZERES DA VIDA	
§ 1º Capítulo A Literatura e o Humor	25
<i>Poema “Pecado Original” de Caetano Veloso</i>	27
OS PRAZERES DA VIDA	
Germano Almeida (Cabo Verde)	29
O HUMOR E A LITERATURA: NOTAS SOBRE O CASO ANGOLANO. Confissões...	
António Fonseca (Angola)	39
DESENRASCAR A VIDA EM MAPUTO	
O Humor como Transfiguração do Real Quotidiano	
Luís Carlos Patraquim (Moçambique)	49

§	2º Capítulo A Literatura e a Gastronomia	57
	<i>Poema “Vamos Comer” de Caetano Veloso</i>	59
	UMA CERVEJA ASSÍRIA, DEPOIS DE ADULTA, É UM POEMA	
	Afonso Cruz (Portugal)	63
	GASTRONOMIA E LITERATURA	
	José Carlos de Vasconcelos (Portugal)	66
§	3º Capítulo A Literatura e o Erotismo	75
	<i>Poema “Vincó” de Caetano Veloso</i>	77
	O EROTISMO É COMO O SEXO: cada pessoa tem um (eventualmente dois)	
	Mário Zambujal (Portugal)	79
	O CONTO NA OBRA DE TRÊS ESCRITORES MACAENSES	
	Celina Veiga de Oliveira (Macau)	85
	PEQUENOS E GRANDES PRAZERES: O CORPO	
	João de Melo (Portugal)	90
	EM MALANZA	
	Goretti Pina (São Tomé e Príncipe)	94
	O LÁBIO CEGO	
	Nuno Camarneiro (Portugal)	106
	<i>Poema Coletivo “Lusofonia”</i>	111
§	Fotografias do IV EELP	114
§	Programa do IV EELP	125
§	Referências Bibliográficas	127

ANAIS DO IV ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

**LITERATURA
E LUSOFONIA**
2013





UCCLA

A UCCLA – União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa tem vindo, de há uns anos a esta parte, a promover encontros de escritores de língua portuguesa.

Os quatro primeiros encontros tiveram lugar na cidade do Natal, associada da UCCLA, capital do Rio Grande do Norte, Brasil.

No quarto encontro, que justifica a apresentação e divulgação do presente livro, os temas que serviram de base às intervenções e aos debates que se lhe seguiram, sempre muito participados, foram “*Os prazeres da vida*”.

O facto da língua portuguesa ser hoje a quinta mais falada no mundo e a primeira do hemisfério sul, em resultado de encontros seculares entre povos de vários continentes, oficialmente adotada por nove países que integram a CPLP e representando mais de duzentos e cinquenta milhões de pessoas, não é uma questão menor neste mundo global.

E não é uma questão menor uma vez que, face à liberdade de circulação de pessoas que hoje é crescente, a língua e a escrita em português passaram a ser poderosos veículos no relacionamento social, económico, político e, naturalmente, cultural à escala planetária.

Daí a importância dos encontros de escritores que escrevem em português, promovidos pela UCCLA. No IV Encontro houve mais uma vez a preocupação

em convidar e fazer participar personalidades do mundo das letras que deram e têm dado contributos muito relevantes à cultura universalista e tolerante dos países de expressão oficial portuguesa e à lusofonia no seu conjunto.

Os subtemas deste Encontro, Literatura e Humor, Gastronomia e Erotismo, fizeram refletir, pela excelência das intervenções, a natureza específica dos relacionamentos culturais entre os povos de língua oficial portuguesa.

A presente publicação, que agora se divulga, possibilitará, estou seguro disso, um ainda maior conhecimento de temas particulares de uma cultura miscigenada que faz parte do património imaterial comum dos povos que falam português.

Na qualidade de Secretário-Geral da UCCLA não poderia deixar de registar o contributo de todos os colaboradores desta instituição e em particular do Dr. Rui Lourido, para o êxito do IV Encontro, agradecendo ainda a hospitalidade do Senhor Dr. Carlos Eduardo Alves, Prefeito de Natal, no acompanhamento da comitiva. Por fim, deixo uma palavra de reconhecimento e gratidão aos grandes escritores de língua portuguesa que nos deram a honra de aceitar os convites que lhes dirigimos.

A todos, bem-hajam!

Vitor Ramalho
Secretário-Geral da UCCLA



Introdução

Refletir sobre “Os prazeres da vida” foi o desafio colocado à criatividade dos escritores lusófonos convidados para o IV EELP, que decorreu na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, em Novembro de 2013. Como veremos nos textos incluídos neste livro, foi um desafio criativamente superado.¹

Foram sugeridos 3 subtemas – Gastronomia, Erotismo e Humor, cuja dificuldade de abordagem residia precisamente em dizer algo de novo sobre temas que estão desde os princípios da Humanidade ligados à sua vivência quotidiana. Contudo, nem sempre reconhecidos com a dignidade suficiente para serem transpostos para a literatura considerada “séria”, seja lá isso o que for. Visto que literatura ou é boa ou não é, independentemente do objeto e tema da sua reflexão. Exige-se isso sim que ela reflita, de forma artística e criativa, sobre o Homem e as condicionantes da sua existência.

O primeiro tema a ser abordado foi o do Humor.

A vida revela-nos uma inesgotável capacidade do ser humano em ironizar com todas as facetas da nossa existência. Sendo que todo o Humor o é na medida que se apresenta ao observador, ao ouvinte ou ao leitor, como transfiguração do real. Sendo

¹ O leitor encontrará neste volume os textos apresentados ao IV EELP e que nos foram enviados pelos seus autores para publicação.

tanto mais socialmente transformador na medida em que nos faça crescer com uma chamada de atenção sobre nós próprios, sobre a nossa relação com o outro ou com a natureza.

A abrir o presente livro temos o escritor cabo-verdiano Germano Almeida, que sintetizou no seu texto, *“Os prazeres da vida”*, os três subtemas eloquentemente, numa abordagem globalizante, socorrendo-se de escritores contemporâneos e antigos (da Bíblia ou do Kama Sutra a Isabel Allende) para demonstrar a modernidade e a pertinência do tema no mundo global de hoje.

Socorreu-se de Isabel Allende para referir: *“Não consigo separar o erotismo da comida e não vejo razão para o fazer, pelo contrário, pretendo continuar desfrutando os dois (erotismo e comida) enquanto as forças e o bom humor mo permitirem.”*

Germano cita Renan para afirmar que o humor é o maior encanto da vida. O erotismo e o humor são grandes dádivas da nossa sociedade e é verdade que o cabo-verdiano é um povo extremamente bem-humorado.

Germano Almeida, analisando a literatura cabo-verdiana, refere-nos que a Gastronomia, o Erotismo e o Humor não são propriamente temas muito desenvolvidos mas, por isso mesmo, os hábitos gastronómicos, eróticos e humorísticos têm um grande potencial de crescimento no contexto literário cabo-verdiano.

Podemos interpretar o texto de Germano como um manifesto de ação, bem-humorado, em que cada um implemente a seu jeito o usufruto e o gozo da gastronomia, do erotismo e do humor como o melhor programa para uma vida realizada e feliz.

“O Humor e a Literatura: Notas sobre o caso angolano. Confissões...” é o texto do escritor angolano António Fonseca. Nele o autor faz uma breve caracterização do texto de humor: *“São inúmeras e variadas as formas de texto de natureza humorística, considerados como literatura por uns e por outros não, nomeadamente a anedota, a piada, a charge e por aí adiante... porém, creio que estaremos todos mais ou menos de acordo que qualquer um deste tipo de textos e, particularmente, a anedota, têm um sentido crítico em relação a factos da vida em sociedade com incidência particular nos factos políticos e no que tange a transgressão das normas chamadas virtudes.”*

Fonseca passa em revista alguns dos textos da literatura angolana atual e presenteia-nos depois com um conjunto de histórias bem-humoradas que, no seu entender, melhor ilustram o típico Humor angolano satírico e crítico.

“Desenrascar a Vida em Maputo”, foi o título escolhido pelo escritor moçambicano Luís Carlos Patraquim para abordar vários aspetos do humor no quotidiano da sociedade moçambicana. Patraquim identifica-nos uma profícua

tradição de humor popular, que ajuda a sublimar as dificuldades e carências do respetivo quotidiano: *“Há um humor popular bem mais dinâmico do que aquele que se revela, por exemplo, na literatura moçambicana, com algumas exceções. No teatro, no cinema, na música e na dança, o humor e a ironia estão mais presentes. Mas é na rua que pulsa a inventividade, no desenrascanço de si e na transfiguração do real quotidiano”*.

Neste contexto se insere o sarcasmo, a ironia fina ou a anedota sobre abusos ou, simplesmente, situações percecionadas como merecedoras de crítica social, aliás como acontece em muitas outras sociedades europeias e africanas. O autor sintetiza a sua motivação afirmando: *“Este texto pretende ser uma homenagem àquilo que considero ser uma poética da vida, mais do que um artifício para a sobrevivência”*. Patraquim tem o cuidado de terminar este seu interessante e irónico texto anexando uma lista de palavras ou expressões moçambicanas com a explicação do respetivo significado.

Gastronomia e Literatura

Essencial à sobrevivência, o ato de alimentação rapidamente ultrapassou a simples tarefa de ingerir os ingredientes necessários à existência para se transformar no mais divulgado ritual cultural, que reflete as condições específicas da civilização em que se insere e da qual emana. Não podia desta forma deixar de se refletir de forma recorrente na literatura.

Afonso Cruz é o autor do texto intitulado *“Uma cerveja assíria, depois de adulta, é um poema”*. A tese aqui defendida pelo escritor é a de que a cerveja estaria na origem dos *livros*, dos *escritores*, da *literatura* e das *bibliotecas*. Na medida em que o processo de sedentarização permitiu a agricultura e desta resultou a possibilidade de acumulação de cereais, a descoberta da fabricação de cerveja. Somos levados a concordar com Afonso Cruz quando nos refere que *“não haveria escritores nem leitores se o homem não se sedentarizasse, se não fosse pela cerveja. Qualquer livro que lemos, é um subproduto da cevada”*. Interessante a informação que nos fornece – *“No código de Hammurabi, a cevada valia mais do que a prata. A taxa sobre a cevada emprestada era muito superior à correspondente em prata”*. Neste contexto a cerveja pode ser vista como um elemento importante *“do homem construído com livros, com bibliotecas, do homem cheio de palavras escritas. É um lugar de sociabilização e de sobrevivência. É a mesa e o espírito. A cerveja, depois de digerida, é um poema”*.

José Carlos de Vasconcelos, no texto *“Gastronomia e literatura”*, considera que a *“Grande parte, decerto a maioria, dos criadores tem uma relação especial, frequentemente*

sensual, com a comida e a bebida". Neste contexto, o poeta destaca alguns escritores lusos e brasileiros, nomeadamente, "Para dar só meia dúzia de exemplos, de escritores dos nossos dois países meus amigos próximos, cito, do Brasil, os fraternos Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro, e a Nélide Piñon (mas também podia falar, noutra plano, do Rubem Braga, do Zuenir Ventura ou do 'silencioso' Luís Fernando Veríssimo, para não referir o óbvio Vinicius); e, de Portugal, entre os nossos escritores mais destacados, o poeta José Gomes Ferreira, o romancista José Cardoso Pires, o ficcionista e dramaturgo Luís Sttau Monteiro, que foi até um iniciador, sob pseudónimo, da crítica gastronómica (e se falasse de artistas podia referir o Manoel de Oliveira, o cineasta mais velho do mundo em atividade, com quem, tinha ele cem anos – hoje tem 104² – ainda almocei e jantei vendo-o comer e beber bem, com gosto e sem restrições)". De entre todos, J.C. Vasconcelos destaca Eça de Queirós, em cuja obra um estudioso queirosiano regista o impressionante número de um "total 4488 citações sobre comidas e 1196 sobre bebidas" de entre as quais, 484 sobre vinhos.

O Erotismo na Literatura

Naturalmente que, na reflexão da literatura sobre os prazeres da vida, o erotismo não podia faltar. *A Literatura e o Erotismo* foi o terceiro tema a ser debatido no IV EELP e é consubstanciado no 3º capítulo deste livro, para o qual um maior número de escritores (cinco) escreveram e nos enviaram as suas contribuições. Concordando todos eles que a tensão sexual se amplifica da mera pulsão reprodutiva para invadir transversalmente as diferentes esferas da perceção humana, logo é igualmente um fenómeno que não podia deixar de influenciar a literatura numa diversidade de olhares e de intensidades.

Mário Zambujal intitulou o seu texto de "*O Erotismo é como o Sexo: cada pessoa tem um (eventualmente dois)*", considerando que "*Não há cérebro humano que não comporte a sua dose particular de erotismo. Pertence-lhe, como qualquer outro traço da personalidade*". O autor refere-se à Pornografia como a exposição explícita do sexo, ao cair na vulgaridade, na ausência de suspense e de fantasia e na ausência da perceção do inalcançável. O que o distingue do Erotismo, porque os produtores de conteúdos pornográficos "*guiam-se pela presunção de que o erotismo deles é padrão*

² Em 2013

do erotismo geral". A ironia perpassa por todo este texto, bem-humorado, de Mário Zambujal, referindo a terminar que "o erotismo é uma riqueza espiritual ... mas pode conduzir ao mais cruel sofrimento. É um pau de dois bicos."

Celina Veiga de Oliveira, em representação da cidade de Macau, intitulou o seu texto de "O Conto na obra de três escritores macaenses", para homenagear Deolinda da Conceição, Maria Pacheco Borges e Henrique de Senna Fernandes. Estes três famosos escritores associam e erotizam o papel da mulher ao caracterizá-la integrada e submissa à subalternidade do seu papel social e ao poder patrilíneo da sociedade Luso Chinesa vigente em Macau. O erotismo é valorizado nestes contos pela sensualidade e elegância femininas e, para além da sua beleza física, são enaltecidas a sua pureza, a sua atitude doce e a tristeza de muitas das suas histórias de vida. Apesar do carácter surpreendente do final de algumas destas obras, como acontece com um dos contos de H.S. Fernandes, elas não deixam de ter como referência maior os atributos físicos femininos, a clássica formosura, a tristeza dos amendoados e melancólicos olhos.

O escritor João de Melo, no seu texto "*Pequenos e grandes prazeres: o corpo*", refere que entre uns e outros "flui e baloiça a corda metafísica da felicidade". A felicidade é um privilégio das pessoas simples, que usufruem das pequenas coisas não deixando de prosseguir um sonho maior, um ideal. Os intelectuais, pelo contrário, vivem angustiados com problemas metafísicos, centram-se no alcance dos grandes prazeres, não fruindo das coisas simples da vida. Ao abordar o corpo refere que os pequenos e grandes prazeres são-nos oferecidos por este ao longo de uma vida e, nesse sentido, sofrimento ou doenças são apenas algumas ingratidões que devemos aceitar do muito prazer que o corpo nos proporcionou. O autor caracteriza o seu próprio corpo e o muito que lhe deve.

João de Melo revela-nos a sua capacidade de ver para além do visível, da multiplicidade de desejos e de sentires. O autor tem o privilégio, para além da realidade, de continuar a poesia do amor e a poética da prosa, considerando-se um viajante e um inventor de intimidades.... Para o autor, o erotismo na literatura é um desafio que convoca o domínio de técnicas de sedução e de aptidões do sexo mas, sobretudo, o conhecimento do feminino. Com ironia, refere que os poetas não são de "fiar", alertando as senhoras para a fé que devem ter nos ficcionistas.

Para Nuno Camarneiro, no seu texto "*O Lábio Cego*", a literatura e o erotismo, sendo visões globais que, a seu modo, tudo envolvem, deverão estar intimamente relacionados e, contudo, de um ponto de vista prático, refere-nos não lhe parecer existir uma relação de dependência entre eles.

O escritor discorre sobre o facto de o amor estar presente na obra de qualquer autor, dos clássicos aos contemporâneos, fazendo uma incursão sobre diferentes considerações de erotismo e pornografia, afirmando da maior dificuldade de verter num texto reflexões explícitas sobre sexo sem parecer vulgar ou pornográfico. Pelo contrário, a linguagem poética é um terreno fértil para o devaneio e para uma expressão erótica mais intensa e sublime.

Resta-nos desejar ao leitor que aprecie e se delicie com a beleza e criatividade dos textos aqui publicados.

Rui d'Ávila Lourido, Coordenador Cultural da UCCLA



1º CAPÍTULO
**A LITERATURA
E O HUMOR**

1. GERMANO ALMEIDA | **Os prazeres da vida**
2. ANTÓNIO FONSECA | **O humor e a literatura:
notas sobre o caso angolano. Confissões...**
3. LUÍS CARLOS PATRAQUIM | **Desenrascar a vida em
Maputo. O humor como transfiguração do real
quotidiano**



Pecado Original

Todo dia, toda a noite,
toda hora, toda madrugada,
momento e manhã
Todo mundo,
todos os segundos do minuto vivem
a eternidade da maçã
Tempo da serpente, nossa irmã
Sonho de ter uma vida sã

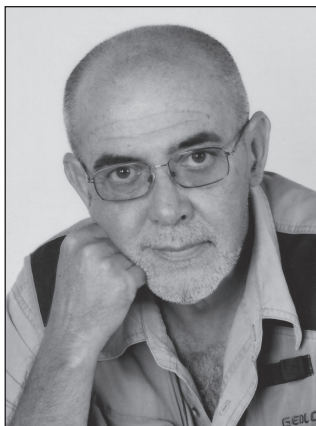
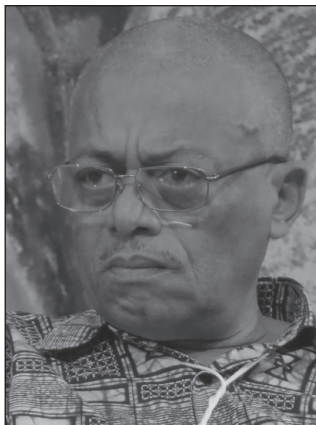
Quando a gente volta
o rosto para o céu
e diz olhos nos olhos da imensidão
Eu não sou cachorro não!
A gente não sabe o lugar certo
de colocar o desejo.

Todo beijo, todo medo,
todo corpo em movimento
está cheio de inferno e céu
Todo santo, todo canto, todo pranto,
todo manto está cheio de inferno e céu
O que fazer com o que Deus nos deu?
O que foi que nos aconteceu?

Quando a gente volta
o rosto para o céu
e diz olhos nos olhos da imensidão
Eu não sou cachorro não!
A gente não sabe o lugar certo
de colocar o desejo

Todo homem, todo lobisomem
sabe a imensidão da fome
que tem de viver
Todo homem sabe que essa fome
é mesmo grande,
até maior que o medo de morrer
Mas a gente nunca sabe mesmo
Que é que quer uma mulher.

Caetano Veloso



IV ENCONTRO DE ESCRITORES
DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Conferencistas do 1º tema,
A LITERATURA E O HUMOR**

EM CIMA:

*Da esquerda para a direita,
Germano Almeida e António Fonseca*

EM BAIXO:

Luís Carlos Parraquim



OS PRAZERES DA VIDA

GERMANO ALMEIDA

Dentro do grande tema OS PRAZERES DA VIDA, a UCCLA convida-nos a escolher e falar de:

- Literatura e Erotismo
- Literatura e Gastronomia
- Literatura e Humor

Começo por referir que a escolha dos temas revela um assumido amor à vida e ao seu deleite, e a sua junção não poderia ser mais feliz. Porque se bem virmos a realidade da nossa existência, teremos que concluir que a gastronomia, o humor e o erotismo (por essa ordem!), são os três sustentáculos sobre os quais assenta a vida de qualquer ser humano interessado em viver em alegria, bem-estar e paz consigo próprio e com o mundo em redor.

Mas tenho para mim, e estou convencido que os meus colegas concordarão comigo, que pretender isolar de entre todos esses deliciosos PRAZERES DA VIDA, seja o humor, seja a gastronomia, seja o erotismo – para o efeito de, sobre cada um deles, proceder a análises separadas e individualizadas, é não só algo forçado, como até, diria mesmo, tarefa na prática impossível de ser realizada.

É que na realidade do gozo da vida e, portanto, forçosamente também no divertimento que proporciona a literatura, seja na sua criação, seja simplesmente na sua frui-

ção, esses ditos três subtemas: gastronomia, humor e erotismo, não são, ou pelo menos não formam, mais que um único e perfeitamente individualizado tema, pois que se encontram ligados entre si de forma indissolúvel, pelo que qualquer tentativa para os dissociar está à partida necessariamente condenada a antecipado fracasso.

Aliás, a criação literária em geral e os criadores em particular têm-se ostensivamente recusado a fazê-lo. Poderia provar a minha asserção invocando diversos autores apanhados ao acaso, mas vou citar apenas uma autora, escolhida entre dezenas de outras em homenagem ao bem-humorado desassombro com que trata o tema da gastronomia, humor e erotismo: Isabel Allende!

No seu excelente e recomendável livro *Afrodite – Histórias, Receitas e Outros Afrodisíacos* que chamou de “divagações eróticas” dedicadas aos amantes brincalhões, aos homens assustados e também às mulheres melancólicas, afirma Allende categoricamente:

“Não consigo separar o erotismo da comida e não vejo razão para o fazer, pelo contrário, pretendo continuar desfrutando os dois (erotismo e comida) enquanto as forças e o bom humor mo permitirem.”

Eis, pois, como ela, propositadamente ou não, reúne de forma feliz e numa única frase, a gastronomia, o humor e o erotismo.

Comecei por citar Allende mas, na verdade, podia ter recuado mais atrás, ir à Mitologia, falar desses deuses deliciosamente humanos, seja qual tenha sido a parte do mundo onde foram criados, que se enfrascavam de ambrósia e se compraziam em celestiais jogos eróticos.

Mas sem querer ir tão longe, fico simplesmente pela Bíblia Sagrada, tida como o livro dos livros que contém toda a sabedoria e verdade, tanto sobre o ser humano como sobre o ser divino. E a Bíblia não hesita em mostrar-nos o caminho da salvação e salvaguarda da espécie humana, através da maravilhosa história de Lot e suas duas jovens e incestuosas filhas.

Como se sabe, Lot mais a família, mulher e duas filhas, foi retirado de Sodoma, cuja destruição Deus tinha ordenado. Partiram com a expressa recomendação divina de, acontecesse o que acontecesse, ouvissem o que ouvissem, nunca por nunca voltar a cara para olhar para trás. Sabe-se que a mulher de Lot não resistiu à curiosidade, quis espreitar a confusão que sentia estar a passar na sua retaguarda, e os seus parentes viram-na instantaneamente transformada numa estátua de sal.

Bem, aí concluíram que o Divino, farto de sucessivas desobediências humanas, desta vez não estava propriamente a brincar com aquela ordem, e seguiram adiante sem voltar a cara ou refilar, até à sua nova terra onde se instalaram com agrado e vantagem.

Mas depois de ali estarem algum tempo, vendo a terra e o património do pai a desenvolver, certo dia as duas manas tomam consciência de uma situação gravíssima: com a mãe feita sal e mais nenhuma mulher nas redondezas, a descendência paterna está fatalmente condenada a desaparecer! E também sabem que têm o dever sagrado de não deixar que tal aconteça, acabar a raça do pai será uma calamidade imperdoável. Há, pois, uma única maneira de evitarem esse desastre: engravidarem do seu próprio progenitor!

Isso decidiram elas. Mas como convencer o pai que sabem cheio de princípios e valores e temores ao Altíssimo e que logo veria nisso um crime infame? Em resumo, sabem que não podem contar com o consentimento consciente do velho. E por isso mesmo, e para seu próprio bem, ele tem que ser levado ao engano.

As moças conheciam bem o pai e sabiam que ele tinha uma fraqueza, quase um vício: adorava coelho guisado! Via ou sentia o perfume de coelho guisado e logo a sua tensão se descontrolava, ficava nervoso, começava a salivar feito um bode em cio.

E então, para melhor o engodar, num certo dia, propositadamente escolhido pelas mesmas, as filhas preparam-lhe uma bela ceia com um gordo coelho. Temperado com salva (a salva é tida como a erva da fertilidade), e também com o pó da raiz de mandrágora, que é uma substância que provoca delírios e fantasias eróticas. Tudo isso muito bem regado com um bom vinho de uma região que o pai muito estimava.

Lot, sem desconfiar do propósito das filhas, chega a casa e logo se inebria com o perfume do coelho na panela. Rapidamente lava as mãos e senta-se à mesa e começa a regalar-se com a deliciosa refeição que come até ao fim e ainda lambe o tacho.

Resumindo: o coelho guisado repete-se por duas ceias seguidas e por duas noites seguidas, um bem alimentado e bem embebedado e sonolento Lot conhece, no sentido rigorosamente bíblico do termo, as suas duas filhas, agindo como se sonhasse cenas eróticas depois de tão bem alimentado. E com tanto proveito e eficiência, diga-se de passagem, que ambas vieram a ter cada uma um filho, assim originando as tribos dos Moabitas e dos Amonitas.

Mas já que falei da Bíblia, acho que vale a pena lembrar agora o livro *O Jardim Perfumado*¹, famoso manual árabe sobre a arte e os prazeres do amor físico. É um livro com 20 capítulos, essencialmente dedicado a aconselhar os amantes acerca da arte de bem amar, das coisas de que as mulheres e os homens devem praticar ou fugir, etc,

¹ Manual sobre a arte do amor, da autoria do Xequê Muhammad al-Nafzawi (ou Nefzaudi), escrito entre 1410 e 1434

sendo que o último capítulo, precisamente o 20º, é dedicado aos bons efeitos no amor das variedades de comida úteis, com particular ênfase na deglutição de ovos como favorável a um coito de qualidade. De caminho ensina outras receitas como, por exemplo, esta: “aquele que descasca cebolas, as põe numa caçarola com azeite e gemas de ovos, adquirirá um insuperável vigor para o coito se comer desse prato durante muitos dias”. O próprio *Kama Sutra*, o livro que enfatiza a arte e os modos de praticar o sexo, para além das acrobacias amorosas mais improváveis, não desdenha lembrar que a ciência do amor se desempenha muito melhor com o estômago satisfeito e também com a mente lúcida.

Vemos assim que os prazeres da mesa, a chamada “arte sensual da comida”, desde sempre estão indissolavelmente associados aos da cama. Ainda que seja verdade, como melhor direi adiante, que, lamentavelmente, do meu país não me posso vangloriar desse matrimónio porque sendo nós abundantes em erotismo e humor, em termos gastronómicos somos fraquinhos, a comida nos escasseia.

Mas dentro dessa trilogia Gastronomia, Humor e Erotismo, que lugar deve ser reservado ao Humor?

Ernest Renan, homem sério do século XIX, francês, escritor, filósofo, historiador, muito dedicado a assuntos transcendentais que à primeira vista mais deviam convidar à reflexão ascética, permitiu-se afirmar, alto e bom som, que “O bom humor é o maior encanto da vida.”

Mas aqui chegados, quero agora fazer um breve parêntesis. Temos estado a falar dos prazeres da vida, dos encantos da vida, e talvez não seja despropositado, ainda que a título de curiosidade, ver algumas das diversas e diferentes definições de vida que não poucos autores nos vêm propondo.

Porque pode-se dizer que todos os pensadores de alguma importância, sejam escritores, filósofos ou outros, têm-se achado no direito ou então na obrigação de propor um conceito ou definição da vida.

Estive a espreitar alguns entre uma centena e escolhi os fulanos que me são mais familiares:

Começo com Camus. Creio que foi a propósito da destruição de Hiroshima pela bomba atómica americana em 1945 que um lúcido, ainda que muito pessimista, Camus escreveu que:

“Antes, a questão era descobrir se a vida precisava de ter algum significado para ser vivida. Agora, ao contrário, ficou evidente que ela será vivida melhor se não tiver significado.”

Mas nem todos comungam desse pessimismo doentio de Camus acerca da existência. Arthur Lundkvist, um escritor sueco que viveu 85 anos e morreu não faz muito tempo, dizia que:

“Há uma alegria selvagem em estar vivo. Há uma embriaguez da existência. Cada hora é uma amante para o meu desejo infinito.”

Por sua vez, o boêmio Frank Sinatra ensina que:

“A grande lição na vida é nunca ter medo de ninguém, nem de nada. Só se vive uma vida, e da maneira que eu vivo, uma vez é suficiente.” Sinatra faz lembrar o poeta irlandês Keats na bela ode em que proclama:

“Aqueci ambas as mãos no fogo ardente da vida!/ Ela extingue-se e estou pronto para partir!”

No entanto, nem todos têm da vida a alegre perspectiva de Lundkvist, ou de Sinatra ou de Keats, nem de uma personagem de um dos livros da escritora brasileira Nélida Pignon, um homem já velho que acordava em cada manhã, abria a janela do seu quarto e gritava alegremente para a rua para toda a gente ouvir, “Estou vivo, acordei vivo!”.

Creio, aliás, que conforme a nossa formação, a nossa cultura pessoal e até o nosso humor, assim também perspectivamos e definimos o que entendemos como vida. Lembro-me sempre do lúbrico velho holandês, comilão e bebereão, de nome Peeperkorn, personagem de Thomas Mann no inesquecível livro *A montanha mágica*. Peeperkorn identifica a vida com o erotismo e vive eternamente angustiado e torturado, obcecado pelo medo de fracassar perante a vida, isto é, perante o lado erótico da vida.

“A vida”, ensina ele a um prosaico jovem alemão, “é uma mulher deitada, com os seios exuberantes e apertados, o ventre amplo e macio entre as ancas salientes, braços delgados, coxas redondas e olhos semicerrados, que, na sua provocação magnífica e zombeteira, exige o nosso mais alto fervor, toda a tensão do nosso prazer de macho...”.

Peeperkorn é particularmente severo quando julga a impotência, que considera como o fim, o desespero infernal, o crepúsculo do Mundo:

“A derrota do sentimento em face da vida, é a insuficiência para a qual não há nem perdão, nem compaixão, nem dignidade, mas que é inexorável e sardonicamente amaldiçoada, liquidada e vomitada... Ignomínia e desonra são palavras brandas para essa ruína e bancarrota, para esse pavoroso ridículo”.

Na definição deste conceito, vemos Mr. Peeperkorn claramente identificando a vida com a sagrada religião do erotismo, porém já sem o tempero e a sabedoria do humor, necessário para amenizar a humilhação e as longas dores do fracasso. E daí “esse pavoroso ridículo, esse desespero infernal, esse crepúsculo do Mundo”.

É que sermos capazes de nos rirmos de nós próprios é a maior bênção que podemos ambicionar. Os cientistas da Antiguidade, como Hipócrates e companhia, situavam o bom humor na região do corpo que fica entre o estômago e o intestino. Se virmos bem, parece seguro que terão razão, um homem faminto ou então um homem com prisão de ventre, nunca poderá ser ou estar bem-humorado. E é também certo que seguramente não tem razões para isso.

Mas, como bem diz o acima citado Renan, o humor é o maior encanto da vida! Pessoalmente, estou também convencido dessa verdade. Tenho uma amiga, engenheira de profissão, um grande quadro técnico em Cabo Verde, uma mulher extremamente bonita e inteligente. Hoje é uma senhora casada e mãe de filhos. Quando moça casadoira, teve uma coleção de rapazes bem apessoados e bem colocados na sociedade pretendendo a sua mão, até porque o pai tinha boas propriedades em Santo Antão e ela, como única herdeira, era sem dúvida um bom partido, quer fisicamente, quer materialmente. Bem, entre todos os pretendentes, ela escolheu um que, além de ser o mais feio, era também aquele que tinha menores qualificações literárias e, portanto, profissionais. O pai, sem pretender interferir na escolha, estranhou no entanto e perguntou à filha, “mas porque este entre todos os outros?” E ela respondeu, singela, “Porque ele me faz rir!”

Ele me faz rir! Eu conheço o casal e os pretendentes preteridos, todos homens bem colocados na sociedade, gente circunspecta que carrega ou finge carregar Cabo Verde em peso sobre os seus frágeis ombros e portanto sem tempo nem forças para sorrir ou provocar um sorriso, quanto mais dar uma sonora gargalhada. O casal continua bem, embora ele esteja mais feio porque ri-se muito e sem dúvida que o riso provoca rugas. Porém, alguém já observou e com razão que “todo o ser humano a sorrir é belo” e ela continua a achar o seu feio maridão o homem mais belo do mundo.

É que a capacidade de não nos tomarmos a sério é uma graça que seria divina se o próprio Deus não fosse um ser tão cioso de si e dos seus poderes. Há tempos li uma frase cuja verdade me impressionou: “O maior erro de um homem é permitir que outro homem faça a sua mulher sorrir”.

Não sei se isso é algo evitável, outro homem fazer a nossa mulher sorrir. Agora, que é um risco grande, isso sem dúvida que é, a literatura está cheia de grandes amores que tiveram início numa gargalhada ou, na maioria das vezes, num simples sorriso. A par igualmente de grandes crimes passionais de homens e mulheres que se deixaram arrastar pelo ciúme de ver o seu companheiro seduzido por uma nota de humor, uma gargalhada ou um elogio.

Lembro-me da minha juventude na Boa Vista. Naquele tempo ainda era desconhecido ou então interdito o uso social do piropo e as meninas protestavam veementemente sempre que ouviam um rapaz dizer, “Menina, estás muito bonita!”. Pessoalmente, fui por diversas vezes insultado por moças pelas quais passava e dizia, “Estás linda!”, “Linda é a tua mãe”, respondiam com violência, “se não sabes o nome dela eu ensino-te com uma pedrada, seu atrevido de merda!”

Hoje em dia já não é assim, hoje um elogio é sempre bem recebido, a gente pode dizer a qualquer mocinha de três anos, “És linda!” E ela responde com um sorriso e um encantador “obrigado!”, tão delicioso de ouvir que poderíamos passar o tempo a repetir a frase.

Disse acima que o erotismo e o humor são grandes dádivas da nossa sociedade e é verdade que o cabo-verdiano é um povo extremamente bem-humorado. Não só aprendeu a comer pedras para não morrer de fome, como também aprendeu a rir da sua própria fome, de tal modo que poderia até justificar-se entre nós uma literatura humorística.

E, no entanto, no geral, a nossa literatura tem muito pouco humor, não só os autores mas as próprias personagens são todas pessoas muito comedidas até no uso e colocação das palavras.

Ora não tendo a ver, esse modo de escrever, com a nossa índole nacional, sou tentado em dizer que tem a ver com a língua, com o uso da língua portuguesa na escrita.

É que a vida em Cabo Verde decorre quase exclusivamente em crioulo e para a generalidade da população a língua portuguesa é uma língua estrangeira. Uma língua estrangeira com a qual se está grandemente familiarizado em termos de ouvir, de entender mais ou menos, mas não já em termos de praticar, quanto mais usar com regularidade. É que, para a maioria da população, o primeiro contacto escrito e até algum uso da língua portuguesa, começa na escola. E, para muitos, continua pela vida fora uma língua que se usa para a leitura e para a escrita mas não para a oralidade enquanto língua franca.

Conheço muitos autores cabo-verdianos que me dizem que escrevem em português mas que todos os seus textos ou poemas são primeiro pensados, elaborados em crioulo e só após isso pacientemente vazados para o português.

Estou convencido que é grandemente por esse facto, o facto de a língua portuguesa ser a língua que usamos para escrever, mas não ser a língua em que mamamos desde pequeninos, não ser a língua ínsita no nosso eu profundo, que a nossa literatura em português reflete muito pouco o humor cabo-verdiano que, na realidade, atravessa toda a nossa sociedade.

A isso acresce que o cabo-verdiano tem o fetiche da palavra escrita, continua resistindo na nossa sociedade uma grande fé na verdade da palavra escrita, do papel escrito, é como se no espírito coletivo estivesse sempre presente a ideia de que traz maldição botar no papel algo que possa ser falso ou inventado. E, assim, a brincadeira, o humor, continuam tendo pouco espaço no que se escreve entre nós, excluindo quando matizamos o escoreito português com uma mistura de crioulo, circunstância que acontece na criação de personagens populares que, naturalmente, acabam traduzindo a índole nacional.

Como disse acima, não se pode com propriedade dizer que a comida nos abunda. Mas também é verdade que não somos de todo desprevenidos nesse particular, temos alguns bons produtos hortícolas, temos uma excelente abundância de peixes variados e bons. Podíamos, portanto, ainda que relativamente, ter uma excelente gastronomia. Mas, na realidade, não temos. A nossa gastronomia é pobre se comparada com a matéria-prima de que podemos dispor na culinária. É verdade que temos pratos de carácter mais ou menos nacional, como a cachupa, e outros, como o xerém ou a djagacida, que são mais regionais das ilhas de So tamento, porém não temos ainda o culto da arte de bem comer, ainda não vemos a gastronomia como um prazer, quer na confeção, quer na degustação, a comida ainda apenas serve para matar a fome. Ora se assim é na sociedade, nada mais normal que seja igualmente assim na literatura. E como a nossa literatura é essencialmente baseada em personagens criadas a partir de populares das ilhas, quando algum escritor quer referir a comida, normalmente não passa da cachupa, até há pouco tempo a base da alimentação da pobreza.

Bem, se nem o humor nem a gastronomia se encontram representados na literatura cabo-verdiana com o vigor que talvez mereçam, podíamos esperar que ao menos o erotismo estivesse marcando uma forte presença nos escritos entre nós produzidos, afinal das contas a esse nível nunca deixamos os nossos créditos por mãos alheias.

O que é mais que natural! Quando vemos a formação do povo cabo-verdiano, uma indiscriminada coleção de pessoas retiradas e trazidas das tribos mais diversas da África, com costumes mais ou menos diferentes mas todos de grande sensualidade, misturadas com os europeus, na maioria portugueses de baixo extrato social e, portanto, abertos à licenciosidade, alguma coisa boa necessariamente haveria de surgir. Aliás, ficou célebre na história da Cidade Velha a famosa Aldeia dos Sapes, que foi uma espécie de babilónia onde se juntavam e viviam na maior promiscuidade as mais diferentes raças que entravam na ilha.

Na realidade histórica a nossa sociedade nasceu permissiva e, não obstante algum esforço de certos homens da igreja que tentaram lutar contra essa promiscuidade, a nossa historiografia está cheia de indivíduos que ficaram célebres na arte de procriar em abundância. Sem que com isso se pretenda identificar a procriação com o erotismo, é certo que os caminhos de um poderiam conduzir ao outro.

Vargas Lhosa defende que o erotismo só existe em sociedades que alcançaram um alto nível de civilização e, portanto, quanto mais primitiva é uma sociedade, menos erótica ela é. O amor numa sociedade primitiva está muito próxima da cópula animal, diz ele, da satisfação do instinto reprodutor.

Numa imediata verificação, pode-se constatar como a literatura cabo-verdiana é paupérrima no que concerne ao erotismo. Pode-se dizer que foi preciso esperar pelo escritor Teixeira de Sousa e o romance *Ilhéu de Contenda* e, depois, o *Capitão de Mar e Terra*, para assistirmos a uma cena erótica onde há participação, alegria, onde há festa dos sentidos. Antes dele, a mulher, normalmente personagem retirada do meio popular, apenas suporta passivamente um coito que a faz perder a virgindade e, como regra, ficar com uma gravidez indesejada. É isso que acontece nas novelas de Aurélio Gonçalves, de que *Pródiga* é um bom exemplo, e numa ou noutra cena de Manuel Lopes ou Baltazar Lopes e mesmo outros escritores que mais ou menos timidamente se atreveram a falar do assunto: a mulher não participa do ato sexual como parte integrante, é antes vítima do desejo masculino, como escreve Manuel Lopes, da “perversidade ou antes a volubilidade do homem” que aleivosamente conduz a mau caminho “a humildade e passiva ternura da mulher”.

Bem, isso tudo muda com Teixeira de Sousa. Mas talvez seja importante dizer-se que é com Teixeira de Sousa que, de certo modo, as novelas cabo-verdianas começam a penetrar no meio citadino, dando voz a gente de alguma ilustração literária, circunstância que não aconteceu com os escritores anteriores que preferiram contar as estórias do povo das fraldas das cidades, mas que em contrapartida conheciam mal porque não pertenciam ao seu grupo social.

E assim posso terminar dizendo que ainda a nossa literatura não aprendeu a aproveitar o que a realidade nacional cabo-verdiana oferece em termos de humor e erotismo aos escritores que a queiram explorar. Quando isso vier a acontecer, poderemos ter não apenas humor na literatura mas inclusivamente uma literatura humorística, pois que temos matéria e gente capaz de a cultivar com alegria. Porque acredito que pode haver boa literatura sem humor, mas prefiro a boa literatura que igualmente seja bem-humorada.



O HUMOR E A LITERATURA: Notas sobre o caso angolano. Confissões...

ANTÓNIO FONSECA

Com algum quase estoicismo resistimos àquilo a que os teóricos poderiam chamar “uma abordagem transversal” do tema deste encontro. E isto pelo simples facto de que, na verdade, de maneira mais ou menos frequente, de forma visível ou encapotada, de forma expressa ou velada, gastronomia, humor e erotismo aparecem de mãos dadas; diria mesmo, umbilicalmente ligadas. “Como assim”? – Perguntar-se-ia em sotaque brasileiro; “De que forma”? – Perguntar-se-ia em sotaque português. “Num estou a ver”? – Perguntar-se-ia um mwangolé...

Qualquer que fosse o sotaque e a forma com que se fizesse, creio que se chegaria quase a uma mesma conclusão: boa alimentação, bom humor e boa forma são três elementos que andam sempre ligados nestes assuntos...

Todos nós aqui presentes, de uma ou de outra forma, temos a noção daquilo que é o humor e, por isso mesmo, tentar defini-lo seria quase uma inutilidade. Como dizia Isabel Ermida na sua entrevista ao Jornal de Letras: “Definir o humor é uma tarefa tão difícil que se diz que a própria tentativa é uma piada”.¹

Em todo o caso, das várias ideias que tivemos a oportunidade de consultar a propósito do tema do humor, retivemos a seguinte:

¹ Ermida, Isabel, Jornal de Letras, 2009

“A literatura e o humor, podem ser entendidas como o desajuste imediato e textual de uma expressão e algum outro sentido latente ou velado possível para a mesma passagem à divergência entre uma intenção suposta e aquilo que está dito pode resultar, para um leitor atento ou bem informado, em um convite ao riso”.²

Ainda a propósito e para melhor contextualizar o nosso ponto de vista importa recordar que “A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autonôma, independente do autor e da experiência da realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social”³ e que “A literatura é também considerada como sendo a transfiguração do real, a realidade recriada através do espírito do artista ou seja o artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades fatuais. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta”.⁴

São inúmeras e variadas as formas de texto de natureza humorística, considerados como literatura por uns e por outros não, nomeadamente a anedota, a piada, a charge e por aí adiante... porém, creio que estaremos todos mais ou menos de acordo que qualquer um deste tipo de textos e, particularmente, a anedota, têm um sentido crítico em relação a factos da vida em sociedade com incidência particular nos factos políticos e no que tange à transgressão das normas chamadas virtudes.

Poder-se-ia pensar na literatura humorística como sendo aquela que tem a simples intenção de provocar o riso? Talvez, porém, se o humor ameniza os dramas da vida com maior ou menor grau, temos para nós que a literatura com humor tem sempre um sentido de caricatura, crítica, sátira, quiçá “mobilização” e, na sua essência, assenta na observação quotidiana dos ditos anónimos e na textologia oral. O bar da esquina, o barbeiro, o mercado e os lugares onde descontraidamente se cruzam gentes de todo o tipo são os espaços privilegiados do nascimento de temas, frases e expressões recondiçionadas e retomadas para a literatura pela pena ágil dos mais distintos e renomados autores.

² Coutinho, Afrânio, *Notas de teoria literária*, disponível em www.literaturabrasileira.net7/index, 21 de jan. 2009

³ idem

⁴ idem

O caso angolano...

A literatura angolana atual consagra vários textos originários dos contextos da literatura tradicional de carácter humorístico, satírico, crítico. Trata-se de textos anedóticos a propósito do que referiu o escritor Jorge Macedo, “A anedota (é a) narração sucinta de casos jocosos ou apimentados”.⁵

“Trata-se de narrativa breve, engenhosa, com desfecho (desenlace) espectacular, inesperado, surpreendente. O seu valor humorístico, recreativo, pedagógico, reside nas características atrás apontadas e ainda na manipulação da curiosidade, do “suspense” do auditório, engendrada pelos anedotistas.”⁶

Para além de contarem histórias, os angolanos têm por costume reunir-se em autênticas sessões de bom humor, em grupo, cada um a animar o ambiente, contando anedotas inéditas ou popularizadas. A anedota tem um carácter repentista, convivial. Pode ser contada a qualquer momento nas mais diversas circunstâncias.

O repertório deste género possui histórias interessantes, como é o caso do conto anedótico “Dilenu”, retomado para a literatura. De acordo com o mesmo, lá para as bandas do Golungo Alto, um homem dos seus 40 anos, bem vestido de fato e gravata, tinha por costume ler o jornal durante várias horas no centro da vila, o que lhe granjeou admiração. Numa certa manhã, duas irmãs a ele se dirigiram para que lhes lesse uma carta recebida. Não se fazendo rogado, o nosso intelectual abriu-a e, em poucos segundos, depois de fixar os olhos no papel, apenas lhes disse: “dilenu – chorem” e as senhoras partiram dali num desabrido pranto sem mais nada perguntar.

À noite, indo-as visitar o dito intelectual, perguntaram-lhe quem na verdade tinha morrido para ele lhes mandar chorar, ao que o mesmo respondeu:

– Eu disse “dilenu – chorem”, porque também não sabia ler e vocês partiram sem perguntar mais nada.

Como todos sabemos, o meu país viveu uma longa noite colonial e neste período nasceram e circularam vários textos humorísticos, não escritos, porque em substância punham em questão o poder colonial e, portanto, não era conveniente escrevê-los. É o caso da história do jacaré que foi pagar imposto: tratou-se de alguém que por artes mágicas se transformou num jacaré que, ostentando as suas notas na boca, entrou pela administração, aqui diríamos prefeitura, e apresentou-se ao

⁵ Macedo, Jorge, “Breves Considerações sobre o Anedotário angolano”, *Revista Mensagem*, nº 05, Luanda, 2011

⁶ idem

administrador para pagar o seu imposto. Tratava-se do imposto indígena, então cobrado. O pessoal entrou em debandada, o administrador garbosamente fardado e com seu capacete colonial, vermelho que nem um tomate, caiu da sua alta cadeira e rolou pelo chão.

Este conto, retomado para a literatura escrita em *Poemas de Raiz e Voz*⁷, parece-nos pretender caricaturar o poder colonial de então que, na mesma perspectiva, apesar de todo o aparato, não resistiria e teria os seus dias contados ante “as competências estratégicas de natureza espiritual” detidas por mestres capazes de trabalhar com as forças espirituais.

Outro exemplo da literatura oral de humor que emigrou para a literatura escrita, são os contos do Bocage que, infelizmente, foram desaparecendo. Bocage é um personagem adotado pelos angolanos, visando exprimir caricaturas dos colonos e do poder colonial. Os créditos do personagem Bocage e sua nacionalização pelos angolanos prendem-se com a simpatia que o poeta português Bocage ganhou entre nós por ser tido como irreverente e contestatário.

As histórias dos irmãos Kambuta que, para a minha geração, ajudaram a cimentar o sentimento patriótico e a mobilizar muitos para a luta anti-colonial, também retomadas para a literatura escrita, carregam também uma boa dose de humor e caricatura. Kambuta, diga-se, significa “pessoa de baixa estatura”. No kimbundo e no kikongo “mbuta” significa “mais velho” e o ka é o diminutivo na língua kimbundo. Assim, kambuta poderia traduzir-se como “adulzinho” ou “mais velhinho”.

Aos nossos guerrilheiros da Luta de Libertação Nacional chamávamos “irmãos kambuta” porque a tropa colonial não os conseguia ver de tão “kambuta” que eram. Apenas sentiam o resultado da sua ação. Uma destas histórias, muito conhecida e retomada para a literatura e que servia para caricaturar a tropa colonial, é aquela de um “irmão kambuta” que só atingia oficiais com uma bala certa na testa. Depois de muito cogitar, a tropa portuguesa concluiu que o irmão kambuta os identificava pelo facto de levarem aos ombros as respetivas patentes. Assim, deixaram de usá-las nas operações, porém, continuaram a tombar com a mesma bala na testa... Porquê? Porque, em vez dos galões, passaram a usar óculos escuros do tipo *rayban*.

Na literatura escrita, preenchida de toda a carga e beleza da oralidade, o escritor Uanhenga Xitu, com o seu personagem Mestre Tamoda, marcado por todos os efeitos

⁷Fonseca, A., *Poemas de Raiz e Voz*. Cadernos Lavra & Oficina, União dos Escritores Angolanos, Luanda, 1985

da política colonial da assimilação, particularmente no domínio da língua e da cultura, mesmo que denunciando as práticas coloniais, não deixa de apresentar um quadro de humor que emerge da mal aprendida língua portuguesa que, enquanto professor, transmite aos seus alunos. A ação de Mestre Tamoda reflete as condições históricas específicas do período de 1930 a 1950.

Mestre Tamoda ensina aos seus alunos vocabulário por si inventado. Quando se apresenta em público e sobretudo em atos administrativos apresenta-se com livros e códigos debaixo do braço como que a mostrar erudição. Leia-se que:

“Não tardou. Tamoda, denunciado às autoridades coloniais, viria a ser notificado para comparecer na sede da administração. Nos momentos que antecediam a entrevista com o chefe do Posto, foi passeando de um lado para o outro na varanda do edifício. Disposto a exhibir a sua erudição, trazia debaixo dos braços o código civil e o código penal. Mas tal comportamento suscitou a curiosidade de alguns velhos que observavam.”⁸

Histórias do antes e depois da independência são inúmeras mas um destaque particular deve ser feito ao livro *Quem me Dera Ser Onda*⁹, de Manuel Rui, que, impregnado de humor, traz para a literatura situações caricatas como a do porco a viver no prédio, a ser engordado para um grande festim...

Fazendo um retrato mais ou menos fiel do período pós independência, exprimindo com leveza os fenómenos e transformações deste período, consagrando elementos que ficarão na história de Angola escritos com todos os condimentos da literatura, no sentido convencional do termo, Manuel Rui conjuga o humor e a sátira. Desta obra podemos destacar alguns extratos que a colocam no plano da literatura de humor:

“– Zeca. Se o pai é que trouxe o porco e a gente é que lhe habituou no sétimo andar, com música e comida do Trópico, ele não tem culpa de ficar burguês...”

...Um homem farta-se de trabalhar, sábados vermelhos não falta e nem sequer há um bocado de cerveja – e bastou só um pequeno ronco de «carnaval da vitória» para Diogo passar ao ataque: – Cala-te, porco pequeno burguês que na Corimba só cheiravas espinhas de peixe. Agora tens casa, não pagas renda e comes do Trópico tudo eu é que aguento. Mas falta pouco. No teu comba vamos comer a tua própria carne...”

Vários são os autores que, de um ou de outro modo, têm os seus textos impregnados de humor, dentre os quais não podemos deixar de referenciar Roderick Nehone.

⁸ Da Silva, Mervim Manuel, “O Ambakista na obra *Mestre Tamoda e outros Contos*, *Revista Mensagem*, dez. 2011

⁹ Rui, Manuel, *Quem me dera ser onda*, Edições Cotovia. Lisboa, 1991

Entretanto, Pepetela é igualmente uma referência obrigatória, particularmente com o conto *O Cão e os Calús*¹⁰ em que, com humor, retrata as contradições e conflitos que se geraram com o regresso ao país dos refugiados que encaram uma nova realidade e uma nova língua. De Pepetela ainda, apesar de se inserir num livro de perspetiva histórica, podemos retomar o seguinte texto impregnado de humor:

“Escapando dos holandeses, os portugueses chegam ao Bengo, esbaforidos, com as famílias, escravos, baús, feridos, armas, munições. E os papéis dos arquivos.

O Governador manda os feridos e documentos serem embarcados em lanchas para subirem o Bengo o mais que puderem, enquanto o grosso da comitiva fletirá para Sudeste, em direção ao abrigo Massangano.

– Podem perder-se, Excelência – reclama um Jesuíta, com o seu sentido tradicional de preservar o nome da Companhia. – São documentos importantes. Para que daqui a 400 anos se saiba como se fundou a cidade de Luanda e o papel da Companhia de Jesus em todo esse milagre.

– Quero lá saber da História. Quero é estar vivo amanhã. E esse peso atrasa-nos a fuga.”

No nosso caso, partindo de anedotas, provérbios, contos populares, episódios tidos como acontecidos, construímos alguns textos literários e criámos alguns personagens.

É o caso do Primo Narciso, de Ufano Garcia¹¹, do Kalú e do Mestre do Pai Grande do Mano Mingo, dentre outros que hoje entraram para a literatura sob a forma de contos.

Para nós, não se trata obviamente de registar unicamente tais textos. Trata-se de, a partir dos mesmos, construir textos literários com humor e ancorarmo-nos neles para, porventura, melhor abordarmos questões sociais, políticas e tudo o que diga respeito ao funcionamento da sociedade nos nossos dias.

Proponho-vos como exemplo os seguintes:

“Ufano Garcia

Por essa razão, os familiares do homem que ali fora sepultado não tinham pois hesitado em exaltar publicamente o seu reconhecimento e expressar-lhe a sua gratidão. Assim se podia ler na cinzenta lápide de mármore do seu túmulo na ala direita do mais antigo e referenciado cemitério da urbe:

¹⁰ Pepetela, *O Cão e os Calús/Caluandas*

¹¹ Fonseca, António, “Ufano Garcia”, *Jornal Cultura*. Luanda, 2011

*“Aqui jaz Ufano Garcia
Nato da Sanzala de Fato João
1960-2010
em vida somou e multiplicou.
nunca subtraiu.
a família, eternamente grata, dividiu”.*

– Curiosa inscrição! – Pensou intimamente o vagabundo que, tolerado pela guarda, vivia no cemitério, sem medo dos mortos, até porque considerava que o problema eram os vivos. Nos tempos que corriam, pensou ele, só graças a um grande desvelo da família, o tal Ufano Garcia pudera ali ser enterrado, naquele que fora um velho cemitério para a população negra e que com o passar dos anos e das circunstâncias se tornara o cemitério das classes abastadas e poderosas e, por isso mesmo, merecera a honra de ter o seu muro e frontispício terminados em 1859. E tinha o homem razão! Depois de muitos cartões, contactos e telefonemas, enfim, fora desenterrada mais uma ossada para em seu lugar ali serem acolhidos os restos mortais de Ufano. A família não poupou esforços para, como dizia, dar por merecimento uma jazida condigna àquele que com a sua morte viera libertá-la dos tambores de água à cabeça, dos cortes de energia, das lagoas das chuvas e dos mosquitos dos vários musseques por que se repartia...”

“O Presidente que quis ser Padre

Contava-se que, pelos finais dos anos sessenta, um presidente que antes fora sargento, depois de querer ser poeta, decidira ser padre. Chamara ao seu Gabinete o Bispo da Diocese... Estava S. Ex.^a Reverendíssima nesses pensamentos, também ele aplaudindo mentalmente o Presidente, quando suavemente a porta se abriu. Em pessoa era o próprio Monsieur le Président que vinha acolher o Bispo naquele sábado, no seu Gabinete Pessoal. Estavam pouco depois sentados frente a frente numa breve e cortês conversa.

– Sua Ex.^a Reverendíssima Camarada Bispo – o Presidente falava com um leve sotaque francês que denotava ter crescido ou pelo menos vivido muito tempo no exterior –, chamei-o para lhe manifestar um desejo ou, pelo menos, uma intenção: quero ser Padre.

– Padre?! – Admirou-se o Bispo.

Naquele instante Monsieur le Président ia-se vendo dentro da batina branca, que contrastava com o calor tórrido daquelas paragens; depois, via-se na vermelha batina cardinalícia e, por fim, na de Sua Santidade. Se chegasse a padre, bem poderia vir a ser bispo, arcebispo, cardeal e por que não Papa, se até também existiam santos negros... – considerava mentalmente. – Tornava-se Chefe de dois Estados e promovia a instituição de uma República Federal entre o seu país originário e o Vaticano.

– *Sim, padre, reiterou Monsieur le Président...*

– *Bem, Excelência, não é descabido e até faz todo o sentido sobretudo nesta época em que rareiam vocações... De resto, Excelência, é verdade que tem bastantes filhos e é casado apenas civilmente. Não é casado pela igreja. Deste ponto de vista, do direito canónico, tem toda a condição para vir a ser sacerdote. Claro está que tem de fazer estudos de filosofia e de teologia... Mas arranja-se um curso acelerado.*

– *Concerteza – respondeu-lhe Monsieur le Président.*

Pouco depois, bispo e presidente despediam-se à porta calorosamente. Alguns dias depois, para alívio de Sua Excelência Reverendíssima o Bispo, em envelope lacrado, chegava-lhe um cartão de Monsieur le Président que dizia: “Sua Excelência Reverendíssima Camarada Bispo; muito embora viesse a ser uma mais valia para o nosso país, considero que dados os interesses dos dois reinos não serem coincidentes, refiro-me ao dos Homens e ao de Deus, desisto de ser padre. Noutra oportunidade falamos da ideia da república federal com o Vaticano.

Cordialmente:

S. M. Makelele – Marechal Presidente”

O cartão estava assinado com uma assinatura ilegível e autenticado com o selo branco, não fossem existir dúvidas quanto à autenticidade do mesmo.

(...) Mentalmente deteve-se o Bispo a avaliar as qualidades do presidente e a sua argúcia e, como que a querer provar que tinha razão, procurava lembrar-se da anedota que corria de boca em boca, segundo a qual, por aquelas paragens, qualquer chefezito não se sentava ao lado do motorista, apenas no banco de trás, por razões protocolares – dizia-se. Ali, as viaturas oficiais eram LADA. Ante a situação, a voz crítica do povo passou a designá-las como “LADA – Levo Atrás Dirigente Analfabeto”. Tendo chegado esta informação a Monsieur le Président, numa das suas viagens ao exterior, tendo sido convidado a visitar a fábrica de viaturas NIVA, naquele instante fez-se-lhe luz no espírito a propósito de como resolver o chamado “Caso LADA”. Prontamente assinou um contrato para aquisição de uma frota de NIVAS. Chegados à capital alguns meses depois, mandou estacioná-los alinhadamente à entrada da Praça das Grandes Manifestações. Mandou convocar um comício. Comitês e Activistas desdobraram-se exemplarmente no trabalho de mobilização. A Praça estava apinhada de gente. Depois das palavras de ordem e dos vivas, o “Mais Velho”, como lhe chamava a população, tomou a palavra. Falou de tudo: falou da guerra, falou da fome, falou da saúde, falou da educação, falou da economia e falou de todos os males de que o país padecia. Empolgou a multidão; por várias vezes foi interrompido por aplausos, assobios, batuques e ululações... e por palavras de ordem lançadas pelo “Camarada Comitê”.

– Por fim, camaradas e compatriotas, povo em geral, para terminar – disse Monsieur le Président – quero dar-vos uma informação. Chegou ao nosso conhecimento que diz-se por aí que os LADA, os carros dos serviços oficiais, significam “Levo Atrás Dirigente Analfabeto”. Para acabar com esse caso fomentado pela reacção interna e externa, decidimos adquirir aquelas viaturas que estão no parque, à entrada. São da marca NIVA, o que significa “Não Importa, Vamos Alfabetizar”. Foi então Monsieur le Président calorosamente aplaudido e aclamado.”

“O kalú e o Mestre

Diz-se que aconteceu no ano em que se viu pelas ruas da cidade, pela primeira vez, um zungueiro, um vendedor ambulante chinês tentando impingir poções do Oriente que dizia curarem todos os males. Na época, os centros de tratamentos tradicionais eram quase como as cantinas e as igrejas que proliferavam por todo o lado e o negócio era dominado por pessoas com os mais variados e acentuados sotaques.

Aquela hora, deviam ser duas da tarde, lá para as bandas do bairro Uíge, o trânsito estava literalmente parado. O homem, dos seus quarenta anos, um verdadeiro kaluanda desmobilizado da tropa, vivendo de esquemas para completar a magra pensão, olhou para o lado e reparou numa placa, encostada a um muro, que em letras garrafais anunciava:

«Centro de Tratamentos Tradicionais Cura Tudo. Tratamos qualquer doença.
Resultado garantido ou devolvemos o seu dinheiro a dobrar»

O homem teve uma ideia. Pediu ao cobrador do kandongueiro para descer. Pagou e dirigiu-se ao local. Mentalmente cogitava: «estes gajos têm a mania que conseguem tudo e enchem-se de dinheiro e eu aqui a penar. Acham-se muito espertos, mas eu vou mostrar-lhes como é que é facturar uma massa».

Já cá fora, cabisbaixo, o kaluanda recriminava-se: desta vez lixei-me e perdi a massa. Lá dentro ria-se alto e o mestre comentava:

– O gajo quis lixar o bakongo mas lixou-se sozinho...”

BIBLIOGRAFIA

Coutinho, Afrânio. Disponível em 21 de jan.2009,
www.literaturabrasileira.net7/index

Da Silva, Manuel Mervim. "O ambakista na obra
Mestre Tamoda e outros Contos", Revista Mensagem
nº 05, 2011.

Ermida, Isabel. Jornal de letras, 2009

Fonseca, António. "Ufano Garcia", Jornal Cultura,
Luanda, 2011

Macedo, Jorge. "Breves considerações sobre o
anedotário angolano", Revista Mensagem nº 05,
2011

Rui, Manuel. *Quem me dera ser onda*, Edições
Cotovia. Lisboa, 1991

Pepetela. *Luandando*, ELF Aquitaine, Angola 1980



DESENHAR A VIDA EM MAPUTO O Humor como Transfiguração do Real Quotidiano

LUÍS CARLOS PATRAQUIM

Não se pode dizer que ele tivesse um grande cérebro. Chamava-se Castigo, um apelido vulgar. Há outros: Sabonete, Faife, Sevene. Estes dois últimos são mais respeitáveis porque vêm do inglês, *five* e *seven*. Como a África do Sul fica ao lado, percebe-se a influência. Tem mais de um século o fluxo migratório dos moçambicanos do sul para as minas do Rand, no Transval. Estes nomes não surgem, portanto, por acaso. Há, também, uma longa história colonial que os justifica, do registo, dito indígena, sob a administração portuguesa, ao capricho de administradores, patrões, padres e missionários, do desconhecimento da língua portuguesa ao distúrbio entre tradições. Conforme as etnias, as línguas, as linhagens – matrilineares nalguns casos – os nomes das pessoas remetiam para a história do clã, do grupo familiar, e pretendiam desenhar um destino para cada recém-nascido, na tensão entre pertença, premonição, desejo de superação. A submissão à burocracia pseudo-identitária da administração colonial obrigava a obediências, derivações e, tantas vezes, equívocos e até troça. Daí a bizarria de alguns nomes.

O *brada* Castigo era simpático, solícito, não obstante a estranheza arrepiante daquela cabeça tão pequena. Não há segundo sentido nesta classificação. Fazia recados, deambulando entre as mesas do bar. “Castigo, arranja-me um LM, um Pall-Mall”, que é a intradução, nesta era global, do antigo cigarro Palmar. Todos davam

bacela ao Castigo. A caixa craniana era diminuta. Uma microcefalia, uma injustiça da natureza. Felizmente, já nascera depois das medições e dos eruditos estudos sobre a Alma, a Inteligência e a carapinha dos negros. Sobre o couro cabeludo, há alguns na Universidade de Coimbra.

Se lembro o meu amigo é porque nunca consegui escrever sobre ele. A homologia entre o apelido e a sua condição sempre me inibiu. O Castigo era a potenciação da inocência, uma idiotia que ambiciono e que Dostoiévski tão bem problematizou.

O outro era manco de uma perna e chamavam-lhe Elvis. Lembro figuras de Lourenço Marques/Maputo. Pertencço a um país e a uma geração que teve esse privilégio. Uma espécie de tribo com o improvável apelido de Salinas, sem título nobiliárquico. Sobre leopardos, ficamos conversados. É que, nalguma simbologia africana, a pele do felino remete para o Poder. Sobre a alusão ao *gatopardo* de Lampedusa, aos Garibaldi variadíssimos e nem todos inautênticos, é duro dizer que ainda não apareceu quem nos conte. Quem nos narre a todos, juntinhos, como quando se vai nas carrinhas de caixa aberta, aos solavancos, e urge que os passageiros se abracem para não serem expelidos. A essa forma singular e tão folclórica para alguns visitantes unguídos, o povo chama o *Love Me*. Sobre as épicas narrativas há aproximações, sinais de fumo, pouco mais. Não se pode afirmar que a responsabilidade seja dos novos leopardos, emboscados em plataformas de prospeção de gás natural e de petróleo. É verdade que não anima querer armar em Tolstoi e levar com uma crítica física. Mas essa fase, a da crítica física ou assim, do tema oportuno, da conveniência ou não da gesta a cantar ou desconstruir, já está ultrapassada. Como sabem e vem nos jornais, vivemos em democracia.

Falei em apelidos. Bem sei que, no Brasil, apelido é outra coisa. A minha alcunha em garoto, por exemplo: batráquio. Podem rir-se à vontade.

Volto ao Elvis, magro, nervoso, síntese índica. O seu bambolear não era um poema. Mesmo assim, a garotagem saudava-o porque ele batia um bruto estilo. Ficou assim conhecido porque, uma vez, absorto a admirar um automóvel negro, rabo de peixe, saiu-se com a máxima: “este carro lembra-me o Elvis”.

Escrevo estas breves inconsiderações numa altura em que algumas “ideias chamejantes”, como diria o poeta Sebastião Alba, começam a alastrar em Moçambique.

Haverá humor na guerra ou esta pergunta esconde uma falácia totalmente errada? A ironia é de Woody Allen. A guerra presta-se a tudo. Contratava o serviço de dez feiticeiros para que não se repetisse o conflito que devastou o país. Alguém me ouvirá.

Da Lourenço Marques ao Maputo atual, vai uma grande distância. A cidade moçambicanizou-se. Isto para simplificar. O primeiro sinal foi aquilo. Explico.

O “tchova xi ta duma” é um veículo de duas rodas, tração humana, utilizado nas ruas de Maputo e noutras cidades do país. Serve para tudo: fretes de clientes, carregamento e transporte de todo o género de bens e de produtos. Surgiu, o veículo, em finais dos anos setenta, pejando as ruas da cidade. Surgiu no tempo das carências absolutas, da água à luz, da gasolina aos bens alimentares. A cidade esvaziada de carros. Num zuim! imperioso passavam os Ladas e os Volvos do governo. O resto era o parque automóvel que tinha sobrado do tempo anterior, soçobrando e soluçando à falta de peças. O tchova foi um desenrascanço. E o nome de batismo revela o humor das gentes. Tchova quer dizer empurrar. Tchova xi ta duma, mudado para português, significa “empurra que isso pega”, “empurra que há de pegar”. Pegar, no sentido do motor que não está lá, obviamente. A expressão ficou, serviu de nome a Companhia de Teatro, persiste até hoje, não obstante muita coisa ter mudado.

Este é um pequeno exemplo do humor existencial dos maputenses, e não só, o modo como se riem das próprias adversidades e “se viram”, na expressão brasileira. Há um humor popular bem mais dinâmico do que aquele que se revela, por exemplo, na literatura moçambicana, com algumas exceções. No teatro, no cinema, na música e na dança, o humor e a ironia estão mais presentes. Mas é na rua que pulsa a inventividade, no desenrascanço de si e na transfiguração do real quotidiano. Aceno a Mário Cesariny. De propósito.

Depois do tchova, veio o “chapa cem”. Transporte público privado, correspondente às vans brasileiras. Hoje, a designação é só “chapa”. Dadas as dificuldades crescentes voltou a permitir-se, como já referi, o transporte em carrinhas de caixa aberta, o *Love Me*. Cujo, tem outra variação de nome. Explico. Há um oficialíssimo programa na televisão pública, a TVM, que dá pelo nome de “Ver Moçambique”. Pura propaganda político-partidária, vestida de toda a seriedade e retórica da grande narrativa do regime. A variação popular foi óbvia: viajar no chapa de caixa aberta é Ver Moçambique.

Depois chegou o “Tchopela”, os táxis de três rodas, importados da Índia. Parecem riquexós com motor e a corrida é mais barata. Viajar neles é uma aventura frenética. Dado o estado de algumas ruas, os solavancos e a pressa dos motoristas, sempre a correr para o próximo serviço enquanto se esgueiram pelo labirinto de filas e de carros e de engarrafamentos e de buzínadelas e de imprecações, o tchopela recomenda-se a passageiros que queiram derreter as nutridas carnes, como quem vai ao ginásio. Tchopela, assim designado por oposição aos que têm recursos para andar nos táxis com estatuto. O termo remete para a situação dos penduras, nos transportes públicos de todas as cidades do mundo. Não há orçamento para serviço de táxi como deve ser? Desenrasca-se, tchopelando, pendurados no imprevisto e na necessidade. A rua, as ruas caóticas dos subúrbios de Maputo onde se merca tudo.

Este comércio de rua é antigo. É o sector informal, como o designam estudiosos, jornais e economistas. Mas, para quem dele vive, o nome é “dumba-nengue”, qualquer coisa como “prepara-te para correr”. É que podem chegar os fiscais camarários e a genica das pernas também faz parte do negócio. Um dumba-nengue tem tudo. É como no poema de Manuel Bandeira, aquele de sonhar com Pasárgada. E tem barracas. Bem na zona nobre da cidade, e publicito aqui *urbi et orbi*, fica o “dumba-nengue” do Museu onde se pode beber um bom chope e “pesticar um tocossado” na famosa Barraca Obama.

A Gravitas literária

Com algumas exceções, a literatura moçambicana não tem cultivado o humor. Há ironia que baste em alguns autores. Mas, a verdade é que até depois da independência, escritores e poetas parecem sentir-se cometidos a uma única empresa e grande razão, a da reivindicação identitária. A demanda desta espécie de Santo Graal, já desmontado nas suas aporias por estudiosos como Francisco Noa (*Império, Mito e Miopia*) e Gilberto Matusse, ocupou a agenda, se assim me posso exprimir. Que José Craveirinha se tenha referido ao “peida-gorda”, em poema eivado de grande sarcasmo, não desvia do seu leito o desenho deste rio. De tal modo que, no pós independência, um nome como o de Luís Bernardo Honwana, autor do celebrado e já clássico *Nós Matámos o Cão Tinhoso*, tenha sentido a necessidade de afirmar que Revolução não era sinónimo de cinzentismo e que o humor era bem-vindo. Observação que não deixa de ter algum humor. Mikas Dunga (Pedro Chissano), da chamada geração da revista *Charrua*, em meados da década de oitenta do século

passado, irá explorar este filão. Nas gerações mais jovens, ainda no tirocínio da *techné* literária, humor, ironia, sarcasmo, tudo a resvalar para uma escatologia, a mais das vezes em desconhecimento no domínio da língua e das formas, informam um mal-estar e uma inquietação crescentes sobre o devir do país. A preocupação é a desmontagem dos dispositivos que enformaram a narrativa político-partidária.

Um caso mais complexo desta pulsão, se assim me posso exprimir, ressalta da obra de Mia Couto. O humor é, no autor de *Terra Sonâmbula*, o lugar geométrico de todas as distopias. A própria heteronímia textual, diversa da camada xistosa que constitui a aventura Roseana (João Guimarães Rosa) e mesmo a de Luandino Vieira, faz da nomeação das personagens uma singularidade a observar. Já houve quem estudasse o assunto: aqueles nomes de amplo espectro semântico, neologísticos, entre fado e premonição, pícaros, por vezes. Dizem bem de uma extensa gramática a acontecer.

Lá para trás, Fernando Magalhães tentou a crítica corrosiva e o humor mordaz, com a novela *Três vezes Nove Vinte e Um*, publicada no início dos anos sessenta. É um quadro nada abonatório da vidinha, dos tiques, dos amores e desamores de uma pequena burguesa colonial mergulhada no tédio da sua abastança. Atenta à vida literária na colónia, a polícia política premiou o autor com uma estadia prolongada na prisão da fortaleza da Ilha de Moçambique.

No início dos anos setenta, século passado, claro, António Quadros, ou João Pedro Grabato Dias, ou Frey Ioannus Garabatus, ou Mutimáti Barnabé João, publicava umas “Laurentinas”, poesia com verve, escárnio, mal e bem-dizer, sobre a vidinha na bela e frenética Lourenço Marques. E que abria com esta espécie de epígrafe: “Ó, rapaz, o jornal é de hoje? Não, patrão, é dois e quinhenta”. Este “doji quinhenta” pululava de insinuações. Era o preço do jornal – dois escudos e cinquenta centavos – e era a alcinha, nada abonatória, de um plumitivo do regime de então, que se fazia pagar àquele preço por serviços prestados por rapazinhos negros.

Se querem saber sobre o humor e a ironia é melhor lerem o *Tutaméia* de Guimarães Rosa. Diante de uma casa em demolição um menino exclama: “Olha, pai! Estão fazendo um terreno!”.

Em Moçambique, um verbo muito utilizado é o verbo bater. Tal não significa, necessariamente, agredir. Em Moçambique as palavras têm uma coreografia muito

própria, dançam, ganguissam – como escreveu José Craveirinha – e esparramam-se ou saltam em piruetas improváveis no palco outrado do som e do sentido.

Neste preciso momento, estou aqui a bater uma espécie de conversa com o excelentíssimo público. Há outros “bateres”, se assim me posso exprimir: bater uma conversa sobre o assunto também pode significar discutir os montantes para a caixa dois. Uma variação local de dandy, veste-se com a frase: o brada julga que bate um bruto estilo. Ou bate mesmo...

Quem não bate cem é o meu amigo Zefanias. O Zefanias, meu amigo, não bate cem. É meio biruta, embrulhado como este texto caótico, esquinado entre o passado e o presente, que me acaba de mandar e me pediu para vos ler. Implemento a respetiva leitura:

“Meu nome é Zefanias, Zefanias Sforza. Naturalmente natural desta terra e cidade. Faço a distinção porque os dois lugares não são bem a mesma coisa. Quer dizer: há o conjunto terra, a nossa terra, por sua vez sinédoque do Planeta com o mesmo nome. Ao nosso torrão há quem o designe por Pérola do Índico mas eu gosto de dizer simplesmente Moçambique. E, depois, existe a cidade, esta de Maputo onde nasci, sub-conjunto do Todo. O nosso Todo, que inclui outras urbes, vilas, aldeias, distritos, sedes do Partido, tractores verdes e enxadas. Deixo a fibra óptica, o carvão e as barragens para quem sabe. As pessoas são muitas e andam a desenrascar a vida. Não fazem mais do que a sua obrigação, como dizia o meu pai, também Zefanias, velho confusionista do tempo da grande noite. Um dia falarei da escuridão e das sombras.

Escrevo, sem ter sido convidado, porque apareceu um dito brada por aí a falar em meu nome. O caso chateou-me deveras! Eu, que até estava a debitar umas sílabas para um livro de memórias e já tinha uma boa dúzia de cadernos muito arrumadinhos na escrevaninha junto à janela do meu quarto que dava para a varanda do meu chalé da 24 de Julho! Roubador, esse tal! E, ainda por cima, petista, fazendo de mim um procrastinador e um fêmeiro, quando nem sequer nunca fui fãrmeiro e só disse petas em circunstâncias estritamente objectivas.

Essa tal canção que o brada andou p'raí a lançar, ainda por cima em forma de book, é um abuso de confiança. Deve merecer, por conseguinte e decorrentemente,

a total desconfiança do incauto leitor. Porque Zefanias Sforza sou eu, este que está aqui nesta crónica.

Se resolvi encimá-la com um título à minha altura é porque ninguém deve renegar a sua condição. “Sforzando” é também a minha principal e hodierna actividade desde que me mudaram para o subúrbio. Nunca fui de labirintos. Gosto da cidade e, nela, da minha varanda. Cada gosto, seu posto; cada paladar, sua boca; cada árvore, seu galagala.

Apesar destas certeiras e sábias afirmações, devo observar aos meus inúmeros leitores que não sou imobilista. Gosto muito da mobilidade social: carros, gente de um lado para o outro, a entrar e a sair dos bancos, os negócios que se batem à mesa dos restaurantes, os elevadores dos hotéis, a correria dos mufanas a venderem tabaco e castanha de caju, os aviões que desafiam a lei da gravidade.

Dos livros e cadernos que consegui pôr na minha mochila – alguns na língua da Eva, azar meu – e que desfolho languidamente nas minhas noites de xipepho, retirei esta máxima, ou mínima, não sei... Vou citar-me: *Zeus raptou Europa, a bela, disfarçando-se de touro. Isso faz tempo, o tempo de quando havia mitologias. Hoje há o euro e um deus germânico que o usa como émulo, cercando a Acrópole. Faz por esquecer, em nome da dívida e dos interesses financeiros, que a arquitectura do Reichstag, em Berlim, bebe nas colunas do Parthénon. A Germânia desconsegue reconhecer esta evidência. Querer fazer da Grécia um Sísifo agrilhoado à dívida, acusando-o de todas as incontinências e sem perceber que um segundo rapto de Europa, ou da Europa, pode ser o seu fim.*

Será que é verdade? Desculpem falar da gaja, a Europa, mas a verdade é que estamos com ela. Contudo, devo confessar que me preocupa mais o que está a acontecer ao irmão Kadhafi. Só espero que não se perca e que o encontrem.

Vosso, Zefas.”

Sabemos como se perdeu, o coronel. Nós, que pouco desenvolvemos o poema-piada do modernismo brasileiro, embora algumas das nossas Lilis também tenham casado com alguns J. Pinto Fernandes, “que não tinham entrado na história”, conjugamos oralidade e escrita em piruetas por vezes surrealizantes. Há erros que iluminam sentidos como uma jubilação.

Este texto pretende ser uma homenagem àquilo que considero ser uma poética da vida, mais do que um artifício para a sobrevivência.

Glossário de termos e expressões usados em Maputo, apresentados pela ordem em que aparecem no texto.

Brada – de *brother*, irmão, mano

Bacela – recompensa

Love Me – expressão irónica dos passageiros de carrinhas de caixa aberta, obrigados a abraçar-se para não caírem

Tchova xi ta duma – veículo de duas rodas, tração humana

Chapa cem – transporte público privado, correspondente às vans brasileiras. Hoje, a designação é só chapa

Tchopela – táxis de três rodas

Dumba-nengue – mercado informal. Refere-se à expressão dos utilizadores, obrigados a fugir assim que aparecem as autoridades camarárias

Pesticar – o mesmo que no português, variante europeia

Tocossado – petisco cozido só em água e sal e tomate, peixe ou carne de galinha. Diz que alivia as ressacas

Bater muitos usos – bater uma conversa (ter uma conversa); não bater “cem” (estar confuso), etc.

Ganguissar – de um verso de José Craveirinha. Sobre as palavras rongas e portuguesas que se entrelaçam e dançam, criando novos significados

Galagala – lagarto típico da zona austral, cabeça triangular, às vezes azulada, que vive nas árvores

Mufanas – miúdos

Xipepho – cadeeiro a petróleo, rudimentar, usado pelos mais pobres



2º CAPÍTULO
**A LITERATURA
E A GASTRONOMIA**

1. AFONSO CRUZ | **Uma cerveja Assíria, depois de adulta, é um poema**
2. JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS | **Gastronomia e Literatura**



Arte Africana, <http://mocambique Saudades.webnode.com.pt/album/artes-africanas/artes-africanas-11-jpg/>, obtido em 27 agosto 2015

Vamo Comer

Vamo comer
Vamo comer feijão
Vamo comer
Vamo comer farinha
Se tiver
Se não tiver então
Vamo comer
Vamo comer faisão
Vamo comer
Vamo comer tempura
Se tiver
Se não tiver então

Eu não sou deputado baiano
E, como dizia o outro, não sou de reclamar
Mas se estamos nesse cano
Não consigo me calar
É um papo de pelicano romântico
Aberto pro bico de quem alcançar
Quem quiser ver
Quem quiser ouvir
Quem quiser falar

Vamo comer
Vamo comer, João
Vamo comer
Vamo comer, Maria
Se tiver
Se não tiver então

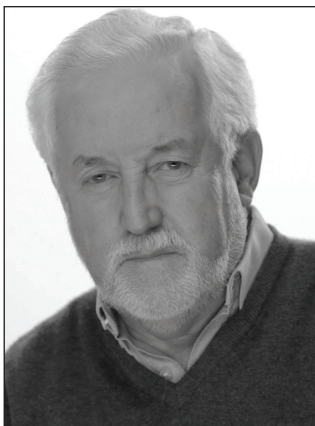
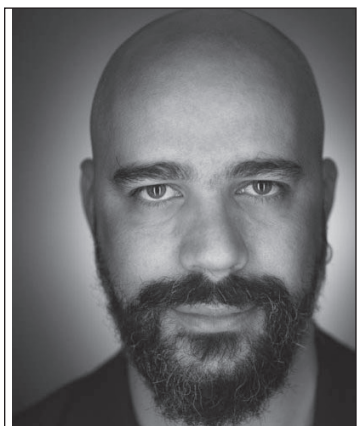
Vamo comer
Vamo comer canção
Vamo comer
Vamo comer poesia
Se tiver
Se não tiver então

O padre na televisão
Diz que é contra a legalização do aborto
E a favor da pena de morte
Eu disse: não! que pensamento torto!
E a pretexto de aids, aids
Nunca se falou de sexo
Com tanta franqueza e confiança
Mas é bom saber o que dizer
E o que não dizer
Na frente das crianças

Merci beaucoup
Merci beaucoup, Bahia
Arigatô
Arigatô, Jamaica
E Trinidad
E Trinidad-Tobago
'Brigado Cuba
Thank you, Martinica
E Surinam
Belém do Grão-Pará
Y gracias, Puerto
Gracias Puerto Rico

Baiano burro nasce, cresce
E nunca pára no sinal
E quem pára e espera o verde
É que é chamado de boçal
Quando é que em vez de rico
Ou polícia ou mendigo ou pivete
Serei cidadão
E quem vai equacionar as pressões
Do PT, da UDR
E fazer dessa vergonha
Uma nação?

Caetano Veloso



IV ENCONTRO DE ESCRITORES
DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Conferencistas do 2º tema,
A LITERATURA E A GASTRONOMIA**

*Da esquerda para a direita,
Afonso Cruz e José Carlos de Vasconcelos*



UMA CERVEJA ASSÍRIA, depois de adulta, é um poema

AFONSO CRUZ

Os nutrientes das palavras e os temperos de solidões, iras e melancolias e felicidades e quedas e vergonhas e honras, tudo em cima da mesa, pronto a ser parte do nosso sangue e da nossa carne e da nossa alma (mesmo para quem não a tem), que é isso que acontece ao que lemos, ao que ouvimos, ao que comemos. Vai tudo para dentro, uns pela boca, outros pelas orelhas, mas tudo mastigado, digerido. A cerveja, a carne, o vinho, os poemas, o ar que respiramos, aquele verso do E. E. Cummings, vai tudo para dentro, transforma-se tudo em músculo. Temos dois intestinos: um celeste e outro terrestre, um para as palavras, que está em cima, na cabeça; outro em baixo, no ventre, para o *filet mignon*.

Há um mês, fiquei parado na estrada porque um pastor decidiu levar o seu rebanho pelo meio do alcatrão. As ovelhas, com os automóveis, ficaram em pânico, encostavam-se ao arame farpado da berma, mas não paravam de comer e, mesmo naquela situação, continuavam a mastigar a erva que encontravam. Há uns tempos, testemunhei uma cena idêntica, mas mais dramática, ao ver um veado ser abatido que, quando caiu no chão, enquanto sangrava com a barriga aberta, continuava a comer e esticava o pescoço para tentar chegar a mais ervas. Fiquei impressionado que um animal, ferido de morte e nos seus últimos momentos, agisse assim. Desejaria

que, para um homem, o cenário pudesse ser outro, e que, ferido de morte, este estendesse o pescoço, não para apanhar um amendoim com a língua, mas para ler mais um verso de Celan. Mas, para isso, precisamos de ter as necessidades mais básicas satisfeitas. Portugal não tem, neste momento, ministério da cultura. Somos dos países da União Europeia onde mais se trabalha e onde menos se lê. Percebe-se: somos mãos, não somos cabeças. Somos máquinas de fazer coisas, produtos amorfos que outros sabem ou souberam inventar. Olham para nós como aquelas ovelhas à beira da estrada, que quando esticam o pescoço, é para tentar chegar a mais um bocado de erva. Quando nos tiram tudo da mesa, de cima da toalha, não sobra nada, porque quando tiram isso, ficamos com a cabeça vazia, somos veados moribundos a esticar o pescoço para chegar à comida. Os filósofos, os artistas, os escritores só existem depois de se ter algumas coisas garantidas. Há uns versos de Saadi de que gosto muito: “Se eu tivesse dois pães, trocava um deles por uma flor.” Só nessas condições poderemos esticar o pescoço, não para comer um bocado de erva, mas para ler um parágrafo de Dostoiévski.

Há uns tempos, ouvi um monge cartuxo contar uma história passada enquanto ainda era jesuíta, antes de abraçar a Cartuxa: numa disputa teológica com um evangélico, este último mostrou uma nota da Bíblia em que se explicava a etimologia de “adorar”, que vem do latim *ad oris*, literalmente, levar à boca. E era por isso, porque não é permitido adorar (levar à boca) senão o Senhor, que este homem não beijava ninguém. O jesuíta perguntou-lhe: Nem a sua mulher? Nem os seus filhos? O homem respondeu que não, e o jesuíta virou-lhe as costas. Não valia a pena continuar a conversa.

O ato de levar à boca é verdadeiramente um ato de adoração. E a comida está num lugar semelhante ao espaço ocupado pelo nosso amor. A necessidade de que aquilo que amamos faça parte de nós é absoluta. O amor é uma espécie de mesa, de altar.

Os sentidos têm as suas distâncias: a visão chega mais longe do que a audição, que por sua vez chega mais longe do que o olfato, que por sua vez chega mais longe do que o tato. O paladar, esse, é o mais limitado em termos de distância: acontece dentro de nós, é uma experiência interior, e creio que é por isso que as palavras “saber” e “sabor” são tão próximas e que usamos tantos vocábulos da gastronomia aplicados às letras e às artes. Saborear uma frase, devorar um livro, mastigar informação, digerir uma obra.

E a cerveja?

A cerveja, dizem, foi o motivo pelo qual nos sedentarizámos. É sabido que a vida nómada dá menos trabalho e, tomando isso como premissa, o que teria justificado essa mudança de paradigma? Dizem que foi a cerveja. O homem parou, por causa dela.

Se o homem não tivesse parado não existiriam prisões. Não é possível carregá-las de um lado para o outro. Não haveria escravidão nem trabalho. O homem recolhia, caçava e pescava o que encontrava. Mas para o homem que parou, é preciso cultivar, substituir a natureza, é preciso ser o Criador. Se não se mexe, se não procura a primavera, tem de sobreviver ao inverno. Para isso precisa de acumular. Cria celeiros, cria as fechaduras nas portas, cria as correntes nos pés. Só quando é preciso acumular é preciso defender essa propriedade. Mas nem tudo é mau. O homem parado criou os hospitais e as bibliotecas. Dos primeiros preciso e das segundas, gosto. Ou seja: não haveria escritores nem leitores se o homem não se sedentarizasse, se não fosse pela cerveja. Qualquer livro que lemos, é um subproduto da cevada. No código de Hammurabi, a cevada valia mais do que a prata. A taxa sobre a cevada emprestada era muito superior à correspondente em prata. Um homem carregava pedras para construir pirâmides egípcias e era pago em cerveja. Durante muito tempo, quando havia suspeita de águas contaminadas, a cerveja era a bebida de toda a gente, até crianças. Porque o mosto é fermentado, esta bebida é isenta de quaisquer bactérias. É mais saudável do que um copo de leite (não necessariamente mais nutritiva), tem zero por cento de gordura e colesterol. É pão líquido. A cevada fermenta com a mesma levedura do pão, mas tem a vantagem de poder ser guardada por muito mais tempo. A cerveja não fica dura como o pão. Permanece. E essa durabilidade também lhe confere uma dignidade única.

Acima de tudo, é um símbolo. É o lugar do homem parado, mas que pode crescer na vertical, do homem construído com livros, com bibliotecas, do homem cheio de palavras escritas. É um lugar de sociabilização e de sobrevivência. É a mesa e o espírito. A cerveja, depois de digerida, é um poema.



GASTRONOMIA E LITERATURA

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

*A José Quitério,
admirável especialista e apaixonado destas ‘coisas’, escritor e meu amigo, de cujos
trabalhos este texto é largamente tributário – e só existe porque, por minha sugestão
óbvia convidado a ser ele a intervir neste encontro, sobre este tema, por razões de saúde
não pôde aceitar o convite*

1. Escreveu o nosso grande Camilo (Castelo Branco): “Todos sabem que Descartes, surpreendido em grande comezaina, e deste modo interrogado: ‘Pois os filósofos gostam de gulodices?’, respondeu: “Acha que Deus criou as coisas boas só para os parvos?””. E foi ele também, pouco dado aos prazeres da mesa, que escreveu: “Ao pé de um bom estômago coexistiu sempre uma boa alma.” Já outro génio da nossa literatura, Eça (de Queirós), muitíssimo mais do que Camilo dado a esses prazeres e a trazê-los para a sua vastíssima obra, lá iremos, sentenciou que, cito, “o homem põe tanto do seu carácter e da sua individualidade nas invenções da cozinha como nas da arte”. E, sob outro ângulo, proclamou o escritor Fialho de Almeida (e Luís da Câmara Cascudo cita-o na sua *História da Alimentação no Brasil*), «um povo que defende os seus pratos nacionais defende o território. A invasão armada começa pela cozinha».

Deixando de lado o facto, hoje unanimemente reconhecido, da gastronomia, a culinária tradicional de um povo, ser uma significativa manifestação da sua cultura e constituir um elemento importante do seu património, centremo-nos, por agora, naquele aspeto de coisas boas da vida. Entre as quais está, claro, comer e beber bem, o que sempre teve assinalável peso e importância no quotidiano, nas preferências e muitas vezes nas obras de escritores e artistas. Grande parte, decerto a maioria, dos criadores tem uma relação especial, frequentemente sensual, com a comida e a bebida. Dos inúmeros criadores, nos vários domínios, que conheço ou conheci, de que sou ou fui (pois tantos já desapareceram) amigo, tiro essa inquestionável conclusão.

Para dar só meia dúzia de exemplos, de escritores dos nossos dois países meus amigos próximos, cito, do Brasil, os fraternos Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro, e a Nélide Piñon (mas também podia falar, noutra plano, do Rubem Braga, do Zuenir Ventura ou do ‘silencioso’ Luís Fernando Veríssimo, para não referir o óbvio Vinicius); e, de Portugal, entre os nossos escritores mais destacados, o poeta José Gomes Ferreira, o romancista José Cardoso Pires, o ficcionista e dramaturgo Luís Sttau Monteiro, que foi até um iniciador, sob pseudónimo, da crítica gastronómica (e se falasse de artistas podia referir o Manoel de Oliveira, o cineasta mais velho do mundo em atividade, com quem, tinha ele cem anos – hoje tem 104¹ – ainda almocei e jantei vendo-o comer e beber bem, com gosto e sem restrições.)

Acrescento, já agora, que de todos, pela sua forma de ser e de estar, o prazer e a sensualidade eram mais notórios, visíveis, em Jorge Amado. O que *saltou* para a sua obra com tal riqueza e amplitude que bem justificam os livros que a tal aspeto já foram dedicadas, com destaque para os de sua filha Paloma.

Bom, mas a presença da gastronomia, em sentido amplo, na literatura, faz-se também através da referência, até em sentido simbólico, aos próprios alimentos, aos frutos, aos legumes, à carne ou ao peixe, aos doces, etc. E através de tudo isto, de reminiscências de sabores e situações a eles ligadas, se podem mapear fases de vida, exprimir um sentimento de saudade e em particular a nostalgia da infância: “Uma das sedes da nostalgia da infância, e das mais profundas, é o céu da boca. A memória do paladar recompõe com precisão instantânea, através daquilo que comemos quando meninos, o menino que fomos”, escreveu Drummond. Vejamos, pois, apenas alguns exemplos dessa presença, em vários sentidos, da gastronomia na literatura portuguesa, com alguma esporádica referência à brasileira.

¹ Em 2013

2. Gil Vicente foi um dos nossos primeiros grandes escritores – e o maior do teatro português, que começou com ele. Pois a sua vasta obra, a que não falta a atenção à realidade da época, sobretudo ao nível das práticas e dos costumes, nem a acutilância da crítica, que não poupa a Corte, assim nos dando um expressivo mural da sociedade do seu tempo, está tão cheia de *comeres e beberes* como da sua pobreza ou mesmo ausência. Desde os próprios títulos das peças, como *Quem tem farelos* e *O velho da horta*, até a múltiplos diálogos de tantas outras, como os *Autos da Índia, da Feira, dos Físicos e da Festa*, a tragicomédia pastoril *Serra da Estrela*, *A Comédia de Rubena* ou *A Farsa de Inês Pereira*. Diz, nesta *Farsa*, o Ermitão, que abandonou a vida religiosa (cito, parcialmente): “Eu desejo de habitar/ uma ermida a meu prazer/ onde pudesse folgar/ (...) e que fosse num deserto/ d’infindo vinho e pão,/ e a fonte muito perto/ e longe a contemplação/ Muita caça e pescaria/ que pudesse eu ter coutada/ (...) À ceia e jantar perdiz/ ao almoço moxama;/ e vinho do seu matiz;/ e que a filha do juiz/ me fizesse sempre a cama”. Famoso também, e uma pequena obra-prima, é *O pranto de Maria Parda*, o monólogo de uma velha amante da vinhaça mas sem dinheiro para ela, que vagueia pelas tabernas de Lisboa *pranteando-se* e pedindo, sem êxito, para lho venderem fiado, enquanto vai desfiando um rosário dos vinhos das várias regiões e as suas preferências na matéria. E termina: “Assi que por me salvar fiz este meu testamento/ que nunca me sei estar./ Chorai todos meu perigo,/ não levo o vinho que digo,/ que eu chamava das estrelas,/ agora m’irei para elas/ com grande sede comigo.” Já em Luís de Camões, esse o génio com que de certa forma ‘começou’, em definitivo se impôs, a própria língua portuguesa, é muito mais diminuta a presença da gastronomia, mesmo no sentido amplo que lhe estamos a dar. Que me recorde, ela não existe na sua lírica. E, no oceânico *Os Lusíadas*, são pouco mais de meia centena de versos, muitos deles com simples alusões, ou referências a frutos. Como na estrofe LVI do canto IX: “A laranjeira tem no fruto lindo/ A cor que tinha Dafne nos cabelos;/ Encosta-se no chão, que está caindo,/ A cidreira co’os pesos amarelos;/ Os formosos limões, ali cheirando,/ estão virgíneas tetas imitando.” De resto, do Camões bebedor da taberna do “Malcozinhado”, além de umas respostas incisivas a uns fidalgos que lhe prometeram umas galinhas e não cumpriram, o mais que se conhece é este conselho em verso: “Damas de aluguer/ são remédio santo/ para o que ama tanto/ a quem não o quer./ Deixe o seu cuidado/ a pobre alma terna,/ ame na taberna do Malcozinhado”.

3. Dando um salto no tempo, até ao século XIX, o expoente do nosso romantismo e liberalismo, escritor, homem de teatro e de cultura brilhante, Almeida Garrett era um homem de gosto requintado, também a comer e beber. O seu biógrafo Gomes

de Amorim fala disso, dos seus restaurantes e pratos preferidos, com detença, de tal forma que com base nessa informação a Câmara de Lisboa editou há uns anos um livrinho com as respetivas receitas. Mas Garrett também tem versos a esse respeito, sobretudo na *Lírica de João Mínimo*, com destaque para o poema “O aniversário de Filinto” (Elísio), o iluminista que conheceu o exílio e defendeu a gastronomia nacional, com destaque para os ovos-moles e as trouxas de ovos, sem esquecer as morcelas, os melões. Por outro lado, é interessantíssimo notar como Garrett antecipou, sobre o significado dos cafés nas terras de Portugal, o que de outra forma George Steiner diria, cerca de um século e meio mais tarde, sobre os cafés da Europa. Escreveu ele, em *Viagens na minha terra*, a propósito de um café do Cartaxo: “O café é uma das feições mais características de uma terra. O viajante experimentado e fino chega a qualquer parte, entra no café, observa-o, examina-o, estuda-o, e tem conhecido o país em que está, o seu governo, as suas leis, os seus costumes, a sua religião. Levem-me de olhos tapados onde quiserem, não me desvendem senão no café; e protesto-lhes que em menos de dez minutos lhes digo a terra em que estou se for país subllunar.”

4. Depois, há muitos outros que, embora respeitáveis, nunca alcançaram tal dimensão como escritores, longe disso, em cujas obras, em verso ou prosa, incluindo no teatro, lá estão os comes e bebes, de Júlio César Machado a João de Deus passando por D. João da Câmara, Gervásio Lobato, o limiano António Feijó, que foi embaixador de Portugal e há quem considere o nosso maior poeta gastrónomo, ou Eugénio de Castro, este muito famoso no seu tempo, inclusive no Brasil, prócere do simbolismo, e que tem desde poemas às trutas e às lampreias a uma “Canção do Vinho do Porto”. E não falta quem faça até poemas românticos a acabar com tão inesperada metáfora como esta – e outras tem –, de um soneto do parnasiano João Penha, que fala do “opulento cabelo”, a “esplêndida beleza” da amada, e imaginando-lhe a “nudeza” conclui: “Ai, perdi desde então paz e sossego:/ Se estavas tão graciosa em tal postura,/ E comias um paio de Lamego.” Extraordinário! Mais, há quem tenha completamente desaparecido como escritor e hoje tenha um nome ainda conhecido pelos seus dotes culinários: o caso mais flagrante é o de Bulhão Pato, que deu nome a um modo de preparar amêijoas que consta da carta de todos os restaurantes, quando, dizem especialistas, essa receita nem é dele.

5. Chegamos então àqueles dois vultos maiores da nossa literatura, Camilo e Eça. Ainda contemporâneos, mais velho o primeiro, próximos na grandeza, tão diferentes em tudo o resto. Inclusive nesta matéria de comes e bebes. Camilo, dizem os seus estudiosos, não era grande apreciador nem conhecedor. Ainda há poucos meses saiu

o livro *Camilo Castelo Branco e o garfo*, de José Viale Moutinho, que não obstante o título o que afirma e demonstra é ter sido ele um mau garfo, falho de apetite, dizendo em várias cartas que a comida lhe fazia mal, etc. Não obstante, para mais minhoto que era e minhotos e transmontanos que são os ambientes em que decorrem tantas das numerosíssimas obras da sua bibliografia, em muito do que escreveu – ficções, crónicas, artigos, até correspondência e...versos – lá estão essas referências que Viale rastreia, transcrevendo os respetivos textos e dando até receitas dos pratos de que o torturado de Ceide fala. O volume tem, com as receitas, 200 páginas. Ora, à comida e à bebida na obra de Eça dedicou o diplomata brasileiro dado às belas letras e queiroiano militante, Dario Moreira de Castro Alves, que foi embaixador em Portugal e só regressaria à sua Fortaleza natal nos últimos anos de vida, cinco livros. Dois deles, *Era Lisboa e Chovia* e *Era Tormes e Amanhecia* formando um “Dicionário gastronómico cultural de Eça”, sobre as comidas, com cerca de mil páginas; a que se seguiu *Era Porto e Entardecia – De absinto a zurrapa*, “Dicionário de vinhos e bebidas alcoólicas em geral na obra de EQ” sobre as bebidas, mais 452 pp., com transcrições de tudo que nesse domínio aparece na obra do genial romancista: no total 4488 citações sobre comidas e 1196 sobre bebidas, 484 sobre vinhos. Nestas cerca de 1500 páginas se vê, pois, como é avassaladora a presença da gastronomia, em todas as suas vertentes, na obra queiroiana, não havendo seguramente outro exemplo assim em toda a literatura de língua portuguesa. E como Eça a utiliza de forma fantástica, para caracterizar ou caricaturar personagens, para desenhar ou sugerir ambientes, como inultrapassável exercício de uso do adjetivo e da ironia, como puro prazer da escrita, que muitas vezes como se junta ou funde ao prazer que se adivinha que o escritor, através da personagem, tem ao comer e beber, ao imaginar-se a comer e beber, aquilo que descreve ou evoca. Porque Eça, ele próprio, adorava a sua boa ceia, era um *gourmet* e um *gourmand*. E sendo aqui impossível exemplificá-lo, minimamente que seja, fique apenas, como uma pérola, esta pequena delícia, de *A cidade e as serras*: “Ordenei uma lagosta, pato com pimentões, e Borgonha. E foi somente ao findarmos o pato que me ergui, amarfanhando convulsamente o guardanapo, e a tremer lhe beijei a boca, todo a tremer, um beijo profundo e terrível, em que deixei a alma, entre saliva e gosto de pimentão”. Ou estoutra, em que Jacinto lamenta ter deixado Tormes: “ – O Douro, hem?... É interessante, tem grandeza. Mas agora é que eu estou com uma fome, Zé Fernandes! // – Também eu! Destapámos o cesto de D. Esteban donde surgiu um bodo grandioso, de presunto, anho, perdizes, outras viandas frias que o ouro de duas nobres garrafas de Amontilado, além de duas garrafas de Rioja, aqueciam com um calor de sol andaluz. Durante o presunto, Jacinto lamentou contritamente o seu erro. Ter deixado Tormes, um solar histórico assim abandonado e vazio.”

6. Sem cuidar de outros prosadores oitocentistas, uma referência apenas, de passagem, ao autor de *Os Gatos*, e suas receitas com grande soma de odores e pormenores. Aliás, Fialho (de Almeida) nem era peço a falar das suas criações gastronómicas. Ouçam só esta *pitadinha*: “O meu arroz (de perdizes) já por várias vezes mereceu as honras da Imprensa, e não me admiro, porque ele é obra íntegra e cientificamente criada para lisonja dos mais subtis requintes gustativos”. Olé!... Bem, mas vejamos os nossos dois grandes poetas do último quartel do século XIX – Cesário Verde e António Nobre. No autor do *Só* é escassíssima, quase inexistente, a colheita. Se não erro, apenas no seu mais longo poema, “Males de Anto”, há estes versos em que aparecem, em sucessão, várias iguarias: “É o Sr. Abade// ‘Que manda esta perdiz, mortinha de manhã’;/ Mais o Sr. D. Sebastião de Villa-Meã/ ‘Que manda um gigo’, mais as senhoras do Rôfo/ Que mandam ovos moles, pêssegos, pão fofo,/ Uvas de Cheiro, peras D. Joaquina,/ Barrisinhos d’Ovar, copos de gelatina;/ Mais o Sr. Barão das Areias do Mar/ ‘Que manda este salmão do Tâmega, a saltar’;/ Mais o Sr. Doutor de Linhares ‘que manda/ Os cravos mais lindos que tinha na varanda’;/ Mais ‘o da Igreja que oferece a codorniz/ Que matou, hoje, na Tapada de D. Luís’;/ Mais o Sr. Miguel das Alminhas de Pulpa/ ‘Que manda este peru e que pede desculpa’”... Pelo contrário, a curta obra de Cesário está cheia, sobretudo, de fruta – e ninguém a ‘cantou’ tão extraordinariamente como ele. Não por acaso: o seu pai era comerciante, de ferragens e quinquilharias, em Lisboa, mas tinha uma quinta nos arredores e a certa altura resolve dedicar-se à agricultura, em especial à fruta, de que chega a ser exportador. Daí talvez essa presença em muitos poemas seus, com o rigor, a originalidade e o inconfundível ‘desenho do verso’ do autor de “O Sentimento dum Ocidental”. Para lá do “Picnic de burgueses”, que João Villaret celebrou nos seus recitais, e no qual “houve talhadas de melão, damascos/ e pão de ló molhado em malvasia”, ouça-se a precisão, para a época revolucionária, de versos como este, que decerto reportam à sua própria experiência: “Que de fruta! (...) Contudo nós não temos na fazenda/ em uma planta só de mero ornato./ Cada pé mostra-se útil, é sensato/ por mais finos aromas que rescenda.” E ouça-se, enfim, esta magistral simplicidade e frescura: “Ah!, num jantar de carnes e gorduras/ a graça vegetal das sobremesas.”

7. Já que falei de fruta e de frutos, deixo a cronologia para sublinhar como por vezes, ou muitas vezes, eles aparecem na poesia como referência metafórica ou simbólica. Desde logo em títulos, de que o mais significativo da moderna poesia portuguesa é *As mãos e os frutos*, o primeiro grande livro de Eugénio de Andrade. Leia-se dele, por exemplo, este poema sobre uma cerejeira (as cerejas são, aliás, dos frutos mais presentes na poesia – ainda há dois anos, aliás, saiu um álbum, em que também

colaboro, só com poemas a elas dedicados), leia-se, dizia, este poema: “Acordar, ser na manhã de Abril/ a brancura desta cerejeira;/ arder das folhas à raiz,/ dar versos ou florir desta maneira.// Abrir os braços, acolher nos ramos/ o vento, a luz ou o quer que seja;/ sentir o tempo, fibra a fibra,/ a tecer o coração de uma cerejeira.” Ou leia-se, ainda de Eugénio, muitos anos mais tarde, o belíssimo “As amoras”, cuja beleza faz esquecer ao poeta certa mesquinhez do seu país. E poemas sobre frutos, ou mesmo legumes (sobre estes lembra-me sempre, além de Afonso Duarte, Neruda e a sua admirável “Ode à Cebola”), podia recordar aqui muitos. Portugueses e brasileiros, entre estes os citados por Maria Lectícia Monteiro Cavalcanti no seu magnífico *História dos Sabores Pernambucanos*, como “A jaca”, de Mauro Mota: “A jaca, o cheiro/ a faca,/ a talhada no almoço./ Jogo um caroço,/ no pátio ouço/ uma explosão subterrânea.” O que um fruto, a imagem, a forma, a cor de um fruto, pode representar, nada diz de modo mais esplendoroso que este início de uma das “artes poéticas” da nossa incomparável Sophia: “A coisa mais antiga de que me lembro é dum quarto em frente ao mar dentro do qual estava, poisada em cima da mesa, uma maçã enorme e vermelha. Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira. Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário: era a própria presença do real que eu descobria.”

8. Com Eugénio, Sophia e Jorge de Sena (e depois Herberto Helder e Ruy Belo) chegamos já à segunda metade do século XX. A este propósito, destaco as obras de Fernando Pessoa, Aquilino Ribeiro e José Gomes Ferreira, de que José Quitério “trata” como só ele sabe.

9. Não podendo alargar-me mais, tomemos a obra de três romancistas maiores da literatura portuguesa contemporânea. Em António Lobo Antunes não me lembro da comida e a bebida surgirem como objetos de prazer. Mas aparecem muitas referências a frutos – sobretudo peras, pêssegos, maçãs e citrinos – e a “cenas” com refeições. Os frutos, cito Maria Fernanda Afonso, “tanto repõem o mundo da infância, a cumplicidade e a alegria das crianças quando colhem a fruta das árvores, como aparecem associados à doença, à velhice, à incapacidade física”, a situações obsessivas, a estados de alma. Quanto às refeições amiúde servem, nos romances e nas crónicas, para definir o convívio familiar ou a ausência dele, constituindo – e cito agora Eunice Cabral – uma espécie de “instância de família”. Quanto às referências a gastronomia e mesmo refeições são poucas na notável obra do nosso Nobel da Literatura – e estão todas nestas quatro páginas, não, o seu a seu dono, graças a alguma investigação que eu tenha feito mas à colaboração da minha amiga

Pilar Saramago e da sua Fundação. As mais longas, e com mais significado, são de *Levantado do Chão*, e servem para sublinhar a carência e pobreza: “Comiam ambos o mesmo pão de bagaço, os mesmos farrapos de couve, os mesmos talos”; ou “a António Mau-Tempo mal lhe pesa o jornal que leva para o dia todo, um banquete de meio carapau e um bocado de pão de milho”. Já em *O ano da morte de Ricardo Reis* servem para definir o teor de vida e a solidão do heterónimo pessoano transformado em figura real na Lisboa de Bernardo Soares. E, enfim, esse grande artista da nossa língua e narrativa que é José Cardoso Pires, em cuja obra o gosto que tinha pelo seu whisky ou pelo seu bom tinto por vezes transparece. Porém, as suas páginas que mais vivamente me acodem, com *bebes*, estes são outros, num balcão em que “diante de um acampamento de canecas de cerveja havia um vulto” – Ruy Belo. São páginas fantásticas, de *Alexandra Alpha*, o poeta “salpicado dum orvalho que era o transpirar da fresca e esfusiente bebida matinal”, a ler *A Bola*, comer tremoços e correndo para ele “cervejas após cervejas, alegres e em cânticos de espuma”.

10. Termino, enfim, com dois poemas, por acaso sonetos, inéditos. Primeiro, se me permitem, um meu – e não é único sobre estas matérias... –, sobre o nosso, português, minhoto, famoso “Caldo verde”:

Minha pobre alma terrena se perde,
ah!, que delícia, logo a começar
no cheiro vegetal do caldo verde
fumegante, ao qual nem falta voar

da malga de barro à comovida
pituitária. Tenras couves galegas,
sem talos, muito finas, a água viva
do caldo, batata pouca, apenas

temperada com azeite de boa
qualidade, não mais do que um fio
que logo se espraia. Juntar chouriço,
uma só rodela, comer com broa.
Aspiro fundo, provo, sorvo, rio,
canto – enquanto subo. Ao céu, é isso.

E agora outro, do Vasco Graça Moura, que tem uma pequena mas elucidativa história. Telefonei-lhe a perguntar se na sua vasta e excelente obra poética não tinha nenhum poema sobre comida e/ou bebida (eu não me lembrava, mas podia-me ter escapado), respondeu-me que não. Uma meia hora depois, o Vasco telefona-me e diz-me que tinha havido uma extraordinária coincidência: uma nossa comum amiga, brasileira, mandara-lhe, não sei porquê, aquele soneto de bom garfo, pouco vegetariano, do Vinicius de Moraes, que começa “Não comerei da alface a verde pétala”; e ele resolvera responder com outro soneto, no mesmo tom, que me mandava e que eu poderia utilizar se quisesse. Não queria, não quero, outra coisa, e aqui vai ele, a fechar com chave de ouro:

pois eu gosto do lombo e feijoada,
favas e grão, e tudo que indigesto
me faz sentir um cidadão honesto
na hora prandial e bem regada

do tinto das colheitas a que presto
a vénia palatal e reiterada,
sem esquecer qualquer bacalhoadá,
trouxas de ovos, pudins e tudo o resto

que até pode provar-nos que algum deus
afinal sempre existe e é cá dos meus
e às vezes me aproxima do vinicius.

e pode mesmo ser que não se morra
assim da *grande bouffé* à tripa-forra,
e se faça um soneto a esses vícios...



3^o CAPÍTULO
**A LITERATURA
E O EROTISMO**

1. MÁRIO ZAMBUJAL | **O erotismo é como o sexo: cada pessoa tem um (eventualmente dois)**
2. CELINA VEIGA DE OLIVEIRA | **O conto na obra de três escritores macaenses**
3. JOÃO DE MELO | **Pequenos e grandes prazeres: o corpo**
4. GORETTI PINA | **Em Malanza**
5. NUNO CAMARNEIRO | **O lábio cego**



with Rausch

Vinco

Eu que me posto exato entre teus lados
Determino teu centro, sou teu vinco
Finco o estandarte em teu terreno tenro
Em teu terreno tenro, em teu terreno

Tu de par em par e essa passarela
Da veia de tua frente até o vazio
Entre teus pés, teus pés outrora doces
Hoje amargados de asperezas-passos

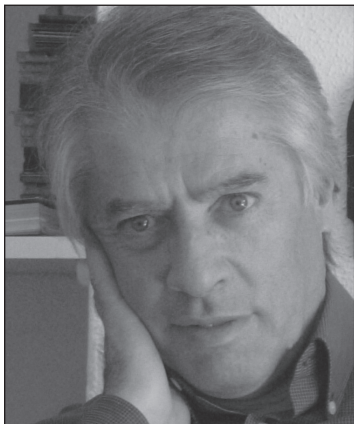
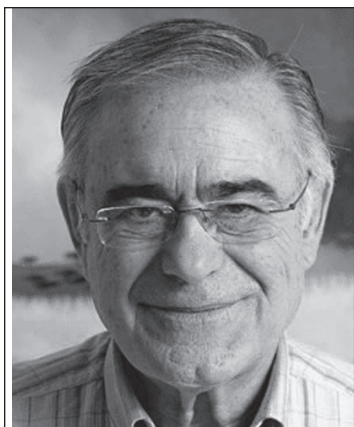
Ásperos passos, pássaros sem fio
Que obrigaste a evocar em danças-ansas
Danças que danças e lanças pra longe
De mim, de mim, de mim, de mim, de mim

Mesmo assim fundo o império no teu meio
China, gaúcha pampeira, prenda minha
Palavras castelhanas, lhanas, lhanas
As terras tenras, pés de terra e fluidos

Terra que sente o próprio gosto, terra
Vermelha e rosa de pétala íntima
Mas terra onde eu hasteio uma nação
De desfazer-me eu meu, eu, eu, eu, eu

Terra que sente o próprio gosto, terra
Vermelha e rosa de pétala íntima
Mas terra onde eu hasteio uma nação
De desfazer-me eu meu, eu, eu, eu, eu

Caetano Veloso



IV ENCONTRO DE ESCRITORES
DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Conferencistas do 3º tema,
A LITERATURA E O EROTISMO**

EM CIMA:

*Da esquerda para a direita,
Mário Zambujal e Celina Veiga de Oliveira*

EM BAIXO:

João de Melo, Gorette Pina e Nuno Camarneiro



O EROTISMO É COMO O SEXO: cada pessoa tem um (eventualmente dois)

MÁRIO ZAMBUJAL

O meu primeiro encontro com a literatura erótica aconteceu ainda garoto, pelos 13 anos, talvez. Eu nem sabia exatamente o que era literatura (ainda hoje tenho dúvidas) e, embora praticasse o palavrão como método comunicacional geralmente entendível, nunca ouvira, menos ainda pronunciara, nome tão feio como erotismo.

Desnecessário será acrescentar que me passariam muito ao largo quaisquer polémicas científico-culturais acerca de diferenças e semelhanças entre o erótico e o pornográfico. Esforcei-me, de corpo e alma, por ir aprendendo. Outros aprendizes concluíram de modo diverso e sustentam que não existe erotismo sem pornografia, nem pornografia que se não ampare no erotismo. Nesse conceito, penetram-se.

A obra da minha estreia como leitor de histórias sem vergonha, tinha um título, A MARCA DOS AVELARES, mas não era propriamente um livro. Resumia-se a umas dez ou doze folhas dactilografadas, que se iam multiplicando em sucessivas dactilografias – cada uma delas aumentada pela revolucionária invenção que foi o papel químico. Batia-se uma e valia por três.

A MARCA DOS AVELARES, convenhamos, era título enigmático, como tal credor do benefício da dúvida. Todo o malandro é inocente até prova em contrário. Vai-se ler e descobre-se que marca era essa dos Avelares. A família Avelar,

respeitosamente tratada por “os Avelares”, possuía, como distintivo anatómico, uma parte do corpo exageradamente crescida. A ponto de tocar nos joelhos.

Pausa na história, é altura de um fogacho intelectual. Desculpem, furto-me, por regra, a citar famosas frases de soberanos autores – por uma questão de imodéstia. Repetir o que alguém disse é reconhecer a própria incapacidade de ter pensado e dito o mesmo. Todavia, o seu a seu dono, foi o grande Jean Cocteau quem escreveu a frase: “o tesão não se discute”.

Opinião discutível, com todo o respeito pela sabedoria do Mestre. A partir daí endureceram as discussões quanto ao explodir desse tal “tesão” e, pior, a problemática da falta dele.

Analisam-se as origens: se a dilatação e enrijamento resultam da visão – na escrita a descrição – da nudez e afogadilhos do ato sexual – ou se provém da sedução libertadora do erotismo que todo o ser humano esconde, ou imperfeitamente conhece, na sua própria caixa craniana. Não há cérebro humano que não comporte a sua dose particular de erotismo. Pertence-lhe, como qualquer outro traço da personalidade, mas é vulgarmente autorreprimido pelo imbatível argumento de que parece mal. Difere da pornografia – visual, sonora ou escrita –, desde logo porque a pornografia traduz a ideia que os fornecedores fazem do erotismo dos outros. Ou seja: guiam-se pela presunção de que o erotismo deles é padrão do erotismo geral.

Voltando à marca dos Avelares.

Embora não me recorde de todos os passos e êxitos do Pedrinho Avelar – creio que era Pedrinho – lembro-me que os jovens leitores se excitavam particularmente com as aventuras e venturas ligadas ao inacessível. Estes meus restos de memória (porventura atamancada pela velha máxima de que quem conta um conto sempre lhe acrescenta um ponto) trazem-me a imagem de um Pedrinho tímido, que escondia a anormalidade, receoso de que fosse olhada como um defeito físico. Sempre existiram pessoas que não dão valor àquilo que têm.

Pedrinho tentava ocultar. Mas tudo se descobre, principalmente quando são coisas grandes. Após um descuido desatou-se o falatório. Mais identificativa que impressão digital ou o ainda não descoberto ADN, lá estava a exuberante MARCA DOS AVELARES.

As reações terão sido muitas: de admiração e até orgulho pela existência de um membro superior na comunidade – mas (nem todos somos perfeitos), terão alguns escorregado para o sentimento mesquinho da inveja. Os amigos de Pedrinho

– tal como aconteceria depois aos leitores da sua gloriosa prestação de serviços, espreitavam as intimidades com que a Natureza os dotara, concluindo, desolados: “Porra, não sou um Avelar”.

Acredito que, no meu caso pessoal, não perdi tempo com semelhante exame mas, se o fiz, não me terei limitado à autocomiseração. Teria acrescentado, com o otimismo que me vem do berço: “Mas vai crescer! Vai crescer!”

De segredinho em segredinho espalhou-se a notícia pela cidade. Para o empolgante jogo das cartas sexuais, Pedrinho possuía o maior dos trunfos: o ás de paus.

Este ponto requer alguma reflexão por abordar a delicada questão dos significados, mesmo em países de idioma comum. É o caso do pau. Na tradução em linguagem livre dos brasileiros, o académico e psiquiatra húngaro Thomas Szasz garantiu, na linha de Jean Cocteau: “o pau nunca mente”. Em Portugal, embora o substantivo não seja alheio a volúpias sexuais, fala-se em pau pelos mais diferentes motivos: cara de pau, colher de pau, pau-de-cabeleira, canela em pau, pau da bandeira, pagam-me quatrocentos euros e é um pau – enfim, pau é pau para toda a obra na comunicação corrente.

Mas, cuidado! Depois de conhecer o sentido popular no Brasil, eu nunca mais repeti, diante de brasileiros e brasileiras, um antigo mas ainda em voga provérbio português: “Enquanto o pau vai e vem folgam as costas”.

A divergência no sentido das palavras pode até causar problemas diplomáticos. Todos devem conhecer o episódio da nomeação de um embaixador português para o Brasil. Salazar o nomeou mas logo o desnomeou, ao saber dos significados. Era o general Boceta Martins.

Retomando, muito resumidamente, o fluir da história do Pedrinho e sua marca dos Avelares, acrescento que a curiosidade atraiu meninas também ainda adolescentes – talvez dispostas a dar uma mãozinha mas indisponíveis para debaterem o assunto em profundidade. Foram, todavia, espalhando a boa nova. Em consequência, o protagonista viu-se procurado por tias das meninas, primas mais crescidas, mulheres feitas, com os seus erotismos à solta. O Pedrinho correspondia, bravamente, a todos os desafios.

Eram essas as situações que mais inflamavam os púberes leitores, porquanto o erotismo tem ligação direta com proibido e o inatingível. É mais corrente que um rapazola ferva de desejo por uma professora, com o dobro ou o triplo da idade dele, que por uma coleguinha até ao alcance.

Os leitores praticavam então, entusiasticamente, o onanismo – ignorando até a existência de palavra tão obscena. Mais extraordinário era o facto de o Pedrinho, nos breves intervalos entre prestações com senhoras de muito pedir, se entreter na mesma autossuficiência. Com as duas mãos.

Nos dias que correm, pornografia há tanta quanta cada um ou cada uma entenda consumir. Sobretudo as que se baseiam na visão. Revistas, vídeos, filmes, mostram perfeitos corpos nus e tudo o que de mais recreativo se pode fazer com eles. Na literatura, quando não vai além de descrever as perfeições anatómicas das personagens e relatar os envolvimento, lance a lance, ao estilo de narração de jogo de futebol, o que está fora de jogo é o erotismo.

Este sem cerimónia destrói o arrebatamento erótico, mesmo quando o propósito é convocado para a área do espetáculo. Veja-se o strip-tease. Cedo os negociantes da gula sexual perceberam que o respeitável público aquece mais com a lenta revelação do corpo que com a exposição, sem preliminares, de uma vedeta despíndinha dos pés à cabeça e com o sexo iluminado por holofotes.

Alfred Hitchcock, que sabia pescar e vender o seu peixe, disse tudo em poucas palavras: “Quando abordo a questão do sexo nos meus filmes, não esqueço que, também aí, o suspense é fundamental. Se o sexo é demasiado vulgar e demasiado óbvio, lá se vai o suspense”.

Na literatura as coisas não andam longe disto. Bocage, num dos seus poemas mais amenos –“Soneto do Prazer Maior”– envolve paixão e sexo e aí está o erotismo:

“Amar dentro do peito uma donzela
Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura
Falar-lhe, conseguindo alta ventura
Depois da meia-noite na janela
Fazê-la vir abaixo e com cautela
Sentir abrir a porta que murmura
Entrar pé ante pé e com ternura
Apertá-la nos braços, casta e bela
Beijar-lhe os vergonhosos lindos olhos
E a boca, com prazer, o mais jucundo
Apalpar-lhe de leve os dois pimpolhos:
Vê-la, enfim, rendida ao Amor fecundo;
Ditoso levantar-lhe os brancos folhos
É este o maior gosto que há no mundo.”

Mudo de época e de capítulo com quatro versinhos de um longo poema do século XVII, da autoria de Frei António das Chagas, poeta de alta estatura mas não menor libertino. Diz, neste passo:

“Uns querem freira entendida
Mas eu freira que me entenda.
Outros, as freiras com partes,
Eu, as partes das freiras.”

Esta é apenas uma declaração de frade que se enrolava com freiras e leva a um dos pontos essenciais do erotismo: a transgressão. Todo o erotismo com que Eça de Queiroz perpetuou *O Crime do Padre Amaro*, esfumava-se se o homem fosse alfaiate ou escriturário de repartição pública.

O sagrado e o religioso sempre despertaram exaltações sensuais. As cartas de Soror Mariana Alcoforado não ganharam lugar no historial literário só pela qualidade da prosa e pelos prazeres descritos. A senhora era freira – e freira representa uma particular sedução no imaginário masculino. Desde que moças e insatisfeitas de humanas vontades, as freiras têm sido a imagem provocadora de sonhos eróticos, pela intromissão no sagrado e no inalcançável.

Inalcançável, enfim, conforme as circunstâncias. Justo será dizer que boa parte das freiras não o foram por vontade própria e devoção religiosa. Encerravam-nas nos conventos, por castigos ou conveniências de altas famílias – e não deixavam de ser mulheres como outras mulheres, com tempo de sobra para os mais eróticos pensamentos, sem tempo nem liberdade para os passarem à prática.

Quando não passavam. O Frei António das Chagas, como ele próprio publicou, fazia com que passassem repetidamente. E não eram apenas os frades quem possuía salvo-conduto. O cavaleiro francês que deu a conhecer novas realidades a Soror Mariana Alcoforado entrava no mosteiro como quem vai à pastelaria. Despertou na casta religiosa um desvairado enlevo antes de lhe ensinar os gozos da carne. Era esse o seu fito. Uma vez atingido, o interesse pela freira ardeu – como um pau de fósforo.

Na sua última carta, Mariana não deixa de admitir que desejaria encontrar outro homem que a satisfizesse: “Estou convencida de que talvez encontrasse aqui um amante melhor e mais fiel” – escreveu.

Não se contentaria com um pau mandado e volta à paixão pelo ingrato: “Não sei eu, por experiência, que um coração enternecido nunca mais esquece quem lhe revelou prazeres que não conhecia e de que era suscetível?”

Infelizmente, não consta que outra freira, Madre Paula de Odivelas, tenha escrito as suas memórias, decerto documentalmente mais valiosas que o desviozinho de Mariana. Outros, investigadores aplicados e escritores de talento, têm contado como Madre Paula se tornou amante oficial de El-Rei D. João V, o Magnânimo, que se recostava com outras freiras, ao ritmo do seu real apetite. Mas a amante com

emprego fixo era a Madre Paula, que lhe deu dois filhos e a quem ele ofereceu luxos extraordinários. Com ela terá gasto somas quase tão elevadas como as que mandava para o Vaticano. Religioso ao extremo, ninguém duvida de que El-Rei tivesse fé em Deus. Mas também nas freiras. Viveu no Céu.

Muito do pouco que venho dizendo, seguramente pouco, embora estivesse a pau com tão informada plateia, terá o cunho de perspectiva masculina. Proponho-me equilibrar a balança dando a palavra a uma das mais importantes figuras da nossa atualidade poética, particularmente expressiva nos temas da paixão e do erotismo. É de José Régio este “Soneto de Amor”:

“Não me peças palavras, nem baladas
Nem expressões, nem alma... Abre-me o seio
Deixa cair as pálpebras pesadas
E entre os seios me apertes sem receio

Na tua boca sob a minha, ao meio
Nossas línguas se busquem, desvairadas...
E que os meus flancos nus vibrem no enleio
Das tuas pernas ágeis e delgadas

E em duas bocas uma língua..., unidos
Nós trocaremos beijos e gemidos
Sentindo o nosso sangue a misturar-se.
Depois... Abre os teus olhos, minha amada!
Enterra-os bem nos meus; não digas nada
Deixa a vida exprimir-se sem disfarce!”

Não há nestes versos sombra de pornografia, obscenidades ou sequer metáforas de pau no meio – leem-se, releem-se, como um hino ao amor e ao prazer.

E concluo: o erotismo é uma riqueza espiritual (só a espécie humana a possui) mas também pode conduzir (como conduziu Soror Mariana) ao mais cruel sofrimento.

É um pau de dois bicos.



O CONTO na obra de três escritores macaenses

CELINA VEIGA DE OLIVEIRA

Este é o ano do conto. A Academia Sueca resolveu dignificar o estatuto do conto, atribuindo o Prémio Nobel da Literatura 2013 à escritora Alice Munro, uma das maiores cultoras atuais deste género literário que se caracteriza, idealmente, por uma dimensão económica da narrativa.

As personagens, a ação, o tempo, o espaço, são categorias atingidas por uma necessária concentração, resultando, idealmente, numa escrita intensa e produzindo um efeito de unidade.

É este resultado que torna o conto um desafio.

Macau, um espaço cruzado de múltiplas e variadas gentes, tradições e crenças, foi sempre alfobre de histórias para serem contadas ou escritas.

Deolinda da Conceição, Maria Pacheco Borges e Henrique de Senna Fernandes são três escritores macaenses que, através do conto, nos transportam para outras atmosferas civilizacionais e experienciais que o tempo tornou mais apagadas.

Imagens que passais pela retina / dos meus olhos, porque não vos fixais? / Que passais como a água cristalina / por uma fonte para nunca mais!

Quem melhor do que Camilo Pessanha, poeta simbolista que viveu e morreu em Macau, para expressar, com estes versos, a fugacidade dos momentos!

O que une estes três escritores?

Todos nasceram em Macau nos princípios do século XX (1913, 1919, 1923,

respetivamente). De esmerada educação, mostraram inclinação para as letras e foram observadores atentos da realidade dual que os rodeava.

Deolinda da Conceição, jornalista e professora – comemora-se este ano o centenário do seu nascimento – glorificou em *Cheong-Sam, a Cabaia*, a mulher, essa, na realidade, discreta ou autoapagada outra metade do céu. Escolhendo a cabaia – traje de seda aberto de lado que modela a forma do corpo, muito usado em Macau – para título do seu livro, a escritora pretende valorizar a sensualidade e a elegância femininas.

São jovens, na grande maioria, as suas mulheres chinesas, figurinhas *de gazela assustadiça de falas brandas, de olhar tímido e sorriso indeciso*¹, corpo bamboleante *como haste leve de flor que o vento agita brandamente*².

E tristes as histórias de que são protagonistas, como a da pobre chinesinha Lin Fong, seduzida e abandonada por um português, do conto «O calvário de Lin Fong»:

*A tarde caía suavemente sobre Ou Mun (Macau), e aquela doce claridade que antecede o aparecimento das estrelas no céu azul, a bordejar o roxo dos crepúsculos orientais, deixava na alma de Lin Fong uma sensação acentuada de sofrimento que ela não sabia definir, mas que roubava aos seus dedos a agilidade com que costumava enrolar os panchões na sua pequena roda de madeira*³.

Teria a deusa Kun Iam esquecido as suas preces, ela que tanto se curvara perante a sua imagem? Por que a abandonara?

Nessa tarde Lin Fong não entrou no templo. Queria preservar ainda a ténue esperança de que ‘ele’, natural de *Sai Iong (Portugal)*, voltaria para o seu regaço.

Ao longo da marginal, *lembrava-se do seu falar, estranho, a princípio, mas que ela se fora habituando a adivinhar, daqueles apertos de mão tão vigorosos que ele lhe dava, das vezes que se vira obrigada a esquivar-se aos seus abraços e aos seus beijos, coisas para ela desconhecidas até então*.⁴ ‘Ele’ prometera levá-la para esse país tão distante e essa promessa devia certamente significar um pedido de casamento.

Lin Fong, confiante, apaixonou-se.

Uma noite, porém, a jovem teve de lhe revelar o *segredo* que trazia no ventre e que a ambos pertencia. E a notícia da partida acabou por chegar, repentina e

¹ «O romance de Sam Lei», in *Cheong-Sam, a Cabaia*, p. 43, Instituto Cultural de Macau e Instituto Português do Oriente. Macau, 1995

² «O novo ano de Cam Mui», *ibid.*, p. 83

³ «O calvário de Lin Fong», *ibid.*, p. 23

⁴ *Ibid.*, p. 24

iminente... *Lin Fong* não tivera uma lágrima sequer. *O horror da situação aniquilara-a completamente.*⁵ Foi ao cais para o ver partir. ‘*Ele*’ parecia-lhe entristecido e isso deu-lhe uma certa consolação. *Já a bordo, acenou-lhe com um lenço garrido que ela lhe oferecera.*⁶

Talvez aquele gesto tivesse algum significado e ele ainda voltasse, pensou.

*E ao anoitecer, quando os juncos regressam da sua faina de pesca, Lin Fong segue direita à marginal a ver findar-se outro dia do seu calvário solitário e a calcular a distância desse Sai Iong que se escondia no horizonte.*⁷

O feminino é também caro a outra macaense, Maria Pacheco Borges, que, no seu pequeno livro *Chinesinha*, recupera o tema.

O título é doce, como doce é a mulher aqui retratada, *figurinha delicada, tez branca e negros cabelos de azeviche*⁸, com *rosto de um oval perfeito, olhos pretos que pálpebras inchadas escondiam em parte, dando-lhes uma forma alongada e oblíqua*⁹, pequenina, como pequenino é o seu campo de intervenção num mundo comandado pelo poder do homem. Tudo lhe é imposto: as normas, as crenças, o casamento.

E haverá correspondência entre esta beleza feminina e a felicidade? Por vezes há, como aquela registada no conto «O casamento de Pak Lin».

Abandonada recém-nascida num monte de lixo, Pak Lin foi recolhida pela velha com quem vivia, no dia da flor de lótus, *a flor da autocriação*. E por a comparar a essa flor, símbolo da pureza, a velha dera-lhe o nome de Pak Lin, que significa Lótus Branco.

A jovem chinesa estava prestes a casar com um desconhecido que a madrinha lhe arranjava. Como iria ser o seu futuro?

Sujeitou-se, conformada, aos rituais das núpcias e das superstições. Escapou habilmente ao *espírito da morte*, chorando com tal intensidade que esse espírito, julgando ser um funeral, não lançou sobre ela terríveis malefícios.

Conseguiu também fugir ao *espírito da galinha dourada*, o que a obrigou a suportar uma chuva de grãos de arroz destinados a atrair o ciumento animal e evitar, assim, que ele se atirasse aos seus tentadores olhos de noiva.

E libertou-se por fim do *espírito do tigre branco*, por se haver colocado na porta do palanquim, que a transportava, um naco de toucinho para desviar dela a atenção

⁵ *Ibid.*, p. 25

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*, p. 26

⁸ «A viúva-noiva», in *A Chinesinha*, p. 13, Instituto Cultural de Macau e Instituto Português do Oriente. Macau, 1995

⁹ «O casamento de Pak Lin», *ibid.*, p. 45

da famigerada fera. A tudo se submeteu estoicamente.

O noivo teve também de cumprir os ritos dos esposais. E só mais tarde, finalmente a sós, puderam olhar-se, frente a frente, pela primeira vez.

O marido contemplou-a, maravilhado. *E Pak Lin, pura e bela como a flor da autocriação, vendo-se contemplada com tanta admiração sincera, baixou os olhos e sorriu pela primeira vez, sem ter sido a isso coagida pelo código de posturas do cerimonial de casamentos chineses...*¹⁰

Como acontece em *Cheong-San, a Cabaia*, também se associa em *Chinesinha* a beleza à bondade, à obediência, ao respeito pelas velhas tradições dos antepassados.

Serão estes os temas dos contos de Henrique de Senna Fernandes? Podemos dizer que a temática senniana é mais caleidoscópica.

O seu primeiro livro de ‘estórias’, *Nam Van – Contos de Macau*, contém o conto «A-Chan, a tancareira», Prémio Fialho de Almeida, de 1950.

A segunda coletânea, intitulada *Mong-Há*, contém, em meu entender, a ‘estória’ que melhor corresponde ao cânone de narrativa com final surpreendente, característico do conto.

Chama-se «Yasmine» e relata a história de John Bradley, um inglês radicado em Hong Kong, que ia com regularidade participar na corrida do ACP no Grande Prémio de Macau.

Bradley era um dos muitos europeus que se tinham fascinado pelo Oriente e que, depois de largas deambulações, se fixara na vizinha colónia britânica. Colecionador de garrafinhas de rapé da dinastia *cheng*, vinha por vezes a Macau comprar essas preciosidades trazidas clandestinamente da China.

Com uma amizade crescente entre os dois, o autor passou a ser visita da casa do inglês, conhecendo-lhe então um dos seus gostos privados: a pintura. E foi aí que descobriu *um quadro, ainda em esboço, duma mulher que devia ser muito linda. [...] Ainda em linhas cruas, o rosto era insofismavelmente duma indiana. O véu transparente ocultava parte dos cabelos abundantes. [...] Impressionantes os olhos que o gosto artístico de Bradley surpreendera e reproduzira num rasgo de génio que pode, de repente, iluminar a mão dum pintor, [...] uns olhos negros, profundos, de indizível melancolia, mas extraordinariamente belos.*¹¹

Bradley confessara ao amigo estar perdidamente apaixonado por Yasmine e revelara-lhe ser ela uma mulher de um *perturbante pudor*, ficando em pânico a

¹⁰ *Ibid.*, p. 49

¹¹ «Yasmine», in *Mong-Há*, p. 244, Instituto Cultural de Macau. Macau, 1998

*qualquer tentativa de intimidade mais ousada. É simplesmente tocante esse receio que transparece em tudo o que se relacione com o sexo.*¹²

Interrogado quanto às suas intenções, respondeu:

– *Casar-me com ela.*

Por Yasmine, ousou enfrentar a censura preconceituosa da sofisticada sociedade colonial de Hong Kong, o que era compreensível, uma vez que ela era *uma mulher capaz de suscitar grandes paixões. E aquele corpo escondido, por debaixo de saris espampanantes, justamente por ser um mistério, produzia inconscientemente um frémito de volúpia.*¹³

John Bradley organizou um *cocktail* para a apresentar à sociedade. Mas Yasmine desapareceu. O inglês, que a procurou sem descanso por toda a ilha, teve de encarar, por fim, a cruel realidade: o seu grande amor tinha partido para sempre.

E foi o amigo de Macau quem teve o privilégio de conhecer as razões do desaparecimento: *a formosíssima Yasmine, de olhos tristes e expressão melancólica, nascera desventuradamente... homem.*¹⁴

Três histórias de três escritores macaenses, em que o erotismo é sugerido pela elegância sensual da cabaia que modela o corpo da mulher, pelo sorriso tímido de uma jovem noiva ou pelo enredo de uma ‘estória’ com uma desconcertante finalização.

Três contos que nos aproximam um pouco da mundividência de Macau. De um Macau difuso, que, cada vez mais, apenas perdura num qualquer lugar suspenso entre a memória e a imaginação dos que, como eu, tiveram o privilégio de lá ter vivido.

¹² *Ibid.*, p. 252

¹³ *Ibid.*, p. 255

¹⁴ *Ibid.*, p. 273



PEQUENOS E GRANDES PRAZERES: O CORPO

JOÃO DE MELO

Existem os pequenos e os grandes prazeres. São pequenos prazeres a água que nos mata a sede e o bom vinho que nos anima, o pôr do Sol por trás das montanhas, a chuva escutada do lado de dentro de uma janela, a tagarelice, os elogios vindos das bocas desejadas, a amizade, o amor familiar, o jogo social, os presentes amáveis, um panorama a perder de vista sobre campos cultivados. São grandes prazeres a glória da vida, a saúde física e espiritual, o sexo e o amor correspondidos, a cama e a boa mesa, as viagens pelas cidades que só existiam nos livros, o mar de verão, o dinheiro em boa medida, a música de Beethoven, os livros e as artes que amamos, o sucesso, os prémios e os atos triunfais, o sono profundo, os dias feriadados com que não se contava. Entre uns e outros, flui e baloiça a corda metafísica da felicidade. Seres infelizes são aquelas pessoas que não dão passagem, dentro de si, aos pequenos prazeres de que se fazem também os grandes. Os intelectuais, ansiosos e angustiados, são quem menos frui dos pequenos prazeres da vida e do mundo: pensam excessivamente nos grandes e só neles concebem a sua ideia de felicidade. É chique, aliás, dizer que se sofre de angústia e de metafísica. A felicidade é um privilégio dos simples e um sentimento único, o qual consiste em articular os bons momentos da vida com a construção paciente do sonho, do desejo e do ideal. Só há um segredo para se ser feliz: chamar a nós os pequenos prazeres e deixar que os grandes nos aconteçam por si.

O corpo. Chega uma altura da vida em que ele nos dói. Não é por mal. Trata-se de um direito que o corpo exerce sobre nós. Afinal, ele deu-nos tantos prazeres no passado, que é como se cobrasse os seus dividendos da felicidade que ao longo de anos nos foi proporcionando. Assim sendo, da mesma forma que um dia fruímos de tudo o que o corpo nos ofereceu de bom, devemos resignar-nos e aceitar as doenças e as dores, que são apenas algumas das suas ingratidões. Foi exatamente o que me disse, faz tempo, o bandido simpático do meu médico reumatologista!

Dito isto, é elementar que vos confesse: devo muito ao meu corpo. Ele é – como direi? – não exclusivamente um ser vivo, mas um ser volúvel como o amor e a saúde. Há nele cordas invisíveis que vibram, e vergas que se dobram, e correntes sanguíneas que desenvolvem calor, fluídos, torrentes de lava vulcânica, sismos e terremotos. Não me posso queixar da matéria nem da mecânica do meu corpo, a começar pela dos sentidos. Ouço os segredos, as fantasias, as imaginações por vezes inauditas dos outros. Vejo para além do visível das pessoas e sempre me servi dos olhos para as seduzir. Sinto o aroma do desejo, de mim para elas e delas para comigo. Através da minha pele passam sinais calóricos do sangue em efervescência, o suor triunfante dos poros, a alegria do corpo a envolver, a abraçar e beijar, a possuir e ser possuído. Quando a realidade não basta, tenho o privilégio de a prolongar através das palavras – as tão amadas e belas palavras de que se fazem a poesia do amor e a poética da prosa.

A Literatura é um sal, uma sensualidade. O murmúrio do mundo e do mar chega até ela pela matéria de que é feita: a linguagem. Há música e silêncio e vozes e segredos confessados ao ouvido na poética da palavra. O amor é um adjetivo. O adjetivo do amor transforma a substância do corpo e da carne no prazer dividido e multiplicado por dois: quem escreve e quem o lê. A Literatura fez de mim um viajante, um inventor de intimidades, um sedutor, um amante em imaginação. Amei literariamente gente inventada, nesse mesmo movimento de criação pela linguagem. Poderá chamar-se a isso amor platónico? Os escritores não são mais do que amantes platónicos fora de casa – e maridinhos fiéis, obedientes ao diabólico sexto sentido e à intuição das suas mulheres. Pior do que isso: com o passar dos anos, dá-se uma espécie de osmose entre eles: as esposas começam a parecer-se fisicamente com os maridos, e estes com elas. E então o amor familiar quase parece um incesto...

Praticar o erotismo literário é um risco, uma aventura de extremos. O escritor homem precisa de especializar-se nas técnicas da sedução e nas competências do sexo, mas sobretudo no conhecimento do feminino – no seu mistério ardente,

na grandeza da entrega total ao homem, nas suas perfídias e perversões. Para se conhecer uma mulher não basta pôr os adjetivos no feminino da prosa. O erotismo da mulher requer o silêncio dos longos abraços, exige a pele sobre a pele, a doçura dos segredos ao ouvido – só depois o corpo, e depois ainda um sono de criança nos braços do amante. Os maus escritores incorrem nos ridículos da literatura apócrifa. São uma desilusão em duplo: não sabem despir suavemente uma mulher, não lhe murmuram frases ternas, não lhe acariciam os ombros, não beijam onde devem beijar, nem deslizam nas águas profundas e pacientes em que se oculta e se revela o desejo da mulher. Os orgasmos delas são atos falhados ou fingidos. Os deles parecem tão brutais como um combate de bisontes numa pradaria americana.

É preciso saber resistir às tentações eróticas nas suas mais pobres e convencionais evidências. As mulheres casadas são as que melhor sugerem o chamado erotismo da transgressão. Há quem adore entrar na intimidade das casadas; e depois incorrer no risco de morrer assassinado a nu nas suas grandes e tristes camas conjugais, quando os maridos regressam mais cedo. Nada disso é erótico, bem entendido. Mas a Literatura está tão cheia de cornos, que é quase um mistério a existência do puro amor nos chamados leitos matrimoniais. A mulher é a medida dos nossos segredos mais íntimos, porque são também os dela. Ninguém nos protege melhor de um marido ciumento, despótico e cornudo; e ninguém nos sonha como príncipes dos caminhos desertos da vida, dos enganos e das suas perdições e infidelidades.

Quando era muito jovem, li o romance *O Amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence. Fiquei muito perturbado na minha puberdade, a ponto de me apaixonar por aquela senhora perfeita que fugia dos braços frios do marido para os de um seu criado. Comecei a vê-la nos meus sonhos adolescentes. Foi o princípio da minha fé na Literatura. Nunca mais deixei de acreditar na narração do desejo, nos trabalhos do amor, no “adulteriozinho” (como lhe chamou Eça de Queirós) e na alegria universal do corpo. Descobri o ardor erótico de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, a perdição de Luísa pelo *O Primo Basílio*, de Eça, o Casanova, o Donjuanismo, o “kamasutra” ocidental do Marquês de Sade, as perversões da jovem *Lolita*, de Vladimir Nabokov, o desejo sexual, insaciável, de *Teresa Baptista Cansada de Guerra*, de Jorge Amado (especialista na arte de revolver entranhas femininas!) e as memórias desbragadas de *A Casa dos Budas Ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro, que considero a obra-prima do erotismo literário brasileiro. No entanto, senhoras e senhores, sabei que os poetas existem, antes e depois de nós. Buscam, rebuscam no verso a universalidade de um amor que afinal não existe. Peritos na sublimação

e na divinização amorosa, ninguém como eles ergue do chão as metáforas e imagens do corpo; ninguém cultivava tão bem o platonismo, a dor comprazida da desilusão, a morte como luto e salvação do amor poético. Mentem magnificamente, os poetas. Passam por grandes amadores, mas não vão além do seu malabarismo verbal, do narcisismo masturbatório mais atroz e da tentação demoníaca da pele e da intimidade das mulheres. Os poetas, minhas senhoras, ao contrário das aves e dos narradores, não são de fiar. Guardai antes a vossa fé para os ficcionistas, e eles vos cantarão melhor do que os poetas! Vinicius de Moraes e Pablo Neruda foram exemplos perfeitos dessas gravíssimas mentiras da poesia acerca do amor e das mulheres. Fernando Pessoa, esse ao menos teve a honestidade e o pudor de não querer nada com elas. A poetisa Florbela Espanca enlouqueceu e morreu do amor que nunca lhe deram. Mas Luís de Camões, o rei dos nossos poetas, que morreu de desgosto com a sua pátria ocupada, esse sim, inventou uma linguagem literária para a língua portuguesa. Além de insigne trovador, dizem que foi um femeeiro inveterado, um quixotesco amoroso e apaixonado por todas as saias, o inventor por excelência dos mais belos versos platônicos da nossa língua. Cito: “*Transforma-se o amador na cousa amada / Por virtude do muito imaginar; / Não tenho logo mais que desejar, / Pois em mim tenho a parte desejada. / Se nela está minha alma transformada, / Que mais deseja o corpo de alcançar?*”.



EM MALANZA

GORETTI PINA

Deitado de costas, Castela tinha toda a extensão da coluna bem apoiada e a cabeça confortavelmente assente no rolo, que para o efeito improvisou com uma rede de pesca. Assim, repousava sobre o tronco do coqueiro caído, o seu corpo grande e esculpido. Tinha cada uma das pernas de um dos lados do tronco e os dedos longos de uns pés 44, enfiados na areia. Trazia uma camisa estafada de um verde-azeitona, justa, aos quadrados, e uns calções rotos de elástico à cintura, de um tom de castanho que se confundia com o achocolatado da sua pele lisa. Davam-lhe pelo meio das coxas em que Alécia se sentaria naquele momento. Mostraria só para ele um sorriso branco que preencheria todo o espaço circundante e mudaria o seu semblante. De seguida, deitar-se-ia sobre ele e colaria o rosto no seu peito de modo a ouvir o bater do seu coração e o som tranquilizante do mar. Inebriado, tiraria do bolso onde guardava um sutiã seu que roubara do estendal a mão direita, e acariciar-lhe-ia as nádegas robustas sob o vestido de chita. Fá-lo-ia igualmente pelas suas costas e pescoço até ao crespo cabelo em tranças pequenas como ela geralmente usava. O seu cheiro era tão presente, quase tangível. Sentiu-o, podia jurar. Ouviu o seu riso. Sentiu-se arrepiar. Sentiu-se incendiar e era apenas a sua lembrança.

Uma bola de luz dourada impôs-se-lhe como se beijasse o horizonte, numa intensidade de cor de arrebatat.

Ao longe, a bola, diante dos seus olhos pretos, amendoados, carregou de nostalgia o jovem pescador. Recolheu o olhar. Fixou-o por breve instante numa estaca com um saco de plástico amarrado ao sabor do vento, a dois metros de si. Respirou profundamente, como se estivesse cansado, o ar leve e fresco que o circundava. Aquele lugar, recanto para onde se retirava com frequência ultimamente, espécie de mini-praia, era o palco dos seus anseios. Já lá estava há quase duas horas. Voltou a olhar para um lado e para o outro. Nem vê-la. Alécia não recebeu o seu recado, ou simplesmente, mais uma vez, não encontrou uma oportunidade para lá ir. Perdeu força nas pernas e o ar pareceu-lhe pesado enquanto o chão sumia-lhe sob a planta dos pés. Uma extensão de areia castanha, não muito grossa, a perder de vista de onde se encontrava para a frente. Atrás de si algumas plantas, canoas velhas abandonadas e uma estrada alcatroada que ia dar a Angolares. Do outro lado da estrada, a floresta densa de fazer doer ou maravilhar os olhos.

Entre Castela e a bola dourada, o mar. De água transparente, nele ondulava, à superfície, o reflexo esplendoroso da bola. Como um lençol de pedras preciosas a flutuar, era de causar deleite a qualquer um. Não a ele. Novo entardecer, apenas. Dessaboroso, penoso. E mais nada lhe era novo, se nem os pensamentos, os receios e os desejos que o matavam.

– Aléeeeeeeecial...

Ouviu ao longe. Levantou-se do tronco num movimento rápido e pôs-se em pé sobre o mesmo, ampliando o seu campo de visão. As suas pernas pareceram retesar pelo aspeto tenso dos gémeos em gomos.

Esticou o pescoço. Trancou o rosto. Já não era música para os seus ouvidos. Era uma afronta.

Em Malanza, localidade no litoral sul de São Tomé, o dia começa cedo. Eram poucos os que usavam relógio, mas que diferença fazia? Bastava o cantar do galo no romper da madrugada para começar a movimentação das pessoas na comunidade.

Algumas canoas saíam para a pesca. Outros pescadores tinham passado a noite no mar e regressavam com as canoas cheias de voadores, bonitos, *concóns*, e tantas outras espécies de peixes, alguns ainda a saltar cheios de estelas.

A praia principal era grande. Mais no limite do alcance da água, pequenos aglomerados de pedras estavam distribuídos por quase toda a praia. Pretas e lisas, faziam lembrar, pela forma, as amêndoas cobertas da Páscoa, em ponto grande. Era nesse limite que, estando cheia a maré, as ondas vinham cuspir as suas espumas brancas nas canelas dos meninos que brincavam.

As casas, umas de *vá-plegá*, outras de madeira com mau acabamento, intercalavam-se aos coqueiros que ao longo da praia pareciam recrutas na formatura. Geralmente

pequenas e sem pintura distavam do mar o suficiente para conferir segurança. Mas quando as ondas estalavam, era como se o fizessem encostadas às janelas dessas casas.

A de Castela era das que tinha cobertura de zinco onde se ouvia o barulho de qualquer coisa com algum peso que sobre a mesma caísse, o que não era tão raro acontecer. Com coqueiros à volta e o vento que por lá se passeava, havia sempre a possibilidade de ser incomodado. Até pelos gatos do vizinho Tino que, no cio, já algumas vezes por lá tinham passado em algazaras arrepiantes, tal como nesta noite. O que foi mau para a insónia que teve. Pela madrugada quando tudo se acalmou, o melhor que conseguiu foi tornar mais vívida a presença de Alécia ao ponto de sentir-lhe a respiração ofegante num tratamento que na sua ausência ofereceu a si mesmo, libertando-se física e emocionalmente. Foi gratificante, relaxante, apaziguador. Mas o seu amor precisava de corpo, de alma e de tudo mais o que era e representava para ele a mulher que amava. Nunca poderia restringir-se àquela componente, pois nunca, de todos os seus íntimos desejos seria parte isolada.

Estava calor. Completamente despido como habitualmente dormia, a única peça que trazia sobre a pele húmida era um *defensor* pendurado ao pescoço. Foralhe posto pelo seu padrinho e nunca o tirava. Saiu de cima do lençol de *botangi* amarfanhado pelas voltas que deu na cama, e abriu o trinco da janela por onde entrou uma aragem que lhe caiu bem. Fez alongamentos, vestiu-se e saiu daquele quarto, enorme para a sua solidão, pequeno para os seus movimentos.

Não muito distante da casa de Castela, a dormir no seu colchão de palha de milho desfiada, Alécia não demoraria muito mais tempo a acordar. Até porque se fosse preciso, *sun* Macedo, o seu pai, encarregar-se-ia de o fazer. Mas, por enquanto, os seus 52 quilos distribuídos por metro e sessenta de altura estavam a ter o merecido descanso. Quando acordou, o seu primeiro pensamento foi para Castela. Virou-se, tendo ficado de peito para cima, e abriu lentamente os grandes olhos castanhos contra a escuridão do quarto. Tinha o rosto oval com as maçãs levemente pronunciadas e o queixo tão arrebicado como a sua personalidade que o pai tentava moldar. Era mais engraçada do que bonita, com toda a relatividade que esta caracterização encerra. O que explicava o facto de ser considerada por Castela a mais bela de todas as mulheres que vira nos seus vinte e três anos de existência. E se a visse naquele momento tal como estava, pasmar-se-ia. Ou não. Com os lábios apelativos como pitangas maduras, ela deslizava vagarosamente as mãos sobre os seios, estes sim, indiscutivelmente bonitos, redondos e firmes de mamilos pretos, enquanto desejava ardentemente que fosse ele a fazê-lo. Cada ínfima parte do seu corpo estava ávida pelo seu toque.

De entre as bananeiras, rompia um grupo de homens que se cruzou com Castela. Este, com uma bandola pendurada ao ombro, já tinha exposto ao sol, que ainda demorava a mostrar-se, mais de duzentos voadores. Tendo-se posto a pé muito mais cedo do que qualquer um dos outros, foi o primeiro a sair à rua. Precisava de trabalhar mais, e madrugava por isso. O assobio nos lábios carnudos ajudavam-no a levar a vida com maior otimismo. Por Alcécia, suaria a camisa até ao limite das suas forças.

– Oh, Castela!... Você abriu de manhã com mão? – perguntou-lhe Vensáua, o mais novo do grupo.

Riram-se todos, muito despertos. Castela não resistiu e sorriu, sem tirar o assobio dos lábios. Facto era que tinham acordado, todos, muito bem-dispostos. Uns traziam sobre a cabeça feixes de *clêclê* de que as suas mulheres ou mães precisavam para defumarem os peixes que nessa altura abundavam. Outros, já com alguns copos bebidos, traziam bidões de vinho de palma doce. Estavam todos ocupados, fosse com o que fosse.

Castela juntou-se ao grupo porque o passo seguinte da sua ocupação do dia trazia-o na mesma direção.

Vinham a conversar descontraidamente, lembrando casos passados, até que um dos *viantêlos* perguntou-lhe indiscretamente:

– Ó pá, até quando é que você deixa essa vida *de sôle*, hem?

Entre eles era absolutamente normal a pergunta, mas foi dirigida com uma ponta de malícia que Castela ignorou. Respondeu ao companheiro com a maior naturalidade:

– Bem, eu... ainda estou a juntar dinheiro. Você sabe muito bem que querer mulher é uma coisa e tomar mulher é outra coisa...

– É agora!.. É agora que toda coisa ficou caro! No meu tempo quando eu tomei Ma Petú, sete conto só que eu paguei pai dela! – Interrompeu-o Malê, outro *viantêlo*.

– Você só?... Quando eu tomei Catundê, não é ele mesmo que eu paguei?! Sete conto! – participou um terceiro – Meu irmão Péro, quando tomou Catuma, mesma coisa qu'ele pagou! Sete conto! – contou.

– Mas nesse tempo sete conto era dinheiro! – observou Vensáua.

– Todo modo, você está a demorar muito, Castela! *Quê cui?* – opinou Malê. – Quando homem quer mulher, homem não brinca, não! Ela vai esperar você até que dia? Hem? Piquena está com sede no olho, que toda gente está a ver! – exclamou de boca cheia.

Riram-se todos. Castela inchou de raiva.

– Sede no olho? – reagiu encarando-o. – Qual é tua ideia? Fala-mo! Que é que você quer pra eu fazer? – agravou a voz, perturbado.

Naquele momento sentiu-se incompreendido e abandonado na sua frustração. E teve a nítida impressão de que Malê olhava com desejo para a mulher por quem morreria se fosse preciso.

– Eu não, eu não quero nada! Você é que sabe qual é bobo que você está nele!... Uma coisa só que eu sei: se era comigo, eu já resolvia problema dela há muito tempo! – respondeu-lhe de peito estufado.

Castela detestou a forma desrespeitosa como Malê tratou o seu drama, sobretudo a observação que fez a respeito de Alécia. Mas preferiu dar-lhe desconto do que quebrar-lhe alguns dentes, que foi o que lhe ocorreu no primeiro instante. Ainda ouviu o amigo Vensáua dizer:

– Chê, Malê, você quer acabar com homem?

– Acabar com homem porquê? – retorquiu. – É melhor você não falar nada porque você também está muito parado pra tua idade!... Eu tenho experiência de vida, por isso que eu estou a dar ele conselho. Pra bem dele! – justificou-se e virou-se para Castela: Toda coisa que eu Malê tou a falar é para teu bem, pra dar você força! Agora, se você quero inguinar, levar a mal, você é que sabe. – procurou desculpar-se. – Nosso tempo era diferente. Nossa vez não custou bastante assim como de você está a custar!...

– Sorte de vóces! Eu não sou de vosso tempo, o que é que vocês querem p'eu fazer? – retorquiu com alguma irritação.

– Calma, homem, calma. – solidarizou-se Pléla, o mais velho do grupo. – Ainda está faltar muito? – perguntou-lhe, sério.

– Não. – respondeu após respirar profundamente. E adiantou: – Está a faltar pouco. Essa salga qu'eu estou a fazer, se der pelo menos noventa conto, até mês que vem eu tenho mulher em casa. – animou-se.

E Alécia estava ansiosa por isso. Se dependesse exclusivamente da sua vontade ou da vontade de ambos, há muito que era mulher de Castela. Tinha urgência em viver o amor que sentiam um pelo outro. Queria com ele construir o próprio lar e ser dona do seu destino. Os seus braços musculados e mãos duras, Alécia queria-os à volta da sua fina cintura, ou acariciando todo o seu corpo. Todas as noites, todos os dias. Queria dormir e acordar com ele. Tratar da sua comida e da sua roupa, ajudá-lo na salga e na venda de peixes, enfim, partilhar com ele a vida. Estava desejosa por lhe dar todos os filhos que ele fosse capaz de gerar.

Desde que a sua mãe fugira com outro homem sem deixar rasto, *sun* Macedo, seu pai, tornara-se rabugento e amargurado. Na filha, via a figura da mulher que o trocara por outro. Descarregava nela todo o rancor de que, para o seu próprio mal, nunca mais se libertava. Era o que parecia quando berrava com ela por banalidades, na presença de todos.

Mais tarde, a escassos metros da casa do vizinho, *sun* Tino, Castela recolhia os peixes salgados que, expostos sobre um vasto lençol de ramos de andala, estavam ali desde manhã a secar.

Estava preocupado. O tempo esgotava-se. A abundância de peixe era cada vez maior, e o escoamento difícilíssimo. Na época de *vuadô-panhá*, não havia mercado para tanto pescado. E essa fartura só atrapalhava e comprometia os seus planos. Nos últimos dias trabalhava incansavelmente para um único fim: completar a quantia necessária para entregar ao pai de Alécia, como manda a tradição angolara, de modo a que este permitisse que a filha amigasse com ele.

Castela sentia-se ameaçado porque pesava sobre ele uma pressão maior: o outro pretendente de Alécia. Chamava-se Fonando. Um sujeito mestiço na casa dos cinquenta, o qual, se fosse exigido por *sun* Macedo, estaria em condições e na disposição de pagar por Alécia até o dobro do dinheiro que ele tanto se sacrificava para juntar.

Com conhecimento de que Castela tardava a conseguir o valor exigido, foi pela segunda vez propor-se a *sun* Macedo como genro.

Alécia estava presente e intrometeu-se na conversa que *sun* Fonando estava a ter com o seu pai.

– Cala boca! Se Castela queria você, ele vinha buscá você há muito tempo.– disse *sun* Macedo, embravecido. – Se ele pensa como é ele que manda aqui em minha casa, ele tá muito enganado!

– Mas pai... – Alécia tentou justificar por Castela.

– Mas? Mas o quê?... Todo esse tempo passou, hem, rapaz não arranja dinheiro?!... Ele está a pensar bem mesmo? Ele quer mulher mesmo? Eu Macedo é que não vou ficar a sustentar você de graça, ainda tipo fica a gozar com minha cara. – vozeirou.

Alécia estremeceu. Não suportava sequer a possibilidade mais remota de se tornar mulher de *sun* Fonando. Detestava-o. Desde o início da sua adolescência que o homem andava a rondá-la, com abordagens ordinárias que ela só não contava ao pai porque se sentiria constrangida a fazê-lo. Agora lá estava ele, com ar feliz, de olhos pregados no generoso decote da sua blusa. Apavorou-se quando o pai afirmou que se no prazo de oito dias Castela não a fosse buscar, ela seria obrigada a amasiar-se com aquele sujeito.

Nessa noite caberia a ela a insónia que teve Castela na outra noite. Mas não foi daquela maneira. Embora tivesse demorado a adormecer, cansada que estava de tanto trabalhar, dormiu como um anjo.

Amanheceu. Alécia despertou sobressaltada. Este era o momento decisivo da sua vida. O ar estava mais frio do que nos últimos dois ou três dias. O sol,

preguiçoso, demorava a mostrar-se. O mar parecia calmo e poucas eram as garças que o sobrevoavam. As canoas já saíam para a pesca. Outros pescadores chegavam. Algumas crianças brincavam na praia. Das cozinhas, maioritariamente ao ar livre, saíam nuvens de fumo que subiam e desfaziam-se no ar.

Às seis e meia saltou da cama. Às sete varria o quintal.

Sun Fonando chegava com o dinheiro para levá-la. Cumprimentou-a e perguntou pelo seu pai. Cheia de ódio, ela, pura e simplesmente ignorou-o e continuou a varrer.

Sun Macedo ainda estava a dormir.

Fonando sentou-se numa pedra em frente à casa e aguardava com paciência o pai de Alécia. Estava certo de que ele ainda não tinha saído.

Alécia continuava com os seus afazeres, aguentando-se ao máximo para não insultar aquele homem. Sabia perfeitamente que se o fizesse estaria a complicar muito mais as coisas. Fonando também não lhe dizia rigorosamente nada. O negócio de que vinha tratar era com o seu pai e não com ela. Por isso, não tinha que lhe dar satisfações. Embora fosse ela o “objeto” do negócio. Limitava-se por enquanto a observar as suas coxas roliças mal cobertas pela saia de pregas e pela inclinação do tronco que era obrigada a fazer para conseguir manusear eficazmente a curta vassoura de *andala*.

Depois de ter posto ao lume, a assar, duas cabeças de fruta-pão, Alécia, com o coração na mão, deu um salto a casa de Castela.

Para o casal de apaixonados, fora num piscar de olhos que se esgotaram os oito dias de prazo dados por *sun* Macedo desde a última abordagem do assunto. Oito dias de noites mal dormidas, de sério receio de um desfecho desfavorável. Era chegado o dia. *Sun* Macedo ainda dormia, mas quando acordasse resolveria. Com Castela ou com Fonando.

Com voz trémula, amargurada, Alécia disse tudo isso a Castela.

– Disarasca, Castela! – implorou-lhe. – Se você quer-mo mesmo, disarasca. Se meu pai obrigá-mo juntá com esse homem, eu mato minha cabeça!

Depois de mais uma vez ter mostrado o seu desespero a Castela, Alécia voltou para casa, deixando-o de momento sem saber o que fazer.

Quando lá chegou, *sun* Macedo e o sujeito já fechavam “negócio”. Antes de se manifestar, ouviu o pai ordenar-lhe:

– Arruma tua carga, acompanha esse senhor! – prosseguiu com determinação no olhar e firmeza na voz, sem se preocupar em absoluto com a dor que causava à filha. – Se Castela queria você, ele vinha há muito tempo...

– Quêi, pai!! Pai sabe que eu só quero Castela, pai está a entregar-me na mão desse homem? – lavada em lágrimas, Alécia procurava despertar alguma compaixão a *sun* Macedo.

Sun Macedo não queria saber. Por um lado considerava que a filha, mulher feita, já devia constituir a sua própria família e deixar de ser para ele um encargo. Por outro lado, contrariamente ao que pensava de Castela, via no *sun* Fonando um homem maduro e com capacidade financeira para sustentar Alécia e os filhos que teriam, sem preocupações.

– Piquena, arruma tuas coisa põe *n'longá*. Não esquece tua vassoura. Despacha. *Sun* Fonando está esperar você. – rematou implacável.

Fonando não disfarçava a sua sensação de vitória. Estava-lhe estampada no rosto.

Alécia teve vontade de correr, de gritar, de espernear. *Sun* Fonando metia-lhe nojo. Desejou que um buraco se abrisse e que o engolisse. Era incapaz de imaginar-se como mulher daquele homem. Ou de qualquer outro. Era a Castela que amava.

Os seus pertences, já os tinha arrumado há muitos dias. Sempre à espera do dia em que Castela a fosse buscar. Respirou fundo, tentando acalmar-se. Entrou no seu quarto, com pés de chumbo, a respirar mal, entre soluços, enquanto Macedo e Fonando esperavam por ela. Naquele momento não sabia por qual dos dois a sua ira era maior. Se os seus olhos fossem espingardas, talvez não hesitasse em matá-los para se ver livre daquela afronta. Pensou, em desespero. Com o coração desfeito, pegou na sua gamela com uma trouxa dentro e com a imprescindível vassoura. Sem vontade de olhar sequer para a cara do pai, saiu.

Fora educada para ser submissa, embora essa educação não fosse compatível com a sua personalidade. De qualquer forma, consciencializou-se de que de nada lhe serviria desobedecer, desafiar *sun* Macedo.

Antes que alcançasse o chão arenoso do qual estava separada por quatro degraus de uma escada de madeira, Castela chegava. Como que num sonho. Trazia às costas um gordo leitão dentro de um saco. Pôs o saco no chão e olhou para ela. Olhou, e os seus olhos tudo disseram. Do amor, do esforço, e do cansaço.

Atrás de Alécia, Fonando e Macedo viram-no chegar. Olhavam para ele, petrificados.

Sem ter sido convidado, Castela subiu os degraus e entrou naquela casa. Pôs-se à frente de *sun* Macedo que, expectante, olhava para ele de cima a baixo. De uma bolsa que trazia presa à cintura, tirou as notas de dobras, maltratadas, e pôs sobre a mesa, com agressividade nos movimentos. Suspirou profundamente. Olhando com firmeza nos olhos do pai de Alécia, disse de forma seca:

– Bom dia *sun* Macedo! – estava receoso... Está aqui dinheiro. Resto que está faltá, eu vim com esse porco pra completar. – explicou, apontando, pela porta aberta, para o porco que grunhia dentro do saco, no pé da escada.

– Não deu pra carregar vinho tinto junto com porco, mas ê vou pra casa buscar, venho com ele. – concluiu educadamente.

Houve um breve silêncio. Reinava uma troca de olhares! ... *Sun* Fonando emitiu do fundo da sua garganta um som esquisito como forma de protesto. Nem queria pensar que *sun* Macedo fosse capaz de retroceder no acordo que com ele acabara de firmar, depois de, inclusivamente, ter recebido o dinheiro correspondente. Sabia perfeitamente que Castela pedira Alécia ao pai muito antes de ele ter pedido e que o prazo continuava a vigorar até ao fim daquele dia. Mesmo assim recusava-se a admitir essa possibilidade. E esperava que *sun* Macedo se manifestasse.

Por fim, *sun* Macedo sorriu. Cinicamente.

Alécia pegou na gamela que já tinha sobre a cabeça e pô-la no chão da sala. Antes de cruzar os braços debaixo dos seios, coçou a cabeça com todos os dedos da mão direita. O seu cabelo crespo naturalmente alourado não tinha sido trançado naquele dia. Notava-se. Coçou novamente a cabeça tendo enfiado o indicador por baixo do começo da malha de uma das inúmeras tranças. Depois, com o mesmo dedo, esfregou os olhos, que de tantas lágrimas estavam encarnados.

Ansioso, Castela perguntou:

– Pode ser assim, *sun* Macedo? Eu posso levar minha mulher?

Macedo concordou com movimento de cabeça, abanando-a lentamente no sentido vertical.

Mal viu o pai concordar, Alécia levantou a gamela do chão e pôs de novo sobre a cabeça.

Indignado e aborrecido, Fonando barafustou, tentando impedir a saída do casal.

Imediatamente, Macedo retirou da algibeira o dinheiro que ele lhe tinha entregado e estendeu-lho.

Inconformado, Fonando não quis aceitar. Não esperava que Macedo resilhasse. Gerou-se então uma acesa discussão entre os dois.

Enquanto Castela ainda tentou acalmá-los, Alécia aproveitou-se disso e chamou de velho ao homem.

– Repite isso que você falou! Repite!! – disse *sun* Fonando a Alécia num tom intimidador.

– Velho! Velho mesmo!! Disgraçado! – enfrentou-o, destemida.

Sentindo-se profundamente ofendido, Fonando nada mais disse, nem ofereceu mais resistência. Abandonou a porta.

Alécia não esperou nem mais um minuto. Com o seu enxoval sobre a cabeça, despediu-se do pai, já a descer as escadas.

Castela respirou de alívio. Juntamente com ela desapareceu-lhes da vista por entre as bananeiras.

Fonando apanhou o seu dinheiro, que no meio da discussão e da sua relutância em recebê-lo da mão de Macedo, tinha caído no chão.

– Senhor tomou dinheiro na minha mão, entregou-mo outra vez?! Porquê? Esse rapaz está a valer mais que eu Fonando? Qué que ele tem pra dar Alécia? *Pimbi limado* só? Isso que sustenta mulher?? Ehm? Ele que senhor gostou pra ser homem de Alécia, não é? – o seu despeito era tão grande que não conseguia conter-se. – Filha é de senhor, senhor é que sabe!... E ela chamô-mo velho, esqueceu que velho é trapo. Mas não tem problema, aqui é mundo!... – *Nai mé sá n'fênu, nai mé sá glóia!*

– Filha, é uma filha só qu'ê tenho. Qué que senhor quero p'ê fazer senhor? Fala-mo, qué senhor quero p'eu fazer mais? Se rapaz veio no tempo ainda!? – manifestou-se Macedo, mostrando-se incompreendido.

– Que senhor queria fazer, senhor já fez. Acabou conversa. – respingou Fonando.

Macedo ficou preocupado. Sabia que tudo o que Fonando dissera indicava intenção de vingança. Aliás, significava uma clara ameaça. Depois de alguns minutos a olhar para fora, desceu a pequena escada e foi tratar do porco que não se acalmava dentro do saco.

Descia sobre Malanza a cortina da tarde.

Na praia, sentado na sua canoa, *sun* Tino, o vizinho de Castela, remendava redes de pesca e conversava com outro pescador que fazia o mesmo. Esse pescador era *sun* Macedo, que nada dizia sobre o acontecimento do início da manhã. Embora soubesse que esperavam dele alguma manifestação, não se descoseu, como se continuasse tudo na mesma. Mas já todos comentavam. Era o assunto do momento que podia durar toda a semana a ser falado, se não surgisse outra novidade. Era assim o dia a dia em Malanza.

Sulano, mal chegou perto deles, também comentou:

– Eu ouvi lá na tenda que Alécia foi responder homem! *Védé mé, sun* Macedo?

Sun Macedo olhou para Sulano com indiferença.

– Oh! *Sun* Macedo não diz nada? – interveio Tone.

– Qué qu'ocês querem pra eu dizer mais?... Não é Alécia que foi responder homem. É Castela que tomou mulher!!

Tiveram todos vontade de rir, mas conhecendo o mau feitio de Macedo, aguentaram-se para evitar dissabores. A exceção foi Tone.

– E não é mesma coisa? *Sun* Macedo é engraçado, hem! – disse.

– Engraçado é boneco, ouviu?! Se não era respeito de teu pai, eu dava você

uma chapada na boca agora mesmo!! – respondeu *sun* Macedo, sentindo-se desrespeitado.

Sun Tino também não gostou de ouvir *sun* Macedo dizer aquelas palavras ao filho, mas preferiu ignorar para não dar azo a discussões inúteis.

– Pronto, hem! Eu não falei de *sinte* pra chatiar senhor, não, hem! Eu calo boca de mim. Meu piscoço no pau cortado se eu vou voltar a falar com *sun* Macedo mais. – respondeu Tone, magoado com as palavras de Macedo.

Restava saber se ele sempre seria capaz de cumprir o juramento.

Alécia e Castela, finalmente juntos, tinham a primeira noite de amor. Era o consumir de desejos de uma paixão intensa que desabrochou e que parecia nunca mais ter espaço legítimo para se realizar fisicamente. Era o libertar de tensões acumuladas com que já não sabiam lidar e lhes desgastava. Era dos acontecimentos que com tanto querer, na vida, talvez só tenha lugar uma vez. Era o encontro sem reservas de duas pessoas que verdadeiramente se amavam.

No dia seguinte, não acordaram cedo como era costume. Dormiram até tarde.

Glossário de vocábulos e expressões em crioulo forro e angolar, falados em São Tomé e Príncipe, apresentados pela ordem em que aparecem no texto.

Concóns – Peixe abundante e muito apreciado em São Tomé e Príncipe. É encarnado, mede entre 20 a 30 cm, tem uma espécie de carapaça na região da cabeça e é consumido geralmente grelhado

Vá-plegá – Habitação feita com material de palmeira (pavo)

Defensor – Amuleto de proteção feito por curandeiros

Botangi – Tecido de algodão barato.

Sun – Senhor

Clêclê – Ramas secas de palmeira que se utilizam como lenha

Sôle – Quem não tem parceiro amoroso.

Vuadó-panhá – Peixe voador, uma espécie pequena que abunda pelo menos uma vez por ano, durante um período de tempo considerável, em São Tomé e Príncipe

Andala – Rama de palmeira

Longá – Gamela

N'longá – Na gamela

Pimbi limado – Pujança sexual, pénis ereto.

Nai mé sá n'fênu, nai mé sá glória – Cá se faz, cá se paga. Aqui é o inferno mas também é a glória

Védé mé, sun Macedo? – É mesmo verdade, senhor Macedo?

Sinte – Propósito



O LÁBIO CEGO

NUNO CAMARNEIRO

Pediram-me que preparasse um texto sobre literatura e erotismo. E eu aceitei o desafio, apesar de não ter qualquer ideia sobre o que haveria de escrever, apesar de sempre ter praticado as duas artes em separado.

Já comi enquanto escrevia, já me ri enquanto escrevia, mas nunca... enquanto escrevia. Do ponto de vista prático, não há para mim qualquer relação entre uma coisa e a outra. Mas tem de haver uma outra relação, porque a literatura mexe com tudo, e o sexo mexe com tudo, sobretudo quando é bem feito.

Todos os autores falam de amor, alguns do ponto de vista do crente, outros do ponto de vista do ateu ou do agnóstico. O amor está presente mesmo quando está ausente, é uma espécie de crença que se aceita ou se renega, mas que é difícil contornar.

E o erotismo, o que raio é isso? Um amor vertido em corpo? É o sexo teorizado? É simplesmente a descrição do que se fez ou se gostaria de fazer em vez de estar a escrever?

O dicionário diz que o erotismo é um estado de excitação sexual, ou então a tendência para se ocupar com, ou de exaltar, o sexo em literatura, arte ou doutrina. E eu fico meio desconfiado, e parece-me que o erotismo é o sexo sem o sexo.

A par da definição de erotismo vem sempre a definição de pornografia, e é difícil, se não impossível, de estabelecer a fronteira. Será que depende do carácter mais ou

menos explícito das atividades descritas? Será uma medida da beleza do texto? Ou, simplesmente, o erotismo é o que gostamos de ler em público e a pornografia o que gostamos de ler quando estamos sozinhos?

Lembro-me de quando uma amiga minha me aconselhou um livro erótico, ela disse erótico. Era a *Casa dos Budas Ditosos*, do João Ubaldo Ribeiro, e eu comprei o livro, li o livro, e quando a encontrei de novo disse que tinha gostado muito, que era muito erótico, muito erótico mesmo. E talvez lhe tenha piscado o olho. Ela sorriu e foi à vida dela, mas eu tinha quase a certeza que o livro era pornográfico. Pelo menos era bom, e até o aconselhei a muitas outras amigas. Sempre com a mesma frase: É um livro de um erotismo único, libertário, transgressor. E talvez lhes tenha piscado o olho.

Ao escrever os meus dois romances deparei-me com um problema clássico – como descrever uma relação sexual? Deveria pormenorizar tudo quanto era feito? Ou usar a elipse e fazer como um autor francês que fala de “meia hora de um agradável silêncio”? Usar terminologia científica como “falo”, “vagina” e “períneo” ou usar metáforas rebuscadas como “o animoso ariete”, “a mofosa gruta” ou o “virgíneo botão”? Descobri por mim que, em prosa, um ato sexual só é bem descrito se na realidade estivermos a falar de outras coisas – a relação de poder entre os intervenientes, as expectativas de ambos com o relacionamento, o desejo que sentem por outras pessoas, o medo de que a mulher ou o marido entrem subitamente no quarto. Tudo o resto parece artificial e abusivo, afinal as personagens sabem melhor do que nós o que fazer com os seus arietes e os seus botões.

Mas se a prosa teve sempre uma relação de conflito com o sexo, já a poesia é um terreno fértil propenso a qualquer devaneio. Pode dizer-se tudo com pouco, sugerindo, intuindo, pode fazer-se música com os dedos e o desejo de um (ou de mais) corpos.

E eu, que da poesia pouco sei mas muito leio, eu não entendo o porquê. Porque o mesmo se encontra nos decassílabos quinhentistas de Camões:

*Oh, que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vénus com prazeres inflamava,
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo;
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.*

Como se encontra também nos versos cariocas de Vinicius de Moraes:

*Oh! Como és linda, mulher que passas
Que me sacias e suplicas
Dentro das noites, dentro dos dias!*

*Teus sentimentos são poesia
Teus sofrimentos, melancolia.
Teus pêlos são relva boa
Fresca e macia.
Teus belos braços são cisnes mansos
Longe das vozes da ventania.
Meu Deus, eu quero a mulher que passa!*

Mas afinal o que é isso? O que procuramos e o que encontramos pela poesia, que é sexo sem ser sexo? Pode um texto ser corpo? Pode um seio ter a forma da palavra seio? É difícil o amor letrado e é difícil acrescentar versos ao silêncio. Para escrever o desejo é preciso inventar um lábio cego e deixar a língua arder.

Afinal, talvez o erotismo seja o único sinónimo que a poesia aceita – o sexo na ponta no verbo, a sílaba doida, o som de um corpo que colapsa.

Em *A Insustentável Leveza do Ser*, Milan Kundera afirma que a sensualidade é a mobilização total dos sentidos. Inspirado nessa frase, eu tive uma ideia, afinal, talvez o erotismo não seja mais do que o desejo físico pela palavra.





www.jedessine.com

POEMA COLETIVO

LUSOFONIA

Imensidão de mar,
de falas
e de gente...
Um corpo de sal
num breve amanhecer...

Casa da língua, morada do ser,
barco de partida sobre caminhos de sal.
Tocou terras, abriu portos
deu alma e olhos e sonhos
a quantos a quiseram falar.

E bandeiras se fizeram braços
De abraços de sol e de bruma

E somos peixes
na reentrância dos rios
- Zambeze, Kwanza,
Tejo, Geba -
As ilhas que os
barcos trazem
a latência da noite
- o húmido verde
das montanhas
afagado pelas
mãos do tempo -
E as vozes que
as mães trazem
a casa da língua
- as tuas ancas
o distúrbio em repouso.

Dança de caracteres
Papoila rubra
Teus lábios sedosos
Maresia brotando
Palavras d'antigamente
Babel d'idiomas
Oceanos de preciosas culturas.
São casas, aldeias, cidades de nossos Avós
Searas d'Alentejo
Machambas d'África
Arrozais d'Ásia
Brasis de todos nós.

Pulsão no traço
Letra a letra
Sílabas a sílabas
Onda ritmada
Fraterna escrita
Dança da Língua
Alvorada de conhecimentos
Comunhão de Povos!

Foram encontros e desencontros
que marcam a marca
do que somos
num futuro com memória
de quem não renega a história.





1. Fortaleza dos Reis Magos, Prefeitura Municipal de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

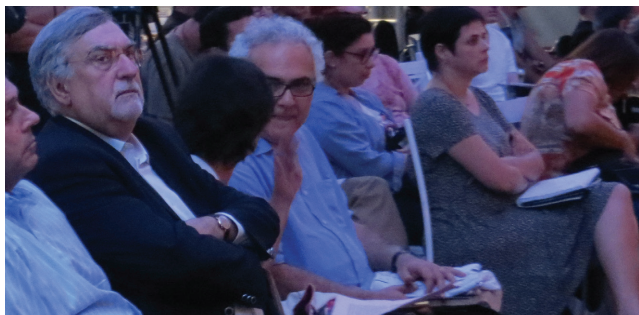


2

2. Entrada da tenda colocada na Praça Augusto Severo onde decorreu o IV Encontro de Escritores de Língua Portuguesa de Natal e se realizaram também as sessões do FLIN (Festival Literário de Natal)

LITERATURA E LUSOFONIA
ANAIIS DO IV ENCONTRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA





3. Manequins como peças decorativas no interior da tenda
4. O escritor Lívio Oliveira e a poetisa Diva Cunha, ambos brasileiros
5. Painel sobre "A Literatura e o Erotismo".
Da esquerda para a direita, Nuno Camarneiro (Portugal), Lívio Oliveira, Diva Cunha, Rui Lourido (Portugal), Celina Oliveira (Macau), João de Melo (Portugal), Goretti Pina (São Tomé e Príncipe) e, apresentando o seu texto, Mário Zambujal (Portugal)

6. Na assistência, Dácio Galvão (Presidente da Funcarte), Carlos Eduardo (Prefeito de Natal), Vítor Ramalho (Secretário-Geral da UCCLA) e o escritor brasileiro Milton Hatoum ocupam os 3º, 4º, 5º e 7º lugares a contar da esquerda
7. O escritor João de Melo
8. Aspeto da assistência

LITERATURA E LUSOFONIA
ANAIIS DO IV ENCONTRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA





9. Alguns aspetos da tenda onde decorreram as intervenções do IV Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, antes da entrada do público

10. Interior da tenda

11. Painel sobre "A Literatura e a Gastronomia".

Da esquerda para a direita: John Bella (Angola) apresenta a sua comunicação, Adriana Lucena (Brasil), Woden Madruga (Brasil), Afonso Cruz (Portugal), José Carlos de Vasconcelos (Portugal) e Franklin Jorge (Brasil)

12. Os escritores José Carlos de Vasconcelos e Franklin Jorge

13. Pormenor da tela do FLIN

14. A Chef e escritora Adriana Lucena e o cronista Woden Madruga

15. O escritor Afonso Cruz





20



21

16. A poetisa Michelle Ferret

17. Pormenor de um dos manequins

18. Painel sobre "A Literatura e o Humor".

Da esquerda para a direita: Germano Almeida (Cabo Verde), António Fonseca (Angola), Ricardo Araújo Pereira (Portugal), Michelle Ferret (Brasil), Luís Carlos Patraquim (Mocambique) e Sérgio Vilar (Brasil)

19. O escritor Germano Almeida

20. O escritor António Fonseca

21. Os escritores Luís Carlos Patraquim e Sérgio Vilar



22



24



23



25



22. O escritor Nuno Camarneiro

23. Da esquerda para a direita: Rui Lourido, Celina Oliveira, João de Melo, Goretti Pina e Mário Zambujal

24. Sessão de encerramento dos trabalhos do IV Encontro de Escritores de Língua Portuguesa. Da esquerda para a direita: Nuno Camarneiro, Rui Lourido, Celina Veiga de Oliveira, João de Melo, Goretti Pina, Mário Zambujal e, em pé, Vítor Ramalho, Secretário-Geral da UCCLA (Portugal).

25. A escritora Goretti Pina

26. Escritores, jornalistas que acompanharam o IV EELP e técnicos da UCCLA

27. A escritora Celina Veiga de Oliveira



ANAIS DO IV ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

LITERATURA E LUSOFONIA

PROGRAMA DAS MESAS E COMUNICAÇÕES REALIZADAS NO IV EELP

Dia 6 de novembro

9h – 10h Receção e cerimónia de abertura

Dia 7 de novembro

Início das intervenções com a presença de

Carlos Eduardo, Prefeito de Natal (Brasil)

Vítor Ramalho, Secretário-Geral da UCCLA (Portugal)

10h30 – 13h **Tema A LITERATURA E O HUMOR**

Moderador Sérgio Vilar (Brasil)

1º conferencista Germano Almeida (Mindelo, Cabo Verde)

Os prazeres da vida

Intervenções António Fonseca (Luanda, Angola)

O Humor e a Literatura: Notas sobre o caso angolano

Luis Carlos Patraquim (Maputo, Moçambique)

Desenrascar a vida em Maputo

Pausa-café

Moderador Michelle Ferret (Brasil)

2º conferencista Michelle Ferret (Brasil)

Intervenções Ricardo Araújo Pereira (Lisboa, Portugal)

Sérgio Vilar (Brasil)

DEBATE

15h – 18h **Tema** **A LITERATURA E A GASTRONOMIA**
Moderador Franklin Jorge (Brasil)
1º conferencista Afonso Cruz (Lisboa, Portugal)
Uma cerveja Assíria, depois de adulta, é um poema
Intervenções Woden Madruga (Brasil)
 Adriana Lucena (Brasil)

Pausa-café

2º conferencista John Bella (Benguela, Angola)
Intervenções José Carlos de Vasconcelos (Lisboa, Portugal)
Gastronomia e Literatura
Franklin Jorge (Brasil)

DEBATE

Dia 8 de novembro

15h – 18 **Tema** **A LITERATURA E O EROTISMO**
Moderador Rui Lourido (Lisboa, Portugal)
1º conferencista Lívio Oliveira (Brasil)
Intervenções Goretti Pina (Santo António, São Tomé e Príncipe)
Em Malanza
João de Melo (Açores, Portugal)
Pequenos e grandes prazeres: o corpo

Pausa-café

Moderador Rui Lourido (Portugal)
Conferencista Mário Zambujal (Lisboa, Portugal)
*O erotismo é como o sexo: cada pessoa tem um
(eventualmente dois)*
Intervenções Nuno Camarneiro (Lisboa, Portugal)
O lábio cego
Celina Veiga de Oliveira (Macau, RAEM, República
Popular da China)
O conto na obra de três escritores macaenses
Diva Cunha (Brasil)
Carlos Peixoto (Brasil)

DEBATE

ENCERRAMENTO | 23 h | Show “Abraço” de Caetano Veloso

ANAIS DO IV ENCONTRO
DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

LITERATURA E LUSOFONIA

ESCRITORES DO IV EELP
Referências Biobibliográficas

Afonso Cruz
António Fonseca
Celina Veiga de Oliveira
Germano Almeida
Goretti Pina
João de Melo
José Carlos de Vasconcelos
Luís Carlos Patraquim
Mário Zambujal
Nuno Camarneiro



AFONSO CRUZ

[Portugal]



Nasceu em 1971, na Figueira da Foz e estudou nas Belas Artes de Lisboa, no Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira e na Escola António Arroio.

É escritor, músico, cineasta e ilustrador.

Trabalhou em cinema de animação, em vários filmes e séries, tanto de publicidade como de autor, de entre os quais se destaca a curta-metragem *Dois Diários e um Azulejo* e «O Desalmado», um episódio da série *Histórias de Molero* (2003).

Ilustrou, desde 2007, cerca de trinta livros para crianças, trabalhando com vários autores, entre os quais José Jorge Letria, António Torrado e Alice Vieira.

Escreveu os livros *A Carne de Deus* (Bertrand), *Enciclopédia da Estória Universal* (Quetzal – Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco 2010), *Os Livros Que Devoraram o Meu Pai* (Caminho – Prémio Literário Maria Rosa Colaço 2009), *A Contradição Humana* (Caminho – Prémio Autores 2011 SPA/RTP; escolha White Ravens 2011; Menção Especial do Prémio Nacional de Ilustração 2011, Lista de Honra do IBBY – International Board on Books for Young People, Prémio Ler/Booktailors – Melhor Ilustração Original), *A Boneca de Kokoschka* (Quetzal – Prémio da União Europeia para a Literatura), *O Pintor Debaixo do Lava-Loiças* (Caminho), *Enciclopédia da Estória Universal – Recolha de Alexandria* (Alfaguara), *Jesus Cristo Bebia Cerveja* (Alfaguara – Prémio Time Out para Melhor Livro do Ano 2012), *Enciclopédia da Estória Universal – Arquivos de Dresden* (Alfaguara), *O Livro do Ano* (Alfaguara), *O Cultivo de Flores de Plástico* (Alfaguara), *Assim, Mas Sem Ser Assim* (Caminho) e *Para Onde Vão os Guarda-Chuvas* (Alfaguara).

É membro da banda The Soaked Lamb, com a qual gravou os álbuns *Homemade Blues*, em 2007, *Hats and Chairs* em 2010 e *Evergreens* em 2012, para os quais compôs vários originais, escreveu letras, cantou e tocou vários instrumentos.

BIBLIOGRAFIA:

A Carne de Deus, Bertrand Editora (2008)
Enciclopédia da Estória Universal,
 Livros Quetzal (2009)

Os Livros que Devoraram o Meu Pai, Editorial
 Caminho (2010)

A Boneca de Kokoschka, Livros Quetzal (2010)

A Contradição Humana, Editorial Caminho (2010)

O Pintor Debaixo do Lava-Loiças,
Editorial Caminho (2011)

*Enciclopédia da Estória Universal - Recolha de
Alexandria*, Alfaguara (2012)

Jesus Cristo Bebia Cerveja, Alfaguara (2012)

O Livro do Ano, Alfaguara (2013)

*Enciclopédia da Estória Universal - Arquivos de
Dresden*, Alfaguara (2013)

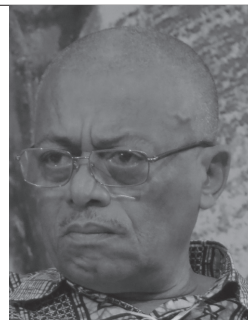
O Cultivo de Flores de Plástico, Alfaguara (2013)

Assim, Mas Sem Ser Assim, Editorial Caminho
(2013)

Para Onde Vão os Guarda-Chuvas, Alfaguara
(2013)

ANTÓNIO ANTUNES FONSECA

[Angola]



Poeta, escritor e ensaísta, gestor cultural e professor universitário, António Fonseca nasceu na região de Ambriz (Angola) em 1956.

Licenciado em Economia pela Universidade Agostinho Neto, é diplomado em Estudos Superiores especializados de Políticas Culturais e Ação Artística Internacional pela Faculdade de Direito e Ciências Políticas da Universidade de Bourgogne, em França. Frequentou, sob a égide do Ministério Francês da Cultura, o curso de «Formação Internacional Cultura», na área de conceção, decisão e gestão culturais.

Dirige a Empresa Nacional de Discos e de Publicações desde 1982 e dirigiu o Instituto do Livro e do Disco de 1983 a 1994, ambos em Angola. Iniciou a atividade jornalística na Emissora Católica de Angola, ingressando posteriormente na Rádio Nacional de Angola onde, desde 1978, realiza e apresenta o programa Antologia, cujo objetivo é o de impedir o desaparecimento e a morte da tradição oral, nomeadamente a literatura.

É cofundador da Brigada Jovem de Literatura de Luanda (BJLL) e da União dos Escritores Angolanos.

Poeta da denominada “Geração das Incertezas”, a sua poesia, como a de outros nomes desta geração, pauta-se pela presença sistemática de um “eu” lírico desiludido e angustiado com a realidade de penúria social vivida no seu país. A sua poesia surge como o espaço privilegiado e possível da atitude crítica e do larvar da imaginação.

Publicou *Raízes*, *Sobre os Kikongos de Angola*, *Poemas de Raiz e Voz*, *Crónicas dum Tempo de Silêncio*, *Contribuição ao estudo da literatura oral e angolana*, *Histórias e memórias desancoradas*, *Contos de Antologia*, *Primo Narciso e outras estórias* e tem no prelo a obra *Da vida e morte de Ufano Garcia* (Mahezu). Figura em algumas antologias e possui colaboração dispersa em alguns jornais e revistas luandenses.

BIBLIOGRAFIA:

Raízes (1982)

Sobre os Kikongos de Angola (1985)

Poemas de Raiz e Voz (1985)

Crónica de um tempo de silêncio (1988)

Contribuição ao estudo da literatura oral e angolana (1996)

Histórias e memórias desancoradas (2006)

Contos de Antologia (2008)

Primo Narciso e outras estórias (Prémio Cidade de Luanda, 2010)

CELINA VEIGA DE OLIVEIRA

[Macau, RAEM, República Popular da China]



Celina Veiga de Oliveira nasceu em 1947, em Avelãs de Cima-Anadia (Portugal). É licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1965) e Doutoranda em História na Universidade Nova de Lisboa.

Desde 2002 é editora da Editorial Tágide. Professora do Ensino Secundário (reformada), foi docente no Liceu Nacional Infante D. Henrique, na Escola do Magistério Primário e no Instituto Politécnico de Macau.

A escritora coordenou o grupo de trabalho encarregado da investigação do espólio jurídico de Camilo Pessanha, foi assessora da Fundação Macau, coordenadora do Gabinete Técnico do Ambiente do Governo do Macau e assessora para a Cultura do Governador de Macau, General Rocha Vieira.

Também foi coordenadora da Revista de Educação – DSEJ, Macau, directora-executiva de Administração – Revista de Administração Pública de Macau e vogal da Comissão Territorial para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, Macau. É ainda autora e apresentadora da série televisiva Arquivos do Entendimento, sobre História de Macau, 12 programas (exibida em Macau, TDM; na China, CCTV; em Portugal, RTP1, RTP2, RTPI, RTP Memória).

BIBLIOGRAFIA:

CONFERÊNCIAS

E ARTIGOS PUBLICADOS (seleção):

“Camilo Pessanha e o sistema judiciário chinês da sua época”, Fundação Rui Cunha, Macau

“China e Portugal: a construção do entendimento luso-chinês a partir de Macau”, Salão Nobre do Palácio da Independência, Lisboa

“Monsenhor Manuel Teixeira - na pegada de um historiador”, Sociedade de Geografia de Lisboa

“Fernando Lara Reis e Graciete Batalha - dois ilustres leirienses em Macau”, Leiria

“Carlos D’Assumpção - 1929-1992”, Macau

“A questão ambiental de Macau”, Banguetcoque

"Macau no contexto da região do Delta do Rio das Pérolas", Pequim

"A China e Macau na obra de Wenceslau de Moraes", Macau

"Os Descobrimentos Portugueses e o encontro luso-nipónico", Japão

"A Nau do Trato no contexto das Relações Luso-Nipónicas", Japão

"O Português como língua franca ou veicular no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII", Universidade de Montreal, Canadá

LIVROS PUBLICADOS (seleção):

No prelo, *Carlos D'Assumpção - Um Homem de Valor*

Camilo Pessanha - O Jurista e o Homem, Macau

Uma História Cultural (em parceria)

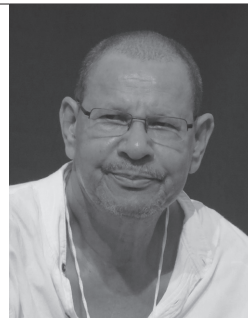
As 8 Cartas de Macau (em parceria)

Camões, Sabes Quem É? (em parceria)

São Paulo - História de um Colégio (em parceria)

GERMANO ALMEIDA

[Cabo Verde]



Germano Almeida nasceu em 1945, em Cabo Verde, na ilha da Boa Vista, de onde saiu aos 18 anos. Licenciou-se em Direito na Universidade Clássica de Lisboa e vive atualmente em São Vicente onde, desde 1979, exerce a profissão de advogado.

Publica as primeiras “Estóreas” na Revista Ponto & Vírgula, assinadas com o pseudónimo de Romualdo Cruz. Estas estóreas, às quais se acrescentaram algumas outras, inéditas, foram publicadas em 1994 com o título *A Ilha Fantástica* que, juntamente com *A Família Trago* (1998), recriam os anos de infância e o ambiente social e familiar na ilha da Boa Vista. Mas o primeiro romance publicado por Germano Almeida foi *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*, em 1989, que marca a ruptura não só com os tradicionais temas cabo-verdianos da fome, da emigração e do eterno dilema dos ilhéus, dilacerados entre o partir e o ficar, mas também com uma narrativa excessivamente descritiva, linear e sisuda.

O Meu Poeta (1990), *Estórias de dentro de Casa* (1996), *A Morte do Meu Poeta* (1998) e *As Memórias de um Espírito* (2001), formam o que se pode considerar o ciclo mindelense da obra do autor. Em traços gerais, poderá dizer-se que o primeiro e terceiro títulos retratam a vida pública e política de Mindelo, enquanto as *Estórias* nos remetem para a esfera do doméstico e as *Memórias* para a esfera da vida íntima. A ideia de ciclo é ainda reforçada pelo facto de muitas das personagens circularem com o maior à-vontade por estes quatro livros.

O Dia das Calças Roladas (1992) e *Os Dois Irmãos* (1995) são estóreas que têm por base histórias realmente acontecidas, no ambiente rural das ilhas de Santo Antão e Santiago, respectivamente, e em que, na qualidade de advogado, o autor tomou parte. *Estórias Contadas* (1998) (55 crónicas selecionadas de entre as publicadas no jornal Público) e *Dona Pura e os Camaradas de Abril* (1999), o mais pícaro dos seus romances, *Viagem pela História das ilhas* (2003), *O mar na Lajinha* (2004), *Eva* (2006) e *A morte do Ouvidor* (2010), completam a obra publicada por Germano Almeida até ao momento e todas elas confirmam o título que desde sempre reclamou, o de contador de estóreas. De facto, a presença activa e manipuladora do narrador é uma das características mais marcantes da sua escrita. Irónico e trocista, é capaz de manter o tom coloquial de quem conta uma

estórea, domina perfeitamente o tempo narrativo, mesmo quando os acontecimentos são contados do fim para o princípio em permanentes e inesperados saltos. Antecipar-se para nos surpreender, outras vezes recua para nos fornecer detalhes necessários à compreensão dos factos. Manipula a realidade e a ficção como se de um infundável jogo de espelhos se tratasse, fundindo, distorcendo, recriando.

Como um pintor impressionista, Germano Almeida “forja” as personagens e lugares dos seus romances, sem desenhar pormenores ou detalhes, mas criando nos leitores as impressões necessárias à construção psicológica e até física desses personagens e lugares. Para as personagens secundárias, sem tempo nem espaço para nos *impressionar*, usa então um traço quase caricatural, fazendo sobressair o detalhe isolado e a distorção de linhas. A autenticidade da linguagem completa o desenho das personagens. E porque é um discurso vivo, a presença do crioulo é extremamente forte. É verdade que Germano Almeida escreve em português, mas também é verdade que há personagens que julgamos ouvir falar em crioulo, mais pela construção da frase do que por uma ou outra palavra que o autor vai buscar ao crioulo, com a mesma sem-cerimónia e naturalidade com que isso se faz no dia-a-dia de Cabo Verde, numa útil, económica e criativa mistura de línguas.

Germano Almeida foi fundador e co-diretor da *Revista Ponto & Vírgula* (março de 1983 a dezembro de 1987), coproprietário e diretor do jornal *Água Viva* (março de 1991 a junho de 1992). É sócio da Ilhéu Editora (1989) que, em Cabo Verde, tem publicado as suas obras. Em Portugal é editado pela Editorial Caminho e tem também obras publicadas no Brasil, França, Espanha, Itália, Alemanha, Suécia, Holanda, Noruega, Dinamarca, Cuba, Estados Unidos e Bulgária.

BIBLIOGRAFIA:

O dia das calças roladas (1982)

O Meu Poeta (1989)

O testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo (1991)

A morte do meu poeta (1998)

A Família Trago (1998)

Estórias contadas (1998)

Estórias de dentro de Casa (1996)

Dona Pura e os Camaradas de Abril (1999)

As memórias de um espírito (2001)

Cabo Verde - Viagem pela história das ilhas (2003) - Apresentação histórica das nove ilhas habitadas de Cabo Verde

O mar na Lajinha (2004)

Eva (2006)

PRÉMIOS

Prémio do Instituto Marquês de Valle-Flor (1991)

Prémio Crítica da Imprensa de S. Paulo (1996)

GORETTI PINA

[São Tomé e Príncipe]



Gorette Pina, de seu nome completo, Alice Gorette Dias Xavier de Pina, nasceu na cidade de Santo António, na ilha do Príncipe. Em 1993 mudou-se para a ilha de S. Tomé para concluir os estudos secundários no Liceu Nacional. Regressou à ilha do Príncipe onde trabalhou como professora eventual de Português no ensino secundário. De novo em São Tomé, foi secretária de ministro do Ministério da Saúde, tirou o curso de Formação de Empresários, e integrou a direção da Associação de Jovens Santomenses com Iniciativa Empresarial até ao ano de 2000. Em 1996 levou a público a sua primeira coleção de moda. Seguiram-se diversas exposições individuais e coletivas por vários países, e algumas menções de reconhecimento, a mais recente das quais em Fevereiro de 2012.

Veio para Portugal em 2000, onde, além conciliar os estudos e o trabalho, continuou ligada ao associativismo e à moda sem abandonar o gosto pela escrita. Em 2003 concluiu o curso de Marketing Internacional para a Indústria do Vestuário pela Escola Profissional Magestil, um ano após ter ingressado no ensino superior. É licenciada em Direito e pós graduada em Criminologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) de Lisboa, cidade onde reside e trabalha como criadora de moda autónoma e como agente de mediação intercultural nos serviços públicos nas áreas de Saúde, Educação e Intervenção Comunitária no MISP, um projeto que resulta de uma parceria entre o ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural), a Câmara Municipal de Loures e o Movimento Associativo do Concelho.

Gorette Pina tem poemas publicados na secção de Escrita Criativa da revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução, *Babilónia*, de 2005. Em 1998, participou no concurso de literatura Prémio PALOP/98 com a obra *O amor da filha do angolar*, selecionada para um concurso internacional em Maputo, em fevereiro de 1999. Em 2010 ganhou o concurso Criar Lusofonia, promovido pelo Centro Nacional de Cultura (CNC), com o projeto literário *No dia de São Lourenço*, de que resultou um romance recentemente editado pela Editora Colibri. Publicou em novembro de 2012 a obra poética *Viagem*, com a editora Lugar da Palavra e, em março de 2013, participou na antologia poética da CPLP (Poética II) da Editora Minerva. Participou na Poética III da mesma editora, uma compilação com participação de 70 autores, lançada em novembro de 2013.

BIBLIOGRAFIA:

Rocinha, poemas. *Babilónia* - Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução (2005)

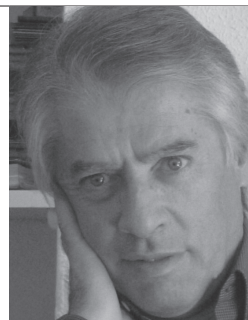
Viagem, poesia. Editora Lugar da Palavra (2012)

As borboletas, as naus, e as cerejas que transpiras, poemas. *Poética II*, Editora Minerva (2013)

No dia de São Lourenço/O encanto do Auto de Floripes, romance. Editora Colibri (2013)

JOÃO DE MELO

[Portugal]



Nasceu na ilha de São Miguel (Açores) em 1949, onde completou a instrução primária, após o que prosseguiu os seus estudos no continente. Em 1967 passou a residir e a trabalhar em Lisboa. Depois de participar na guerra colonial em Angola entre 1971 e 1974 (tema de duas das suas obras mais significativas, a antologia *Os Anos da Guerra* e o romance *Autópsia de Um Mar de Ruínas*), trabalhou na vida sindical, foi editor de autores portugueses e crítico literário. Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pela qual veio a licenciar-se em 1981 com o curso de Filologia Românica.

Professor dos ensinos secundário e superior durante vários anos, foi convidado pelo governo português para o cargo de conselheiro cultural junto da embaixada de Portugal em Espanha (cargo que desempenhou durante 9 anos, entre 2001 e 2010). Em 2003, em Madrid, criou a “Mostra Portuguesa” (de que realizou 7 edições), o maior evento cultural português fora de fronteiras. Tem traduzidos para espanhol os seguintes livros da sua autoria: “*Gente feliz con lágrimas*”, “*Antología del cuento portugués*” (Alfaguara), “*Cronica del principio y del agua y otros relatos*”, “*Mi mundo no es de este reino*”, “*Mar de Madrid*” e “*Autopsia de un mar de ruinas*” (Linteo Ediciones).

Autor de obras de ficção, ensaios, antologias, poesia, livros de crónicas e de viagem, os livros foram traduzidos em Espanha, Itália, França, Holanda, Roménia, Bulgária, Estados Unidos, Hungria, Alemanha, Reino Unido, Sérvia e México.

Foram-lhe atribuídos os seguintes prémios literários: Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores, Prémio Eça de Queiroz/Cidade de Lisboa, Prémio Cristóvão Colombo (Capitais Íbero-americanas), Prémio Fernando Namora/Casino do Estoril, Prémio Antena 1, Prémio «A Balada» e Prémio Dinis da Luz.

Gente Feliz com Lágrimas, o seu romance mais conhecido, foi adaptado ao teatro pelo grupo O Bando, e a telefilme e série de televisão pelo realizador José Medeiros.

BIBLIOGRAFIA

A Divina Miséria (Novela) (2009)

Luxúria Branca e Gabriela (Conto), ilustrações de Francisco Simões (2009)

O Vinho (Conto), ilustrações de Paula Rego (2008)

O Mar de Madrid (Romance) (2006)

As Coisas da Alma (Contos) (2003)

Literatura e Identidade / Identidad y Literatura (bilingue) (Ensaio) (2003)

Antologia do Conto Português (Antologia) (2002)

Açores: O Segredo das Ilhas (Viagens) (2000)

O Homem Suspenso (Romance) (1996)

Dicionário de Paixões (Crónicas) (1994)

Bem-Aventuranças (Contos) (1992)

As Manhãs Rosadas (Conto), ilustrações de David de Almeida (1991)

Gente Feliz com Lágrimas (Romance) (1988)

(Grande Prémio de Novela e Romance da APE, 1989; Prémio Fernando Namora, 1989; Prémio Eça de Queirós/Cidade de Lisboa, 1989; Prémio Livro do Ano Antena 1, 1989; Prémio Internacional Cristóbal Colón de las Ciudades Capitales Ibero-americanas, 1990)

Os Anos da Guerra (Antologia) (1988)

Entre Pássaro e Anjo (Contos) (1987)

(Prémio literário "A Balada", Açores, 1989)

Autópsia de Um Mar de Ruínas (Romance) (1984)

O Meu Mundo Não É Deste Reino (Romance) (1983) (Prémio Dinis da Luz, Açores)

Há ou Não Uma Literatura Açoriana? (Ensaio)

Toda e Qualquer Escrita (Ensaio) (1982)

Navegação da Terra (Poesia) (1980)

(Prémio Dinis da Luz, Açores)

A Produção Literária Açoriana nos Últimos Dez Anos (1968-1978) (Ensaio) (1979)

Antologia Panorâmica do Conto Açoriano (Antologia) (1978)

A Memória de Ver Matar e Morrer (Romance) (1977)

Histórias da Resistência (Conto), 1975

INFANTO-JUVENIL

Carta a El-Rei Dom Manuel Sobre o Achamento do Brasil, adaptada para os mais novos, ilustrações de Carla Nazareth (2009)

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

[Portugal]



Poeta, membro da Academia Brasileira de Letras, jornalista e advogado, José Carlos de Vasconcelos nasceu em Freamunde, Paços de Ferreira, em 1940. Estreou-se muito cedo na vida das letras, designadamente dirigindo uma página literária no jornal O Comércio e publicando o primeiro livro de poemas, *Canções para a Primavera* (1960).

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi destacado dirigente associativo, presidente da Assembleia Magna da Associação Académica, chefe de redação da Via Latina e da Vértice, fundador e presidente do Círculo de Estudos Literários, ator do TEUC, etc.

Já licenciado, iniciou a sua carreira de jornalista em 1966, no Diário de Lisboa. Interveio ativamente na vida sindical e, como advogado, na defesa de presos políticos e jornalistas. Fez numerosas sessões de leitura de poesia em vários pontos do país, só ou com Carlos Paredes, e participou em sessões de “Canto Livre” com José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Francisco Fanhais e Manuel Freire, entre outros.

Após o 25 de Abril esteve na direção do Diário de Notícias e da informação da RTP. Na RTP fez também, com Fernando Assis Pacheco, ainda em 1974, o primeiro programa literário, “Escrever é Lutar”, e foi, durante muitos anos, comentador político (na RTP-1 e na RTP-2), tendo pertencido ainda ao seu Conselho de Opinião. Foi um dos fundadores de O Jornal, seu diretor e diretor editorial do grupo, que criou várias outras publicações (Sete, Jornal da Educação, História, etc.), uma editora, a TSF/Rádio Jornal, com uma cooperativa de profissionais de rádio, etc. Foi também fundador e diretor editorial da revista Visão, que substituiu O Jornal, presidiu à assembleia geral do Sindicato e do Clube dos Jornalistas (e neste caso também à direção).

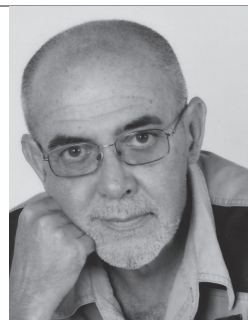
Participou em numerosas iniciativas cívicas e integrou nomeadamente, após o 25 de Abril, a Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista, no âmbito da Presidência do Conselho de Ministros e, mais tarde, o Conselho Geral da Fundação Calouste Gulbenkian – em ambos os casos até à sua extinção. Foi deputado à Assembleia da República, eleito pelo extinto Partido Renovador Democrático, de que foi um dos fundadores, e presidiu à Comissão Parlamentar Luso-Brasileira. Pertenceu à Comissão de Honra dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil.

Criou, em 1981, o JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias, que dirige desde o início; é também coordenador editorial da Visão e presidente do Conselho Geral do Sindicato de Jornalistas. Integra ainda o Conselho Geral da Universidade de Coimbra, o Conselho das Ordens Honoríficas Nacionais (no âmbito da Presidência da República) e o Conselho Consultivo do Instituto Camões. Tem dez títulos de poesia, dois livros infanto-juvenis e um livro sobre Lei de Imprensa. As suas últimas obras editadas são *O Mar A Mar A Póvoa*, com ilustrações de Júlio Resende (2001), *Repórter do Coração*, com uma pintura de Graça Morais (2004), *Caçador de Pirlampos* (2007), com ilustrações de Júlia Landolt, todas com a chancela da ASA; *Florzinha, gota de água* e *Arco, Barco, Berço, Verso* (2010, ed. Gradiva) e ainda, *O sol das palavras* (2012, Editora Modo de Ler).

Entre outras distinções, foram-lhe atribuídos todos os prémios de carreira do jornalismo português: o do Clube Português de Imprensa; o da Casa de Imprensa; o de Manuel Pinto de Azevedo, da Fundação Século XXI/ O Primeiro de Janeiro; o Gazeta, Prestígio, do Clube de Jornalistas. E ainda, na sua 1ª edição, o Prémio Cultura, da Fundação Luso-Brasileira (para personalidades dos dois países); o Prémio Fahrenheit 451, da União dos Editores Portugueses; o Açor Reconhecimento, do III Encontro Internacional de Imprensa não Diária, nos Açores.

LUÍS CARLOS PATRAQUIM

[Moçambique]



Poeta, dramaturgo, guionista e jornalista, Luís Carlos Patraquim nasceu em Maputo, Moçambique, em 1953. Homem de causas, foi refugiado político na Suécia, entre 1973 e a independência do seu país, em 1975.

Integrou, com Mia Couto e outros, o grupo fundador da Agência de Informação de Moçambique (AIM). De 1977 a 1986 trabalhou no Instituto Nacional de Cinema de Moçambique (INC) e na Televisão Moçambicana, como autor de roteiros e de argumentos e como redator do jornal cinematográfico Kuxa Kanema.

Escreve para cinema e para teatro, colaborando na imprensa moçambicana e portuguesa em publicações como a “Gazeta de Artes e Letras” da revista Tempo, Colóquio/Letras e África. Foi coordenador redatorial da revista Lusografias.

Patraquim tem uma vasta obra publicada, em prosa, poesia e teatro. A sua abordagem literária, uma linguagem poética de fusão, complexidade e profundidade, leva-o a ser por muitos considerado como sucessor do poeta moçambicano José Craveirinha. Foi galardoado com o Prémio Nacional de Poesia (Moçambique) em 1995

Patraquim inspira-se em temas do passado, do presente e de sempre em poesias onde retrata o amor, a mulher, o mar e o sonho. Empenhado nos valores da justiça social e do humanismo, não se coíbe de fazer a denúncia das feridas de uma sociedade emergente num país estilhaçado pela guerra civil. Em 1986, deixou Moçambique fixando-se em Portugal.

Regressou a Moçambique em 2014.

BIBLIOGRAFIA:

Monção. Edições 70 e Instituto Nacional do Livro e do Disco, Lisboa e Maputo (1980)

A inadiável viagem, Associação dos Escritores Moçambicanos, Maputo (1985)

Vinte e tal novas formulações e uma elegia carnívora, ALAC, Lisboa (1992) Prefácio de Ana Mafalda Leite

Mariscando luas. Vega, Lisboa (1992) Com Chichorro (ilustrações) e Ana Mafalda Leite. Prefácio de Eugénio Lisboa

Lidemburgo blues. Editorial Caminho, Lisboa (1997)

O osso côncavo e outros poemas (1980-2004), Editorial Caminho, Lisboa (2005) Antologia de poemas dos livros anteriores e poemas novos, com um texto de Ana Mafalda Leite: *O que sou de sobrepostas vozes*

Pneuma, Editorial Caminho, Lisboa (2009)

A Canção de Zefanias Sforza (romance), Porto Editora, Porto (2010)

Antologia Poética. Editora UFMG. Belo Horizonte (2011) Pós-fácio de Cintia Machado de Campos.

Matéria Concentrada, N'djira. Antologia Poética. Maputo (2011) Prefácio de Francisco Noa.

Enganações de Boca, (crónicas) Alcance Editora. Maputo (2011)

Ímpia Scripta, (crónicas e ensaio), Alcance Editora, Maputo (2012)

Manual para Incendiários (crónicas), Antígona, Lisboa (2012)

O Escuro Anterior (poesia), Companhia das Ilhas, Açores (2013)

Teatro

Karingana wa Karingana (2000)

Vim-te buscar (2002)

D'abalada

Tremores íntimos anónimos (com António Cabrita), (2003)

No estaleiro geral (2004)

As mulheres de água (2011)

MÁRIO ZAMBUJAL

[Portugal]



Jornalista e escritor português, nascido em 1936. Foi no jornal A Bola que, em 1961, deu início à sua carreira de jornalista profissional. Ao longo dos anos trabalhou no Diário de Lisboa, no Record, em O Século, foi diretor de Mundo Desportivo, chefe de redação do Diário de Notícias e, ainda, diretor de O Sete.

Trabalhou na rádio e na televisão em diversos programas e é coautor de textos para teatro de revista. Ainda na década de 1980 publicou três livros de ficção: *Crónica dos Bons Malandros*, que obteve grande sucesso e deu origem a uma longa-metragem de Fernando Lopes, *Histórias do Fim da Rua*, em 1983 e *À Noite Logo se Vê*, em 1986. Depois de uns anos de intervalo, voltou a publicar com regularidade.

BIBLIOGRAFIA:

Crónica dos Bons Malandros (1980)

Histórias do Fim da Rua (1983)

À Noite Logo se Vê (1986)

Fora de Mão (2003)

Primeiro as Senhoras (2006)

Já Não Se Escrevem Cartas de Amor (2008)

Uma noite não são dias (2009)

Damas de Espadas (2010)

Longe é um bom lugar (2011)

Cafuné (2012)

NUNO CAMARNEIRO

[Portugal]



Nuno Camarneiro nasceu na Figueira da Foz em 1977. Licenciou-se em Engenharia Física pela Universidade de Coimbra, trabalhou no CERN (Organização Europeia para a Investigação Nuclear) e doutorou-se em Ciência Aplicada ao Património Cultural pela Universidade de Florença.

Actualmente desenvolve a sua investigação na Universidade de Aveiro e é docente no Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense.

Em 2011 publicou o seu primeiro romance, *No Meu Peito Não Cabem Pássaros*, saudado pela crítica, publicado também no Brasil e cuja tradução francesa está prevista para breve. Foi o primeiro autor escolhido pela Biblioteca Municipal de Oeiras, parceira portuguesa da iniciativa, para participar no Festival do Primeiro Romance de Chambéry, em França. Publicou um texto na prestigiada *Nouvelle Revue Française* na rubrica “Un mot d’ailleurs” e tem diversos contos em revistas nacionais e estrangeiras. Mantém, desde 2009, o blogue *Acordar um Dia*, no qual tem vindo a publicar a sua poesia e micronarrativa.

Em 2012 venceu o prémio Leya com o romance *Debaixo de Algum Céu*; em 2015 publicou *Se eu Fosse Chão* e *Não Acordem os Pardais*, ambos sob a chancela das Publicações Dom Quixote.



UNIÃO DAS CIDADES CAPITAIS
DE LÍNGUA PORTUGUESA



